

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Flor de Liz Pereira Leão

**RELAÇÕES SAÚDE, TRABALHO E RESILIÊNCIA DO
DOCENTE-TUTOR NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

Taubaté - SP

2014

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Flor de Liz Pereira Leão

**RELAÇÕES SAÚDE, TRABALHO E RESILIÊNCIA DO
DOCENTE-TUTOR NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Interdisciplinar em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Desenvolvimento Humano, Políticas Sociais e Formação.

Orientadora: Profa. Dra Marluce A. Borges Glaus Leão.

Taubaté – SP

2014

**Ficha Catalográfica elaborada pelo
SIBi – Sistema integrado de Bibliotecas – UNITAU**

L437r Leão, Flor de Liz Pereira
Relações saúde, trabalho e resiliência do
Docente - tutor na Educação a Distância./Flor de
Liz Pereira Leão. - 2014.
119f. : il.

Dissertação (mestrado) - Universidade de Taubaté,
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, 2014.
Orientação: Profª Drª. Marluce Auxiliadora Borges Glaus
Leão, Departamento de Psicologia.

1. Docente - tutor. 2. Saúde do trabalhador. 3. Resiliência.
4. Educação a Distância. I. Título.

FLOR DE LIZ PEREIRA LEÃO

**RELAÇÕES SAÚDE, TRABALHO E RESILIÊNCIA DO
DOCENTE-TUTOR NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Interdisciplinar em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Desenvolvimento Humano, Políticas Sociais e Formação.

Orientadora: Profa. Dra Marluce A. Borges Glaus Leão.

Data: _____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. _____ Universidade de Taubaté

Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Universidade de Taubaté

Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Assinatura _____

A Jesus Cristo por ter realizado este sonho.

A meus pais, pelo incentivo e carinho.

A minha filha Sophia Leão.

A Profa. Dra. Marluce A. Borges Glaus Leão.

AGRADECIMENTOS

Muitos são os agradecimentos a serem feitos, mas destacarei os nomes de algumas pessoas que acompanharam de perto meu trabalho, dando-me atenção, carinho, compreensão e apoio.

Primeiramente, agradecerei ao meu Senhor Jesus Cristo, pelo sonho de ser Mestre.

Também agradeço a todo Saul pelas perseguições, pois não se toca num ungido de Deus. Agradeço ainda:

À minha filha Sophia Leão Lemos, verdadeiro presente e milagre na minha vida.

À minha família, em nome de meus pais – Antonio Ferreira Leão e Sebastiana Pereira Leão que acreditaram e participaram ativamente neste projeto, essa vitória é de vocês. Enfim, a todos os familiares, irmãos (as), tios (as) e cunhados (as), pelo apoio.

A todos os amigos da turma do Maranhão, em especial, à Nívia Maria, com quem vivi os momentos de dificuldades, angústias, muito frio e estudos nas madrugadas..

À Coordenadora do curso, Prof^a. Dra. Edna Chamon, pela oportunidade.

A toda equipe de docentes do mestrado, pelo aprendizado, em especial a minha orientadora, Prof^a Dra. Marluce Leão, eu não vou esquecer-me de sua atenção e amizade.

Aos docentes-tutores que fizeram parte desta pesquisa, e as queridas companheiras que gentilmente ajudaram na aplicação do instrumento de coleta de dados.

Ao querido amigo professor Macedo, pelos conselhos e apoio no momento de dificuldades.

A Universidade Estadual do Maranhão, em especial ao vice-reitor Prof. Dr. Gustavo P. Costa.

E, finalmente, às professoras doutoras Vera Azevedo e Eliane Freire, que fizeram a avaliação desse trabalho nas etapas de qualificação e defesa para sua melhoria, no sentido de tornar real meu sonho: ser mestra.

“Não estejais inquietos por coisa alguma; antes as vossas petições sejam em tudo conhecidas diante de Deus pela oração e súplica, com ação de graças”. Filipenses 4:6

RESUMO

Esta pesquisa aborda os avanços das novas tecnologias que contribuem para o processo de ensino-aprendizagem na denominada sociedade informacional. Focaliza como ocorrem as inter-relações saúde-trabalho para o docente-tutor na modalidade de Educação a Distância (EaD). Este profissional, ao assumir os novos papéis exigidos por este tipo de trabalho, além das funções típicas do docente tradicional, muitas vezes, precisa lançar mão de estratégias de enfrentamento perante os desafios, o que requer potencial de resiliência psicológica para superar as adversidades. O objetivo foi investigar as inter-relações saúde-trabalho e os aspectos de resiliência do docente-tutor que atua no contexto da Educação a Distância. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e do tipo estudo de caso, realizada junto a docentes-tutores de um Centro de Tecnologias para a Educação situado na região Nordeste do Brasil. Como instrumento, utilizou-se um questionário para identificação de questões bio-socio-ocupacionais, e as técnicas de grupo focal on-line e de entrevista aberta, sendo os dados submetidos à análise de conteúdo. Os resultados apontaram o fato de os docentes-tutores perceberem os aspectos positivos nessa atividade, pois 62% consideraram suas condições de trabalho ótimas e 41,48% que o trabalho em EaD é gratificante. Identificaram-se, como aspectos de riscos, a preocupação com a inexistência de legislação trabalhista específica para esta categoria profissional e a jornada extensa de trabalho. Como aspectos de proteção, ressaltou-se a satisfação em contribuir para o conhecimento do outro e a percepção de se conceber como essencial nesse processo de ensino-aprendizagem para o aluno. Quando submetidos a situações adversas nas suas rotinas de trabalho, apresentaram adaptação positivas e esperança de melhoria quanto ao futuro. Os resultados deste estudo indicam haver a necessidade de mais estudos sobre os agravos à saúde do docente-tutor no em diversificados contextos de atuação.

PALAVRAS-CHAVE: Docente Tutor. Saúde do Trabalhador. Resiliência. Educação a Distância.

ABSTRACT

This research addresses the advances of new technologies that contribute to the process of teaching-learning called information society . Focuses on how the interrelationships occurring health-work for the teacher -tutor mode in Distance Education (DE) . This professional , to take on the new roles required for this type of work , in addition to the typical functions of traditional teaching , often need to resort to coping strategies to meet the challenges , which requires potential psychological resilience to overcome adversity . The objective was to investigate the interrelationships health-work and resilient aspects of teacher - tutor who works in the context of distance education . This is a qualitative research , exploratory and case study , conducted with a teacher- tutors Technologies Center for Education located in Northeastern Brazil . As a tool , we used a questionnaire to identify bio -socio - occupational issues , and techniques of online focus groups and open interviews , and the data subjected to content analysis . The results pointed to the fact teachers - tutors realize the positives in this activity , since 62 % considered their conditions of great work and 41.48 % who work in distance education is rewarding . Identified themselves as aspects of risks , concern about the lack of labor legislation specific to this profession and extended working hours . As aspects of protection, it was emphasized satisfaction in contributing to the knowledge of the other and the perception of conceiving as essential in the process of teaching and learning for the student . When subjected to adverse situations in their daily work, had positive adaptation and hope for improvement for the future . The results of this study indicate that there is a need for more studies on the health problems of the teacher -tutor in the diverse contexts of activity ..

KEYWORDS: Teacher Tutor. Occupational Health. Resilience. Distance Learning.

LISTA DE SIGLAS

AC	-Análise de conteúdo
AIS	-Ações Integradas de Saúde
AVA	-Ambiente Virtual de Aprendizagem
ANATED	-Associação Nacional de Tutores na Educação à distância
BDTD	-Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
BIREME	-Biblioteca Regional de Medicina
BVS	-Biblioteca Virtual em Saúde
CAPES	-Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
EaD	-Educação à Distância
EPI	-Equipamentos de Prevenção Individual
IAP	-Instituto de Aposentadoria e Pensões
IES	-Instituição de Ensino Superior
INPS	-Instituto Nacional de Previdência Social
INAMPS	-Instituto Nacional da Assistência Médica da Previdência Social
INEP	-Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
FNDE	-Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
MEC	-Ministério de Educação
NRs	-Normas Regulamentadoras
LDBN	-Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LILACS	-Centro Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde
FGs	- <i>Focus Groups</i>
OIT	-Organização Internacional do Trabalho
OSM	-Organização Mundial da Saúde
PCMSO	-Programa de Controle Médico de Saúde Ocupacional
SCIELO	- <i>Scientific Eletronic Library online</i>
SUS	-Sistema Único de Saúde
TICs	-Tecnologia de Informação e Comunicação
TCLE	-Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

LISTAS DE TABELAS

Tabela 1	- Distribuição dos materiais encontrados nas bases de dados consultadas	19
Tabela 2	- Características pessoais dos docentes-tutores do Centro de Tecnologias para Educação	64
Tabela 3	- Caracterização da formação acadêmica e profissional dos docentes-tutores do Centro de Tecnologias para Educação	65
Tabela 4	- Percepção das condições de trabalho e de saúde dos docentes-tutores do Centro de Tecnologias para Educação	67
Tabela 5	- Distribuição das ocorrências na análise de conteúdo por categorias e subcategorias	69

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	O Problema de Estudo	15
1.2	Objetivos	15
1.2.1	Objetivo Geral	15
1.2.2	Objetivos Específicos	15
1.3	Relevância do Estudo	16
1.4	Delimitação	17
1.5	Organização do Trabalho	17
2	REVISÃO DA LITERATURA	19
2.1	Transformações do mundo do Trabalho	20
2.1.1	Contextos da Sociedade do Conhecimento	23
2.2	A Educação a Distância e seus aspectos históricos	27
2.2.1	Estrutura e papéis do docente-tutor na EaD	31
2.2.2	Educação a Distância: articulações necessárias	37
2.3	Saúde do Trabalhador: questões gerais	40
2.3.1	Saúde do Docente-tutor	47
2.4	Teoria da Resiliência	50
2.4.1	Resiliência e articulações possíveis com a atuação do docente-tutor	54
3	MÉTODO	58
3.1	Tipo de Pesquisa	58
3.2	Campos de Estudo	58
3.3	População e Amostra	59
3.4	Instrumentos	59
3.5	Procedimentos de Coleta de Dados	61
3.6	Procedimentos de Análise de Dados	62
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	64
4.1	Resultados do Questionário de Características bio- sócio-ocupacionais	64
4.2	Análise de Conteúdo	69
4.2.1	Valor Atribuído a EaD	70
4.2.2	Valor Atribuído a tutoria	72
4.2.3	Papel do tutor na EaD	75
4.2.4	Requisitos profissionais do docente-tutor	77

4.2.5	Saúde do docente-tutor	78
4.2.6	Papel da Resiliência	82
4.2.7	Sugestão de Melhorias	86
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
	REFERÊNCIAS	92
	APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista Questionário bio-socio-ocupacionais	101
	APÊNDICE B – Roteiro de Entrevista das Diretrizes do Grupo Focal <i>online</i>	103
	APÊNDICE C – Roteiro de Entrevista Aberta	104
	ANEXO A – Declaração do Comitê de Ética em Pesquisa	105
	ANEXO B – Ofício à Instituição	106
	ANEXO C – Autorização da Instituição	107
	ANEXO D – Termo de Consentimento Livre Esclarecido	108
	ANEXO E – Consentimento da Participação da pessoa como sujeito	109

1 INTRODUÇÃO

Grandes mudanças, em nível mundial, são percebidas na vida cotidiana das sociedades, sobretudo a partir das últimas três décadas do século XX e início do século XXI. Neste contexto de rápidas e profundas transformações, a maior delas, talvez, deva-se às questões da tecnologia, que caracterizam o mundo contemporâneo como a *Sociedade da informação* ou *Sociedade em rede*, sustentada pelo poder da informação, ou ainda como Sociedade do conhecimento (CASTELLS, 2003) ou da aprendizagem (POZO, 2004). Portanto, a partir do advento do telefone, ainda no século XIX, do rádio, da televisão e, mais recentemente, dos computadores e da internet, são grandes as transformações na maneira de viver dos indivíduos. Essas mudanças são percebidas em todos os aspectos da vida, entre eles, aqueles do âmbito do trabalho e da educação.

De fato, o surgimento e/ou aperfeiçoamento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) mudou, significativamente, as formas de trabalho e de aquisição de conhecimento no mundo atual. No âmbito da educação, especificamente, uma das áreas que mais sofreu influências dessas mudanças, foi, sem dúvida, a educação a distância. Segundo Moran (2006), trata-se do processo de ensino-aprendizagem mediado por tecnologias, no qual professor e aluno estão separados espacial/temporamente.

Neste trabalho, apresenta-se a evolução da educação a distância, que teve seu surgimento ainda no século XVII, quando se tem notícias de um anúncio de ensino e tutoria por correspondência em Boston, EUA. Esse ensino foi exercido até a metade do século XX, basicamente através do rádio e do conhecido ensino por correspondência, cujo alcance foi ampliado e aprimorado pelo advento da televisão (BRASIL, 2011). A emergência dos computadores pessoais e da internet incrementou, ainda mais, uma verdadeira revolução em todos os campos da vida em sociedade, tal como na educação, em especial na educação a distância, que, mediada por ferramentas tecnológicas, acrescentou [...] funções anteriormente exercidas no espaço da sala de aula presencial (ALMEIDA, 2010, p. 71).

Essas inovações tecnológicas focam em uma economia interdependente, em que os países mais desenvolvidos buscam crescimento econômico por meio do comércio. Portanto, as tecnologias contribuíram para a globalização da economia, com regras comuns aos países que aderiram às tecnologias, fato que contribuiu para mudanças econômicas, sociais e culturais.

Como toda inovação, as mudanças trouxeram inquietações para as instituições sociais, como as escolas. No caso da educação a distância, novos atores entraram em cena,

como o docente-tutor¹, que assume papel essencial para o sucesso dessa modalidade de educação, e que não deixa de se configurar como profissional docente.

Em relação ao exercício da docência, conforme a Organização Internacional do Trabalho (OIT), este se dá num ambiente de risco físico e mental; além disso, ainda segundo a OIT, esta profissão é a segunda categoria profissional, em nível mundial, a apresentar doenças de caráter ocupacional, incluindo desde reações alérgicas a giz, distúrbios vocais, gastrite e até distúrbios mentais (VASCONCELOS, 1997, p. 20).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), em 2008 houve 12,7 milhões de doenças laborais, sendo 7,6 milhões ocasionadas por câncer, dos quais 19% foram atribuíveis ao ambiente de trabalho, representando 1,3 milhões de mortes a cada ano, uma das principais causas de óbito no mundo (BRASIL, 2011). Portanto, o que se percebe é um crescente número de doenças que afetam diretamente a saúde dos trabalhadores.

Supõe-se que vivemos um novo momento pedagógico no âmbito da EaD; momento que, necessariamente, pede reflexão no sentido de que sejam investigadas as questões e as possíveis consequências da utilização das tecnologias como instrumentos pedagógicos. É preciso que se conheça como os fatores protetores ou de risco agem neste novo panorama de trabalho docente, ou seja, como os indivíduos, mediante as adversidades deste contexto do trabalho, lidam com estas questões. Trata-se aqui de lançar mão de um constructo psicológico denominado resiliência, para conhecer e problematizar as situações docentes cotidianas, dadas em meio a constantes mudanças.

Observa-se que o docente-tutor vem assumindo diferentes papéis e, apesar e além das novas exigências, tende a reproduzir o docente tradicional, comprometendo, em muitos casos, sua atuação como mediador do conhecimento (CABANA; VILARRINHO, 2007). Portanto, existe o risco de comprometimento em sua atuação, fazendo-se imperativo que se conheçam os limites da capacidade de superação frente às adversidades vividas por esses profissionais frente à nova realidade.

Neste trabalho, buscou-se investigar as relações saúde, trabalho e resiliência do docente-tutor na educação a distancia, por se tratar de uma atividade em que o docente-tutor foge aos padrões tradicionais do trabalho docente, ou seja, do espaço presencial para o espaço virtual, mas que, ao mesmo tempo, continua a conviver com os desafios que se colocam para o docente tradicional no país, tais como a “elevada carga de trabalho e estresse” (MILL, 2008).

¹ Considera-se como docente-tutor o trabalhador que tem a função de acompanhar, de ser um mediador e motivador na relação do aluno com o material didático, em busca do conhecimento.

A partir da revisão temática realizada a partir dos postulados desta autora, constatou-se que o tema da presente pesquisa pode ser considerado relativamente novo. Assim, buscou-se inscrever este trabalho em uma tentativa de ampliação das investigações, na tentativa de aprofundar e enriquecer os saberes acerca da temática, pois se trata de tema de enorme relevância, principalmente na atualidade. No Brasil, esta modalidade de ensino ganha ainda mais importância se pensarmos nas distâncias continentais que compõem o país.

Além disso, este tema de pesquisa assumiu também relevância para esta docente-pesquisadora, por ter vivenciado a função da tutoria e pelo compromisso de relatar as experiências dos participantes de maneira a permitir a construção do conhecimento e o incentivo para futuras investigações.

1.1 Problema

Os docentes-tutores, ao exercerem suas atividades no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), realizam muitas ações que trazem impactos à sua saúde. Frente a essa constatação, esta pesquisa apresenta indagações, tais como:

- a) A atividade na EaD pode trazer riscos à saúde do docente que exerce atividades de tutoria?
- b) Que aspectos protegem o docente-tutor dos eventuais riscos a que ele pode estar exposto?
- c) A forma como o docente-tutor enfrenta estes riscos e minimiza seus impactos pode caracterizar-se como resiliência?
- d) Quais são as influências entre o contexto de trabalho da educação a distância e a saúde do docente que atua como tutor no processo de educação virtual junto aos cursistas?

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

Investigar as inter-relações saúde-trabalho e os aspectos de resiliência do docente-tutor que atua no contexto da Educação a Distância.

1.2.2 Objetivos Específicos:

- a) Conhecer como é, para o docente-tutor, trabalhar no contexto da EaD;

b) Identificar os significados dessa atividade no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) e quais as relações com a saúde do docente-tutor;

c) Identificar os fatores de proteção e de risco presentes na relação saúde-trabalho do docente-tutor.

1.3 Relevância do estudo

A EaD, atualmente, mostra-se como uma alternativa inovadora na área educacional, capaz de ultrapassar as barreiras do tempo e do espaço, o que configura, por si só, grande relevância social, pois permite que todo cidadão, especialmente os excluídos do processo educacional superior público, por morarem distante das Instituições de Ensino Superior (IES), ou por falta de opção de horários no ensino regular, tenha uma formação profissional, ou continuada, sem a necessidade de se deslocarem de seus municípios, como salienta Preti (1996, p. 35):

A crescente demanda por educação, devido não somente à expansão populacional como, sobretudo às lutas das classes trabalhadoras por acesso à educação, ao saber socialmente produzido, concomitantemente com a evolução dos conhecimentos científicos e tecnológicos está exigindo mudanças em nível da função e da estrutura da escola e da universidade.

É nesse contexto de EaD que emerge a figura do docente-tutor, desempenhando importantes funções para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem do aluno. Nessa perspectiva, esse trabalho torna-se relevante por possibilitar conhecer um pouco como essas atividades ocorrem, os significados dessa atividade no AVA, e as relações de saúde, trabalho e resiliência do docente-tutor na EaD.

Além disso, espera-se que os resultados dessa pesquisa possibilitem reflexões e discussões a respeito do ambiente de trabalho do docente-tutor no que tange a saúde e a estratégias de superação das adversidades no trabalho, considerando-se a necessidade de criação de ambientes propulsores de resiliência.

Ressalte-se, ainda, que uma pesquisa científica não possui somente a finalidade de descobrir e cogitar sobre determinado problema, mas também de apontar direções para mudanças significativas da realidade, ser referência para outras pesquisas, proporcionando planejamentos mais eficazes na geração de novos conhecimentos. Sendo assim, a ciência deve buscar que o conhecimento produzido sirva para orientar as ações na sociedade, mediante os resultados encontrados nas discussões.

1.4 Delimitação do Estudo

Este estudo, centrado nos temas da saúde no trabalho e da resiliência, com foco nos docentes-tutores que atuam na EaD, se constitui numa pesquisa de campo, de tal modo que a investigação se circunscreve a um Centro de Tecnologias para Educação a Distância, localizado numa instituição pública do estado do Maranhão, mais precisamente na sua capital, São Luís.

Nesta instituição, os docentes-tutores são capacitados e selecionados por meio do curso de Aperfeiçoamento de Tutoria oferecido pela instituição. Como remuneração, o docente-tutor recebe bolsa de estudo e pesquisa concedida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e pelo Ministério da Educação (MEC), pagas pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), conforme disposto na Resolução CD/FNDE nº. 26, de 5 de junho de 2009 (BRASIL, 2009).

O Centro de Tecnologias para a Educação a Distância tem como objetivo o atendimento às demandas da sociedade maranhense no que concerne à formação de profissionais nas diversas áreas de conhecimento – nível médio, ensino profissional, ensino superior (graduação e pós-graduação) e formação continuada.

O Centro funciona há 11 anos e possui 150 (cento e cinquenta) profissionais, envolvidos em diversas atividades, com uma carga horária que varia entre 40, 30 e 20 horas semanais. Atualmente, a instituição possui 08 (oito) cursos de graduação, 05 (cinco) cursos de aperfeiçoamento, 06 (seis) de especialização e 13 (treze) cursos técnicos. O Centro contava, no período de realização da pesquisa, com 365 (trezentos e sessenta e cinco) docentes exercendo a função de tutores nos diversos cursos.

Na modalidade a distância, a instituição usa como ferramenta de trabalho a plataforma Moodle², que é um pacote de software com capacidade para produzir e gerenciar cursos baseados na internet e em websites (MOODLE, 2013). Todos os cursos possuem salas virtuais nas quais são disponibilizados todos os materiais pertinentes ao curso e às disciplinas.

A pesquisa se circunscreve, portanto, a uma amostra dessa população de docentes-tutores que atuam na modalidade a distância neste Centro de Tecnologias para Educação.

1.5 Organização do Trabalho

² Moodle é uma plataforma de aprendizagem a distância baseada em software livre.

Este trabalho apresenta-se organizado em cinco capítulos, os quais apresentam as seguintes informações: Capítulo 1- introdução e descrição do problema, apresentação dos objetivos, da relevância, da delimitação e da organização da pesquisa.

No capítulo 2, apresenta-se a revisão de literatura, que aponta as transformações do mundo do trabalho, abordando os contextos da sociedade do conhecimento, os aspectos históricos e os contextos de mudanças da EaD. Além disso, ainda nesse capítulo, são apresentados os conceitos de saúde envolvendo a medicina do trabalho, a saúde ocupacional do trabalho, o docente-tutor e a teoria da resiliência.

No capítulo 3, destaca-se o método de pesquisa utilizado, bem como o tipo de pesquisa, o campo de estudo, a população e a amostra, os instrumentos, os procedimentos de coleta e a análise de dados.

No capítulo 4, relata-se a apresentação dos resultados encontrados e analisados com base na fundamentação teórica, além das discussões resultantes do tratamento dos dados, advindas das análises. As Considerações finais encerram este estudo.

2 REVISÃO DA LITERATURA

A temática que envolve este estudo ainda é pouco discutida no meio acadêmico, como se pode perceber pelo levantamento bibliográfico a seguir, em que se buscou fazer um mapeamento sobre o tema. Para esse levantamento, utilizaram-se as expressões “Saúde/docente-tutor”, “Saúde/ trabalho do docente-tutor em EaD” e “Saúde/trabalho do docente-tutor e resiliência”.

As buscas foram realizadas em julho de 2013, nas plataformas 1) da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), 2) da Biblioteca Regional de Medicina (BIREME), 3) do Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (LILACS), 4) da Scientific Electronic Library On Line (SCIELO) e 5) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), utilizando como recorte temporal os últimos cinco anos (2009 a 2013)³.

Foi feita uma leitura dos resumos dos materiais encontrados nas pesquisas e os dados obtidos foram sintetizados conforme tabela 1, que informa a quantidade de trabalhos encontrada a partir das expressões utilizadas.

Tabela 1 Distribuição dos materiais encontrados nas bases de dados consultadas

Bases de Dados \ Expressão	BDTD	BIREME	LILACS	SCIELO	CAPES
Saúde docente-tutor	21	65	04	01	28
Saúde e trabalho do docente-tutor em EaD	0	0	0	0	04
Saúde e trabalho do docente-tutor e Resiliência	0	0	0	0	0
TOTAL	21	65	04	01	32

Fonte: elaborada pela autora da pesquisa

Esta pequena amostra de produções científicas será explicitada e devidamente comentada no corpus teórico a seguir.

³ Esse corte temporal ocorreu devido a essas publicações estarem relacionadas ao estudo em questão e serem mais recentes no meio acadêmico.

2.1 Transformações do mundo do Trabalho

As primeiras formas de trabalho humano diziam respeito unicamente à sobrevivência, entendida aqui como busca de alimentos e de abrigo, um momento em que o homem era meramente coletor e caçador e vivia em habitações bastante primárias. Entre esse momento e a atualidade, as mudanças no mundo do trabalho são quase inimagináveis, mas sempre estiveram ligadas às necessidades e desejos do ser humano e, da mesma forma, aos avanços do conhecimento e da tecnologia.

Fazendo-se um grande recorte, pode-se dizer que, de um modo geral, até meados do século XVIII predominou, no contexto da vida humana, o trabalho ligado à vida no campo, à agricultura e à pecuária. Esse predomínio, quase que exclusivo, das atividades agropecuárias manteve-se, quando ocorreu pela primeira vez, de forma significativa na história, a introdução de máquinas que realizavam atividades manuais, inclusive substituindo a mão de obra humana. Era o momento da primeira Revolução Industrial e seu grande marco foi a invenção das máquinas de fiar, na Inglaterra, entre os anos de 1730 e 1769 (BRAUDEL, 1996). Daquele momento em diante, uma grande quantidade de máquinas viriam a ser criadas e/ou aperfeiçoadas, permitindo um grande aumento da produção e mudanças brutais no modo de vida humana.

Dentre estas mudanças, deve-se destacar o próprio aumento da produção, que, gerando um excedente, fazia com que os industriais burgueses pudessem pensar a produtividade para além da mera necessidade, mas, igualmente, em termos de desejos do consumidor, sobretudo pensados na lógica do conforto e do status (TOURAINÉ, 2006). Outro ponto importante da Revolução Industrial foi sua contribuição para o avanço do sistema capitalista existente e ainda predominante no mundo.

Nesse sistema, existe uma divisão bastante nítida entre as classes. Sua organização é piramidal: na ponta da pirâmide se encontram os capitalistas, que, como o próprio nome ilustra, possuem o capital, são os donos dos meios de produção. É importante frisar, ainda, que entre o ápice e a base da pirâmide social do sistema capitalista existe uma camada média variada, formada, comumente, por técnicos, funcionários públicos e profissionais liberais dos mais diversos tipos. O que caracteriza o sistema é o fato de, exceto os capitalistas, todos os demais venderem seu tempo e sua força de trabalho aos donos dos meios de produção.

Os momentos iniciais da Revolução Industrial, sem dúvida, permitiram o avanço das condições materiais de vida do ser humano, porém, é incontestável observar que geraram

um contingente imenso de pessoas obrigadas às jornadas de trabalho desumanas, de, às vezes, até 16 horas por dia, enquanto os capitalistas burgueses permaneciam desobrigados do trabalho, porque as máquinas contribuíam para isto e tinham também o operariado para lhes gerar riqueza (COTRIM, 2007). As consequências desse quadro social que se manteve por longo tempo foram as lutas por direitos trabalhistas, empreendidas pela classe operária, que culminaram em muitos enfrentamentos e mortes, principalmente, a partir do século XIX, mas que, igualmente, geraram as legislações trabalhistas.

Para desmistificar o preço da desumana exploração de muitos trabalhadores, deve-se enfatizar que a Revolução Industrial criou uma série de possibilidades, entre elas, a de o ser humano ver-se mais livre das atividades manuais para dedicar-se às atividades do conhecimento, além das muitas aplicações que passaram a ter as máquinas como instrumentos para a própria aquisição e aprimoramento dos conhecimentos pelo homem (MASI, 2000; AQUINO; MARTINS, 2002).

No entanto, o momento da Revolução Industrial (e por consequência da sociedade industrial) ainda era um momento em que, basicamente, o ser humano passou a utilizar, de forma maciça, as máquinas para transformar as matérias-primas tiradas da natureza para a produção de bens, ou seja, mantendo uma relação ainda bastante próxima com esta natureza. Porém, no século XX, observou-se uma transformação gigantesca no mundo – resalte-se que essas transformações ainda não cessaram e são observadas até nos dias atuais. Um retrato desse momento de transformações é feito pelo historiador inglês Eric Hobsbawm quando caracteriza este novo tempo.

É provável que no terceiro milênio os historiadores do século XX situem o grande impacto do século na história como sendo o deste espantoso período e de seus resultados. Porque as mudanças dele decorrentes para todo o planeta foram tão profundas quanto irreversíveis. E ainda estão ocorrendo. Os jornalistas e ensaístas filosóficos que detectaram “o fim da história” na queda do império soviético estavam errados. O argumento é melhor quando se afirma que o terceiro quartel do século assinalou o fim dos sete ou oito milênios de história humana iniciados com a revolução da agricultura na Idade da Pedra, quando mais não fosse porque ele encerrou a longa era em que a maioria esmagadora da raça humana vivia plantando e pastoreando rebanhos (HOBSBAWM, 2007, p. 454).

Este autor sugere que esta fase do mundo industrial introduziu e aprimorou o uso das máquinas e da tecnologia das máquinas, permitindo o surgimento do que hoje muitos teóricos já chamam de Era da Informação ou de Sociedade Informacional e que se caracterizaria por uma relação cada vez mais indireta com a natureza; que a produção dos bens depende, substancialmente, a cada dia mais dos avanços tecnológicos e do conhecimento e menos da matéria-prima vinda da natureza (MOREIRA, 2007).

De fato, autores da área de Administração, como Chiavenato (1994), também identificam o período que se estende de 1945 a 1980 como uma fase de surpreendente desenvolvimento tecnológico e que, após isto, o que se tem é um período grande de incertezas.

A respeito das transformações e incertezas sentidas no mundo do trabalho, alguns aspectos deste novo momento já se mostram bem característicos. O primeiro deles diz respeito à importância cada vez maior da tecnologia de ponta nos processos de produção, notadamente, utilizando-se o computador com suas inúmeras aplicações nos mais variados campos da atividade humana. Trata-se de verdadeiro fruto desses avanços que, entre seus inúmeros aplicativos voltados a todos os âmbitos da vida social, como a área da educação, vem acrescentando importância à formação continuada dos indivíduos. Sobre essa questão, Drucker (2000) afirma já existir um grupo que pode ser denominado como “operários do conhecimento”, substituindo, em importância econômica, os operários tradicionais.

Cresce, também, o chamado “teletrabalho”, ou seja, o trabalho realizado a distância, no qual o profissional realiza suas atividades fora do ambiente tradicional de trabalho (TOFFLER, 1995). Com isso, a tendência é que passem a ser cada vez menos importantes para o empregador as horas trabalhadas, e mais os cumprimentos dos prazos e a qualidade da produção. Do mesmo modo, o foco das empresas deslocou-se da produção para o cliente, visando à satisfação total do consumidor (DRUCKER, 2000).

A partir do exposto, e no que diz respeito ao trabalhador, pode-se afirmar que, aos poucos, avança a percepção de que os horários devem ser mais flexíveis, fugindo-se um pouco à ditadura do relógio, típica das empresas nos primeiros momentos da Revolução Industrial. No entanto, essas transformações no *modus operandi* resultaram também em desequilíbrio no binômio saúde-doença dos trabalhadores, entre eles, o adoecimento físico e mental, como as lesões por esforço repetitivo, entre outras doenças, como o estresse advindo da própria dinâmica da vida contemporânea, veloz e competitiva e da pressão pelo cumprimento de metas e da busca pela qualidade total, que, numa perspectiva filosófica, desconsidera a própria condição do ser humano como ser falho (SALIM, 2003).

É nesse contexto que se encaixam as atividades dos docentes-tutores na educação a distância, ou seja, profissionais da área da educação, com formação na docência, mas que atuam no âmbito tecnológico, mais precisamente em ambientes virtuais de aprendizagem nos quais a mediação é estabelecida por recursos didáticos e pedagógicos específicos. Contudo, vale lembrar que essa atividade ainda se encontra sem um marco jurídico trabalhista bem definido; estando sujeita a todos os impactos e pressões inerentes à Era da Informação, posteriormente conhecida como Sociedade do Conhecimento (CASTELLS, 2003).

Em relação às transformações no mundo do trabalho, há que se destacar, também, o papel desempenhado pela mulher que, desde o primeiro momento da Revolução Industrial, lentamente passou a sair do lar para trabalhar em funções antes reservadas apenas aos homens. Neste sentido, também a escolarização da mulher teve grande influência no mercado de trabalho e nas instituições educacionais, de tal forma que Serna (2009) afirma que a escola lhe permitiu muitos dos recursos cognitivos e sociais para avançar no âmbito trabalhista.

Este conjunto de transformações, sem dúvida, tornou o mundo do trabalho mais diversificado, mas ainda se “[...] carece de condições de controle sobre os direitos dos trabalhadores em todos os níveis” (SERNA, 2009, p. 6).

No âmbito do trabalho realizado na área da educação, sabe-se que a mulher conseguiu ocupar grande espaço já há certo tempo, chegando a dominar os postos de emprego nesta área, fenômeno que ficou conhecido como feminilização da educação (CHAMON, 2003). Sobre docentes que ocupam a função de tutores, Giannasi-Kaimen et al., (2005), em pesquisa realizada na Universidade Norte do Paraná (UNOPAR), detectou a presença de 80% de tutores do sexo feminino nessa instituição. Ainda sobre o perfil desses profissionais, tudo indica que apresentam certo tempo de experiência profissional, posto que o Censo EaD/BR, realizado em 2011, constatou que a maioria se encontra na faixa etária entre 31 e 40 anos (INEP, 2013).

Contudo, observa-se que o trabalho é um processo fundamental, o qual constitui o ser humano, que possibilita o desenvolvimento de habilidades e competências necessárias de formas de ser e estar no mundo.

2.1.1 Contexto da Sociedade do Conhecimento

Vive-se em tempos de transformações profundas, em grande parte, decorrentes da introdução das novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) na sociedade. Podem-se enumerar diversas terminologias que remetem à temática, tais como “aldeia global”, “era tecnocrônica”, “sociedade pós-industrial”, “era ou sociedade da informação”, “sociedade do conhecimento” (BURCH, 2006).

Todos esses termos levam a um importante debate teórico que envolve alguns paradoxos do ponto de vista da educação: por um lado, pessoas com imensa dificuldade de aprender aquilo que a sociedade exige delas e, de outro, um grandioso número de pessoas tentando aprender, continuamente, coisas novas. Contudo, destaca-se que, a partir da criação da web, o conteúdo da rede possibilitou o uso dos recursos multimídias, que possibilitaram a criação de novos arquivos, ciberespaços, e, assim, a oportunidade de novos negócios.

Percebe-se é que a informação passou a ter uma dimensão extremamente abrangente, como lembram Briggs e Burkes (2010, p.188), ao afirmarem que:

Tanto a educação quanto o entretenimento tiveram longos períodos de história, que remontaram ao mundo e se relacionaram a academias, bibliotecas, jogos e teatros. Também a “inteligência” teve uma longa história. O verbo “informar”, derivado do latim, originalmente significava em inglês e francês não somente relatar os fatos, o que poderia ser incriminador, mas “formar a mente”. A importância da informação já era claramente apreciada em alguns círculos (políticos e científicos) no século XVIII, mas ressalta ainda mais na sociedade comercial e industrial do século XIX, quando as noções de velocidade e distância sofreram transformações.

Para corroborar com essa ideia, Coll e Monereo (2010) acrescentam que as tecnologias contribuíram para a evolução do homem em três segmentos: cognitivo, social, e cultural; porém, no contexto nacional, o uso das TICs no meio educacional ainda é discreto, seja por questões financeiras ou por falta de conhecimento de utilização.

Contudo, Castells (2003) confirma que a internet e as tecnologias digitais fizeram emergir o que se denominou de sociedade da informação, sociedade emergente, sociedade em rede, sociedade do conhecimento, alicerçada no poder da informação. Nessa sociedade, percebe-se um intenso fluxo de informações, proporcionando mudanças que geram conhecimentos capazes de ir além das barreiras de tempo e espaço, que já não são mais fatores limitantes. Tal característica permite (ou tende a permitir) a construção do conhecimento e a preparação do indivíduo para as mais diversas situações na sua vida particular ou no âmbito de suas atividades profissionais.

Essa sociedade em rede, na visão desse autor, oportunizou a emergência do fenômeno da globalização, ou seja, a integração de capitais, serviços, bens, informação, ciência e tecnologias, por meio das redes globais, tratando-se de uma estrutura social:

[...] baseada em redes operadas por tecnologias de comunicação e informação fundamentadas na microeletrônica e em redes digitais de computadores que geram, processam e distribuem informação a partir de conhecimento acumulado nos nós dessas redes. É um sistema de nós interligados. E os nós são, em linguagem formal, os pontos onde a curva se intersecta a si própria. As redes são estruturas abertas que evoluem acrescentando ou removendo nós de acordo com as mudanças necessárias dos programas que conseguem atingir os objetivos de performance para a rede (CASTELLS; CARDOSO, 2005, p. 17).

Nota-se que esse conceito surge a partir da lógica de rede, ou seja, da forma como se configuram os programas de informática. Pozo (2004) relata que, para atender às exigências desta sociedade, as pessoas deverão possuir a capacidade de desenvolver a gestão do conhecimento, a gestão metacognitiva, necessária para atender a essa nova cultura, na qual se destacariam cinco tipos de capacidades: aquisição, interpretação, análise, compreensão e

comunicação da informação. Sob esse enfoque, o papel da tecnologia da informação auxilia e demanda novas formas de interpretar e representar o conhecimento.

Nesta perspectiva, a sociedade do conhecimento deve ser entendida como aquela na qual o saber ou a informação é o principal fator estratégico de riqueza e de poder, tanto para as organizações quanto para os países. Dessa forma, a inovação tecnológica passa a ser um fator importante para a produtividade e para o desenvolvimento econômico dos países (DRUCKER, 1993; LEMOS 1999; CHAPARRO, 2001; FUKS, 2003; D'AMARAL, 2003 apud CALLES; SILVA, 2008). É, portanto, neste contexto, que autores como Castells (2002), Levy (1996), Postman (1992), entre outros, anunciam e fundamentam o aparecimento desta sociedade, a Sociedade da Informação.

A informatização do conhecimento tornou mais acessível os saberes, pois permitiu maior produção e acesso ao conhecimento. Hoje, qualquer pessoa digitalmente alfabetizada pode divulgar suas ideias e acessar as de outros, fomentando a troca de informações e experiências (essencial ao avanço das sociedades), visto que não são necessários recursos expansivos para divulgá-las. O que se vê é que a internet não é apenas uma ferramenta de comunicação e de busca, mas veio permitir o processamento e a transmissão de informações. Ela constitui, além disso, um novo e complexo espaço global para a ação social e, por extensão, para o aprendizado e para a ação educacional (CASTELLS, 2002).

Este contexto trabalha com um modelo de sociedade em que se colocam como características básicas a circulação e/ou modificação contínuas das informações. Em decorrência disso, segundo Castells (1999), outras características se impuseram a esta sociedade, tais como: exigência de flexibilidade e adaptabilidade; convergência de diferentes tecnologias, notadamente as de informação; descentralização dos processos de produção; foco na produção de conhecimentos e necessidade contínua de atualização desses conhecimentos, numa constante interação, a partir de diversas formas e mecanismos de informação.

Deste modo, conforme Castells (1999), a sociedade em rede implica profunda penetração e influência desta configuração tecnológica em todas as instâncias da vida humana; implica que esse sistema tenda para a construção de um novo modo de vida em que as instituições, tanto da vida privada quanto pública, são obrigadas a se organizar, visando ter uma configuração mais flexível e ágil para responder às demandas de uma sociedade cada vez mais veloz e fluida. A cada dia há mais convergências de mídias e organizações, que buscam atender às demandas de um mundo menos centralizado e mais globalizado. Neste sentido, Castells (1999, p. 87) define o que chama de economia informacional e global:

É informacional porque a produtividade e a competitividade de unidades e agente nessa economia (sejam empresas, regiões ou nações) dependem basicamente de sua capacidade de gerar, processar e aplicar de forma eficiente a informação baseada em conhecimentos. É global porque as principais atividades produtivas, o consumo e a circulação, assim como seus componentes (capital, trabalho, matéria-prima, administração, informação, tecnologia e mercados) estão organizados em escala global, diretamente ou mediante uma rede de conexões e agentes econômicos.

Deste modo, conforme já referido, a sociedade em rede se sustenta a partir de duas bases que se correlacionam e se retroalimentam: conhecimento e tecnologia. As empresas deslocaram seu foco do produto para o consumidor e, nesse sentido, se esforçam mais a cada dia para manter o cliente satisfeito. Muitas vezes, para ter um desempenho mais inovador e envolvido do trabalhador com a empresa, as horas trabalhadas, tal como eram pensadas no auge da Revolução Industrial, passam a ter menor importância, crescendo o valor da satisfação do consumidor (que pode ser satisfeito pelos trabalhadores através da inovação e das respostas às suas expectativas).

Nessa perspectiva, surge a educação a distância como um recurso de relevância para o uso das tecnologias de informação e comunicação, e que veio permitir certo desenvolvimento dos processos de ensino-aprendizagem. Neste sentido, o conceito de Educação a Distância no Brasil é definido, oficialmente, no Decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005, em seu Art. 1º. (BRASIL, 2005):

Para os fins deste Decreto, caracteriza-se a Educação a Distância como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos.

A Educação a Distância (EaD) se coloca exatamente no contexto dessas grandes modificações estruturais da sociedade e, dentre estas novas tecnologias, a internet é uma das ferramentas que contribui muito para o desenvolvimento da EaD, inclusive em termos de motivação do estudante, pelas possibilidades inesgotáveis de , além de outros recursos que oferece (MORAN, 1998).

Além disso, as novas tecnologias colaboram para aumentar, exponencialmente, o acesso à educação, ação que caracteriza a educação a distância (PETERS, 2001). Portanto, todo esse processo permite a aprendizagem com uma dimensão voltada ao conhecimento e à capacidade de utilização das ferramentas tecnológicas, de forma a proporcionar competências para a comunicação digital, de escrita e de produção, isto é, possibilitando o preparo para os

desafios trazidos pela nova alfabetização digital⁴, novas estratégias de aprendizagem que lidem com hipermídia⁵, educação a distância, e metodologias didáticas (COLL, MONEREO, 2010).

Cabe aos docentes se apossarem das tecnologias e de toda a potencialidade que oferecem, concentrando-se na criação, na gestão e na regulação de situações de aprendizagem nas quais as pessoas adquiram as competências necessárias para enfrentar e resolver as situações e problemas com os quais se defrontam todos os dias. Portanto, o advento das TICs permitiu que a educação trouxesse para a sala de aula a utilização de tecnologias que tornassem os conteúdos mais interessantes e criativos. Os autores Mauri e Onrubia (2010) colaboram com a informação de que, na sociedade do conhecimento, os alunos devem receber da educação não somente a informação, mas também devem aprender a conviver com a relatividade das teorias e com as incertezas do conhecimento e, assim, saber formar suas próprias concepções de mundo, fundamentado-se em critérios e complexidades do dia a dia.

Portanto, a educação a distância é uma das modalidades que mais se beneficiaram com o surgimento das novas mídias⁶ e, ao mesmo tempo, pelo próprio ineditismo de questões que se colocam em relação a como é desenvolvida e quem realiza suas atividades, precisa equacionar os desafios que se apresentam, dentre eles, a condição de trabalho dos docentes-tutores.

2.2 A Educação a Distância e seus aspectos históricos

A história da educação a distância remete, num primeiro momento, aos cursos técnicos, operacionalizados por meio do envio de correspondência via Correios, tais como cursos de mecânica, desenho técnico, corte e costura, elétrica automotiva e tantos outros. Sem dúvida, esse momento só foi possível depois da invenção da imprensa, que deu início à democratização dos livros e dos conhecimentos, funcionando como propulsora do ensino, de maneira geral.

⁴ Para Gilster (1997), é a “[...] capacidade de compreender e usar a informação em múltiplos formatos e de fontes diversas quando apresentada por meio de computadores”.

⁵ Trata-se de um documento que contém imagens, sons, textos e vídeos.

⁶ Diz respeito a qualquer suporte de difusão de informações (rádio, televisão, imprensa escrita, livro, computador, videocassete, satélite de comunicações, etc.).

Porém, a literatura esclarece que o marco inicial da educação a distância foi o anúncio colocado pelo professor de taquigrafia, Cauleb Phillips, ainda no século XVII, num jornal de Boston (EUA), oferecendo ensino e tutoria por correspondência (ABED, 2011). Desse ponto em diante, e, principalmente, a partir dos séculos XIX e XX, essa modalidade somente se desenvolveria e aperfeiçoaria; notadamente, devido aos novos instrumentos e tecnologias que foram surgindo, a exemplo do rádio e da televisão.

Segundo Moore e Kearsley (2007, p. 2), a definição de educação a distância relaciona seus princípios educacionais e formas distintas de gestão, tratando-se da modalidade de educação em que:

[...]o aprendizado planejado ocorre normalmente em um lugar diferente do local de ensino, exigindo técnicas especiais de criação do curso e de instrução, comunicação por meio de várias tecnologias e disposições organizacionais e administrativas especiais.

Peters (2009, p.45-46) destaca que a EaD se desenvolve em três períodos distintos:

A instrução por correspondência, que acompanhou a industrialização do trabalho, preenchendo lacunas e compensando as deficiências do sistema educacional, especialmente no treinamento profissional. 2. A educação a distância nos anos de 1970, 1980 e 1990, que ajudou as universidades nos países industrializados e nos países em desenvolvimento a canalizarem um crescente número de alunos que não completaram o segundo grau para a educação superior. 3. A educação a distância informatizada, que nos permite reagir e lidar com as principais mudanças sociais mencionadas. Isso representa o maior desafio do futuro.

Segundo Saraiva (2006, p. 5), a EaD começou efetivamente a ganhar impulso a partir de meados do século XIX, quando:

[...] a prática da Educação a Distância (EaD) era exercida por meios dos cursos de instruções mediados pelos correios, sendo a correspondência considerada o meio de comunicação muito importante e o primeiro modelo didático básico do ensino a distância.

Portanto, a evolução da EaD ocorreu por meio de cinco gerações, conforme distinguem Moore e Kearsley (2007, p. 26): 1ª geração: correspondência; 2ª geração: transmissão por rádio e TV; 3ª universidades abertas; 4ª geração: teleconferência; e 5ª geração: internet/web.

A primeira geração foi caracterizada pela correspondência, os materiais eram autoinstrutivos e possibilitavam o processo de autoaprendizado. Os cursos de instrução por correspondência, denominados de “estudos em casa” e “estudos independentes” (nas

universidades) fizeram parte do sucesso desses cursos, devido aos serviços postais e ao incremento do transporte ferroviário (NUNES, 2009).

A segunda geração marcou a entrada do rádio e da TV na EaD, sendo autorizado, pela primeira vez, pela americana Latter Day Saints, da University of Salt Lake City, em 1921, mas o uso do rádio não atendeu as expectativas quanto à sua utilização.

A terceira geração caracterizou-se pela criação da Universidade Aberta (The Open University), em 1967, no Reino Unido, como descrevem Maia e Mattar (2007, p. 22):

Um momento importante é a criação das universidades abertas de ensino a distância, influenciada pelo modelo da Open University britânica, fundada em 1969, que se utilizam intensamente de rádio, TV, vídeos, fitas cassetes e centros de estudo, e em que se realizaram diversas experiências pedagógicas. Com base nessas experiências, teria crescido o interesse pela EaD. Surgiram assim as megauniversidades abertas a distância, em geral as maiores, em número de alunos, de seus respectivos países [...]. Essas experiências têm servido para repensarmos a função das universidades no futuro e modificar a educação de diversas maneiras, mas na década de 1990 as universidades tradicionais, as agências governamentais e as empresas teriam começado a se interessar por elas.

A quarta geração foi marcada pela ênfase nas tecnologias, nas teleconferências, em 1980, nos Estados Unidos, com o objetivo de aplicação nos grupos (classes), chamando atenção dos educadores e técnicos educacionais por apresentarem características educacionais tradicionais.

A quinta geração caracterizou-se pelo uso da internet e teve como precursor o projeto PLATO (Programmed Logic for Automatic Teaching) da University of Illinois, em 1970. Nesse período surgiu o microprocessador – Intel (1971), o Altair 8800 (1975), o primeiro computador pessoal, que possibilitou o desenvolvimento de programas educacionais (courseware).

Tais instrumentos, como esperado, enriqueceram o processo de aprendizagem e favoreceram a informação e a comunicação sincrônica, confirmando a viabilidade da educação a distância. Da mesma forma, o avanço das telecomunicações colaborou na flexibilização dos processos informacionais e comunicativos. Neste momento, a EaD passou a contar com computadores ligados em rede, com o crescimento da internet configurando-se como um espaço virtual, muito mais amplo, de interação no processo de ensino-aprendizagem.

Todavia, Peters (2009, p. 38) chama a atenção para o fato de que as universidades ainda não atentaram para o potencial de mudanças que a EaD proporciona à educação superior, tendo em vista que:

1. a educação superior para estudantes adultos (que trabalham) está cada vez mais se tornando uma realidade; 2. a educação profissional continuada pode ser mais desenvolvida e expandida sem interrupção da atividade profissional; 3. um número substancialmente maior de estudantes pode ser admitido nas universidades; 4. o custo-benefício da educação superior está melhorando.

No Brasil, a EaD praticada antes de 1900 foi materializada por meio dos jornais do Rio de Janeiro, com anúncios de cursos profissionalizantes de datilografia, ocorrendo em 1904 seu registro pelas Escolas Internacionais⁷, pelo Instituto Monitor (1939) e pelo Instituto Universal Brasileiro (1941), caracterizando a primeira geração por correspondência. Essa geração teve como foco a educação técnica.

A segunda geração no Brasil deu-se com a criação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, em 1923 (Instituição Privada), transmitindo programas de literatura radiotelegráfica e de telefonia, de línguas e de outros temas (RODRIGUES, 1998), material que mais tarde foi doado ao Ministério da Educação e Saúde, proporcionando o surgimento do Serviço de Radiodifusão Educativa, e, assim, o Ministério de Educação e Cultura (MEC) valeu-se do decreto presidencial e portaria interministerial para obrigar a transmissão de programas educativos em todas as rádios do país (UFSC, 2000).

Com a incorporação, cada vez maior, das novas tecnologias de informação e comunicação, as instituições de ensino superior tiveram seu crescimento pautado por diversas iniciativas, em destaque as iniciativas da Universidade de Brasília, em 1979 e da Universidade de São Paulo, em 1988. Houve ainda as demandas em nível de graduação e pós-graduação, a partir 1995, pela Universidade Federal de Mato Grosso e Universidade Federal de Santa Catarina (ALMEIDA, 2007).

Devido ao crescimento da EaD no Brasil, inclusive das instituições privadas nesse segmento, foi criada pelo Decreto nº 1917, de 27 de maio de 1996, a Secretaria de Educação a Distância – SEED/MEC, que incorpora o desenvolvimento de políticas específicas na área e o controle através de diversas regulamentações (BRASIL, 2011).

Cabe ressaltar, assim, que as diferentes gerações não foram excludentes entre si, mas, de certa forma, se complementaram, permitindo o surgimento da educação a distância, como modalidade de educação, e de seus modelos de ensino a distância. De um modo geral, a EaD aplica as tecnologias disponíveis com o intuito de favorecer o processo de ensino-aprendizagem envolvendo cada vez mais diferentes contextos da vida social, diferentes atores sociais, recursos e metodologias de distintas áreas, potencializando a conjugação de saberes ainda pouco exercitados no campo da educação.

⁷ Empresas americanas especializadas nos setores de comércio e serviços que usavam a correspondência.

2.2.1 Estrutura e papéis do docente-tutor na EaD

Observa-se grande mérito da EaD, entre eles: ampliar os espaços de aprendizagem e as formas de interação, a cada dia mais diversificados, contando com uma equipe multidisciplinar de profissionais responsáveis pela gestão e acompanhamento dos cursos a distância. Destaca-se, também, o Decreto nº 5.622, de 19 de Dezembro de 2005, Capítulo 2, Art.12, que, em seu inciso X, esclarece sobre a composição da estrutura em EaD:

a)instalação física e infraestrutura tecnológica de suporte e atendimento remoto aos estudantes e professores; b)laboratório científico, quando for o caso; c)polo de apoio presencial é a unidade operacional, no País ou exterior, para o desenvolvimento descentralizado de atividades pedagógicas e administrativas relativas aos cursos e programas ofertados a distância; d)bibliotecas adequadas, inclusive com acervos eletrônicos remoto e acesso por meio de redes de comunicação e sistemas de informação, com regime de funcionamento e atendimento adequado aos estudantes da educação a distância (BRASIL, 2005).

O processo de evolução da modalidade da EaD tendeu a proporcionar possibilidades de autoaprendizagem, por meio de leituras, materiais, pesquisas e preparação de textos, recursos de imagem e de apresentação, softwares específicos para o processo de ensino-aprendizagem. Lembra-se aqui, que a variedade de recursos tem contribuído para o estabelecimento de diferentes modalidades de EaD, tais como o ensino totalmente virtual ou a modalidade semipresencial. Dentro de um contexto tão rico de recursos, é natural que cada instituição tenha seu formato, seus recursos e estratégias próprias de oferecimento da modalidade de educação a distância, bem como os diferentes modelos de Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA).

Constata-se, portanto, que a direção da EaD vai ao encontro das Diretrizes Curriculares Nacionais para o cursos de Pedagogia, que esclarecem, em seu Art. 5º, inciso VII, que o estudante precisa: “[...] relacionar as linguagens dos meios de comunicação à educação, nos processos didático-pedagógicos, demonstrando domínio das tecnologias da informação e comunicação adequadas ao desenvolvimento de aprendizagem significativas” (BRASIL, 2001).

Com todos os avanços tecnológicos percebidos nas últimas décadas, a ferramenta material essencial da EaD, sem dúvida, é o Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA. Este se constitui numa ferramenta que agrega um conjunto de elementos tecnológicos, disponibilizando informações e outros recursos necessários ao desenvolvimento do curso ou disciplina, permitindo, também, a interação entre a comunidade envolvida no processo de ensino-aprendizagem. Para Almeida (2003, p. 331), os AVAs são:

[...] sistemas computacionais disponíveis na internet, destinados ao suporte de atividades mediadas pelas tecnologias de informação e comunicação. Permitem integrar múltiplas mídias, linguagens e recursos, apresentar informações de maneira organizada, desenvolver interações entre pessoas e objetos de conhecimento, elaborar e socializar produções tendo em vista atingir determinados objetivos. As atividades se desenvolvem no tempo, ritmo de trabalho e espaço em que cada participante se localiza, de acordo com uma intencionalidade explícita e um planejamento prévio denominado *design* educacional, o qual constitui a espinha dorsal das atividades a realizar, sendo revisto e reelaborado continuamente no andamento da atividade.

Esses Ambientes Virtuais de Aprendizagem, como destaca Schelemmer (2005, p. 35):

[...] foram desenvolvidos por se acreditar que a educação, na sociedade em rede e na perspectiva do conhecimento, pode ser entendida como uma transformação na convivência que acontece em um espaço no qual a interação entre sujeitos resulta em um processo de transformação nas relações.

Faz-se necessário destacar a figura do docente-tutor, um importante ator social, visto como representante da EaD em relação ao estudante, pois, devido a sua proximidade, torna-se um elo direto entre a instituição e os estudantes, numa modalidade de ensino que se caracteriza pelo distanciamento físico entre esses e as instituições que atuam na educação a distância. Além disso, a educação a distância também permitiu com figura do docente-tutor a necessidade de uma regulamentação para o trabalho docente virtual, e em virtude das especificidades desta modalidade salienta a falta de legislação trabalhista que venha colaborar para a atuação desses profissionais. Contudo, algumas IES insistem em não reconhecer o vínculo de emprego dos trabalhadores a distância, favorecendo a precariedade na condição profissional dos atores da EaD. Porém, segundo Barros (2007) através da Secretária de Educação a Distância do Ministério da Educação o denominado Referenciais de Qualidade para Cursos a Distância apresentam diretrizes às instituições, tais como: carga horária de trabalho dos professores, estabelecimento de proporção professor-aluno, quantificar o número de professor/hora disponíveis para atendimento dos alunos, e dentre outras.

Ressalta-se que a diferença dos papéis entre o docente-tutor e o docente tradicional, há que estabelecer os pontos de contato e de distanciamento, ou seja, as duas funções são diferenciadas na EaD, sendo o professor, geralmente, aquele responsável pela sistematização do conteúdo e das atividades avaliativas virtuais e presenciais e o tutor, o profissional que acompanha os estudantes virtualmente ou no polo presencial. Destaca-se, então, a importância do docente-tutor como elemento chave para o desenvolvimento cognitivo do estudante nas atividades individuais e coletivas ao longo do curso, sendo o profissional

responsável por acompanhar, orientar e estimular o estudante na construção do próprio saber (EMERENCIANO *et al.*, 2007).

Segundo Litwin (2001, p. 93), o tutor é como o “guia, protetor ou defensor de alguém em qualquer aspecto”, enquanto o professor é alguém que “ensina qualquer coisa”. Alves e Nova (2003) lembram que a palavra professor tem sua origem da palavra “professore”, que significa “aquele que ensina ou professa um saber”.

Litwin (2001, p. 99) destaca, ainda, que um bom docente será também um bom tutor. Um bom docente “cria propostas de atividades para a reflexão”, apoia sua resolução, sugere fontes de informação alternativas, oferece explicações, facilita os processos de compreensão; isto é, guia, orienta apoia, e nisso consiste sua transmissão de conhecimento ao aluno.

Este mesmo autor relata que a diferença entre o docente e o tutor é mais institucional do que pedagógica. Entende que as intervenções do docente-tutor na educação a distância são institucionalmente diferentes e distinguem-se em função de três dimensões de análise. A primeira delas diz respeito ao tempo. Nela, o docente-tutor deverá ter a devida habilidade de aproveitar bem seu tempo, geralmente escasso. Ao contrário do docente tradicional, o docente-tutor nunca sabe se o aluno irá assistir a próxima tutoria ou se voltará a entrar em contato para consultá-lo; por esse motivo, aumentam o compromisso e o risco da sua tarefa.

As segunda e terceira dimensões dizem respeito à correlação oportunidade-risco. Para esse autor, o docente-tutor precisa estar atento para aproveitar as oportunidades (reduzidas pelo fator tempo) de favorecer o desenvolvimento pleno dos conteúdos, não permitindo que os alunos sigam com uma compreensão muito parcial do que está sendo trabalho em sala. “O docente-tutor deve aproveitar a oportunidade para o aprofundamento do tema e promover processos de reconstrução, começando por assinalar uma contradição” (LITWIN, 2001).

Portanto, pensar em novos modelos de educação a distância implica pensar também sobre os papéis dos principais sujeitos do processo de aprender e ensinar: alunos e professores. Quais seriam seus papéis e funções? (ALVES; NOVA, 2003, p.18)

Segundo Niskier (1999, p. 393), atribui-se ao docente-tutor papéis como: comentar os trabalhos realizados pelos alunos; corrigir as avaliações dos alunos; ajudá-los a compreender os materiais do curso, por meio das discussões e explicações; responder às questões sobre a instituição; ajudar os alunos a planejarem seus trabalhos; organizar círculos de estudo; fornecer informações por telefone, fac-símile e e-mail; supervisionar trabalhos práticos e projetos; atualizar informações sobre o progresso dos alunos; dar feedback aos

coordenadores sobre os materiais dos cursos e as dificuldades dos alunos; e servir de intermediário entre a instituição e os alunos.

Nesta mesma direção, Sá (1998) afirma que o docente-tutor passou a ser visto como um orientador da aprendizagem do aluno solitário e isolado que, frequentemente, necessita do docente ou de um orientador para indicar o que mais lhe convém em cada circunstância. Portanto, nesta modalidade educacional, cabe ao docente-tutor promover o contato e os recursos para a promoção da aprendizagem, o uso contínuo e planejado dos recursos de interação (como fórum, chat e email); é, portanto, figura importante para direcionar, provocar e promover a reflexão sobre situações-problema, impasses e dúvidas, a fim de que os alunos possam construir a autonomia na aprendizagem.

Diante de todos esses papéis que o docente-tutor assume, não poderíamos deixar de destacar a importância da formação desse profissional, que, segundo Almeida (2010), necessita de condições para o desenvolvimento do domínio das tecnologias ao ponto de dominar confortavelmente suas funcionalidades e formas de operações. Portanto, identifica-se a importância da formação adequada desses profissionais, pois além do domínio do conteúdo, é necessária a criação de estratégias didáticas que proporcionem aprendizagem aliada às TICs, a fim de desenvolver atividades mais interativas, que proporcionem reflexão e produção do conhecimento.

Porém, alguns cursos intermediados pelas instituições de ensino têm como missão facilitar o acesso dos estudantes, integrar e enfatizar, de maneira dinâmica, os recursos didáticos, o trabalho técnico e pedagógico, os meios de interação e comunicação, além de uma sistemática de avaliação acadêmica. Todos esses elementos são desenvolvidos a fim de oportunizar a democratização dos diversos saberes incentivados pelos Pilares da Educação para o século XXI: o aprender a aprender, o aprender a ser, o aprender a fazer e o aprender a viver juntos (DELORS, 1999).

No ambiente virtual, dentre seus muitos recursos, destacam-se algumas formas de interação e comunicação, como: fóruns e videoconferências, chats, e-mail, acesso a bibliotecas virtuais, softwares específicos para desenvolvimento de trabalhos, disponibilização de vídeos, entre outros (UEMA, 2013). Esse contexto se propõe a tornar o aprender mais interessante, desde que o estudante se sinta estimulado pelas atitudes docentes e pelo próprio uso das ferramentas e métodos utilizados nas salas de aula virtuais. Logo, entende-se que o despertar do prazer pelo aprender não é, necessariamente, uma atividade que acontece espontaneamente para os estudantes, sendo necessário motivá-los, orientá-los, estimulá-los continuamente.

Sob essa ótica, e contando com todos os recursos tecnológicos, a EaD visa potencializar o desenvolvimento das competências dos alunos, notadamente o auto estudo. Por isso, a EaD exige “[...] um aprendiz autônomo e independente, mais responsável pelo processo de aprendizagem e disposto à autoaprendizagem” (MAIA; MATTAR, 2007, p. 85). No contexto da EaD, cresce de importância o pilar “aprender a aprender”, já que este implica o aluno na mobilização de seus conhecimentos, numa atitude proativa, cooperativa e aberta para as diferentes situações da vida (TAFNER, 2012 p. 12).

Fica evidenciado, assim, que o leque das exigências postas ao profissional docente-tutor é amplo e crescente, de modo que as ações desse profissional tenham que motivar os alunos a desenvolverem seu potencial e aproveitarem ao máximo os recursos disponíveis na modalidade de ensino a distância.

Gatti (2009) afirma que os professores precisam não somente ter competências para ensinar, mas ter qualidades e atitudes pessoais, como: interesse, paixão, paciência, vontades e convicções. Além disso, é crescente a importância das habilidades e competências necessárias para exercer essa função. Contudo, tem-se a necessidade da competência tecnológica, entendida como domínio técnico suficiente para atuar com naturalidade, agilidade e aptidão no ambiente virtual o conhecimento necessário para atuar como docente-tutor. Porém, Tecchio *et al.* (2008) lembram que os docente-tutores devem possuir algumas competências técnicas para atuar na EaD, tais como: conhecimento sobre: rotinas de trabalho, informática básica, ambiente virtual, disciplina, comunicação e trabalho em equipe. É preciso ser um usuário dos recursos de rede, conhecer sites de busca e pesquisa, usar e-mails, participar de listas e fóruns de discussão, ter sido mediador em algum grupo (*e-group*). E, ainda, para Coll e Monereo (2010, p. 129-133), o professor precisa ter as seguintes competências:

Na nova sociedade da informação, da aprendizagem e do conhecimento, o papel mais importante do professor em ambientes virtuais, entre os que identificamos, é o de mediador, entendido como alguém que proporciona auxílios educacionais ajustados à atividade construtiva do aluno, utilizando as TIC para fazer isso.

Enfim, o docente-tutor também deve ter um bom equipamento e recursos tecnológicos atualizados, inclusive com *plugins* de áudio e vídeo instalados, além de uma boa conexão com a web. Precisa, ainda, participar de, pelo menos, um curso de capacitação para tutoria ou de um curso *online*; preferencialmente, utilizando o mesmo ambiente em que será desenvolvida sua tutoria (MAIA, 2002, p.13). Ou seja, todos esses recursos são importantes para auxiliar na gestão dos processos utilizados pelos docentes-tutores.

Vale ressaltar que são, também, importantíssimas as competências sociais e profissionais, entendidas como capacidade de gerenciar equipes e administrar talentos, habilidade de criar e manter o interesse do grupo pelo tema, ser motivador e empenhado. É provável que o grupo seja bastante heterogêneo, formado por pessoas de regiões distintas, com vivências bastante diferenciadas, com culturas e interesses diversos, o que exigirá do docente-tutor uma habilidade extremamente eficiente de gerenciar pessoas. Deve ter domínio sobre o conteúdo do texto e do assunto, a fim de ser capaz de esclarecer possíveis dúvidas referentes ao tema abordado pelo autor, conhecer os sites internos e externos, a bibliografia recomendada, as atividades e eventos relacionados ao assunto. A tutoria deve agregar valor ao curso (MAIA, 2002, p.13).

Há que ressaltar a máxima de Freire (2005), de que ensinar não é transferir conhecimento, mas proporcionar condições para que ele ocorra. Entende-se que esta perspectiva seja essencial no ensino realizado na modalidade EaD. O docente-tutor busca metodologias que se adéquem à modalidade e à distância, para que o estudante tenha condições de participar de todos os passos do ensino que lhes são proporcionados.

A estrutura administrativa e pedagógica da EaD segue padrões diferenciados do ensino presencial, por atender novos paradigmas educacionais, como esclarece Pretti (2002, p. 68):

Mais complexa, às vezes, que um sistema tradicional presencial, visto que exige não só a preparação de material didático específico, mas também a interação de 'multimeios' e a presença de especialistas nessa modalidade. O sistema de acompanhamento e avaliação do aluno requer, também, um tratamento especial. Isso significa um atendimento de expressiva qualidade.

Sabe-se que o processo ensino-aprendizagem da EaD é mediado por tecnologias, portanto o conteúdo é apresentado, refletido e reelaborado pelo estudante por meio do suporte de tecnologias interativas, além do material impresso e da pedagógica pensados para que ocorra a aprendizagem do estudante. Nessa concepção de mudanças e avanços, destacam-se as observações dos autores Levy (1999) e Martins (2002), que esclarecem:

Atualmente, a maior parte dos programas computacionais desempenham um papel de tecnologia intelectual, ou seja, eles reorganizem, de uma forma ou de outra, a visão de mundo de seus usuários e modificam seus reflexos mentais. As redes informáticas modificam circuitos de comunicação e de decisão nas organizações. Na medida em que a informação avança, certas funções são eliminadas, novas habilidades aparecem, a ecologia cognitiva se transforma. O que equivale a dizer que engenheiros do conhecimento e promotores da evolução sociotécnica das organizações serão tão necessárias quanto especialistas em máquinas (LEVY, 1999, p.36).

O professor que associa as tecnologias da informação aos métodos ativos de aprendizagem desenvolve habilidades relacionadas ao domínio de tecnologias,

articula esse domínio com prática pedagógica e com as teorias educacionais, possibilitando ao aluno a reflexão sobre sua prática, ampliando as possibilidades pedagógicas das Tecnologias da Informação (MARTINS, 2002, p.28).

Portanto, percebe-se que o ensino e a aprendizagem na EaD é pautado na busca constante de interação entre os sujeitos desse processo educacional, lembrando a afirmação de Demo (1998, p.35), quando afirma, sobre esse tipo de ensino, que se trata de “competência de reconstruir o saber acumulado de maneira permanente”. Assim, a modalidade a distância está em constante reconstrução, com base no que já conhece da modalidade e com a perspectiva das inovações políticas, sociais, pedagógicas e tecnológicas que fazem parte do ensino, da educação, da aprendizagem e da construção e transformação dos cidadãos na busca por uma vida mais igualitária.

2.2.2 Educação a Distância: Articulações necessárias

Constata-se que a evolução da EaD, segundo Pretto (2008), proporcionou uma inovação tecnológica, permitindo possibilidades que se tornaram realidade no meio educacional, inclusive, pelo surgimento de sofisticados Ambientes Virtuais de Aprendizagem, com inúmeros recursos. Além disso, o sucesso da EaD se deve a um processo contínuo de formação, que propicie o desenvolvimento da busca de conhecimentos e competências básicas para o exercício da tutoria.

Neder *apud* Bernardo (2005, p. 23) caracteriza a educação a distância como uma modalidade que exige do aluno grande envolvimento e compromisso com a produção do conhecimento, esse autor assinala que a EaD deve ser compreendida como:

Uma modalidade de educação que permite o compartilhamento, o diálogo entre os sujeitos, na busca da construção de significados sociais, possibilitando a constituição, por isso mesmo, de um espaço, não necessariamente físico, de interlocução entre os sujeitos da ação educativa.

Em relação ao modelo conceitual de EaD, Moore e Kearsley *apud* Bernardo (2005, p.12) apresentam como importantes os seguintes componentes:

[...] uma fonte de conhecimento que deve ser ensinada e aprendida; um subsistema para estruturar esse conhecimento em materiais e atividades para os alunos, e que denominaremos cursos; outro subsistema que transmita os cursos para os alunos; professores que interagem com os alunos, à medida que usam esses materiais para transmitir o conhecimento que possuem; alunos em seus ambientes distintos; um subsistema que controle e avalie os resultados, de modo que intervenções sejam possíveis, quando ocorrerem falhas; uma organização com uma política e uma estrutura administrativa para ligar essas peças distintas.

Assim, a disseminação das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) vem permitindo que a educação a distância se destaque e se organize em diferentes níveis de ensino, em especial nas Instituições de Ensino Superior (IES), pois têm se revelado um instrumental eficiente e eficaz na relação ensino-aprendizagem. Portanto, as TICs vieram contribuir e facilitar a vida contemporânea. Porém, Coll e Monereo (2010, p. 17) apontam diferenciações entre as tecnologias:

Entre todas as tecnologias criadas pelos seres humanos, aquelas relacionadas com a capacidade de representar e transmitir informação, ou seja, as tecnologias da informação e da comunicação revestem-se de uma especial importância, porque afetam praticamente todos os âmbitos de atividade das pessoas, desde as formas e práticas de organização social até o modo de compreender o mundo, de organizar essa compreensão e de transmiti-la para outras pessoas.

Nota-se que as TICs exercem importante papel na atualidade, pois são tomadas como vetores de disseminação do conhecimento, instigando o valor da interdisciplinaridade como metodologia de ampliação do diálogo entre os conhecimentos das disciplinas curriculares e extracurriculares, favorecendo a busca, pelo docente-tutor, do diálogo interdisciplinar em suas funções pedagógicas. Em suma, as TICs não são só um novo instrumento, mas uma nova cultura de aprendizagem, que permite aos professores aprender a dominá-las e a valorizá-las (MAURI; ONRUBIA, 2010).

Configura-se, assim, uma forma de vencer os desafios do mundo globalizado, rompendo com os modelos tradicionais de educação, até então muito arraigados na ideologia disciplinar, como afirma Morin (2002, p.105):

A organização disciplinar foi instituída no século XIX, notadamente com a formação das universidades modernas; desenvolveu-se, depois, no século XX, com o impulso dado à pesquisa científica; isto significa que as disciplinas têm uma história: nascimento, institucionalização, evolução, esgotamento, etc; essa história está inscrita na Universidade, que, por sua vez, está inscrita na história da sociedade.

Observa-se, portanto, que a organização dos conhecimentos foi sistematizada para facilitar o estudo, a pesquisa, entre outros aspectos. É possível supor, que, na medida em que a modalidade da EaD vem sendo construída no Brasil, a interdisciplinaridade pode contribuir de forma significativa para sua excelência, pois, “O parcelamento e a compartimentação dos saberes impedem apreender o que está tecido junto”. (MORIN, 2000, p. 45). Do ponto de vista do docente-tutor, profissional que coloca a EaD em desenvolvimento, a interdisciplinaridade pode proporcionar a construção de uma educação participativa, em que a formação do estudante seja direcionada para a pesquisa permanente, exigindo do docente-tutor capacitação em relação a esses novos paradigmas da educação. Ou seja, tanto o

professor quanto o estudante são pesquisadores, não necessariamente da mesma área de conhecimentos e, nesse ponto, estar aberto ao processo de interdisciplinaridade favorece a construção do conhecimento, especialmente da educação permanente, como afirma Fazenda (1999, p. 49): “O valor e a aplicabilidade da Interdisciplinaridade, portanto, podem se verificar tanto na formação geral, profissional, de pesquisadores, como meio de superar a dicotomia ensino-pesquisa, e como forma de permitir uma educação permanente”.

De acordo com Japiassu (1976, p.74), “[...] a interdisciplinaridade se caracteriza pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de interação real das disciplinas no interior de um mesmo projeto de pesquisa”. Na EaD, essa “intensidade” destacada pelo autor ocorre no planejamento constante das disciplinas curriculares, por meio do diálogo entre o professor-autor, o especialista e o docente-tutor. Porém, a função de docente-tutor perpassa por questões que englobam a educação de modo geral, como: desvalorização profissional, ausência de formação, recrutamento e seleção aleatórios, baixos salários, condições de trabalho deficientes, falta de informações e orientações necessárias, e, no caso específico da educação a distância, falta de estratégias diferenciadas exigidas pela EAD, além de material didático inadequado, dentre outros.

Segundo dados fornecidos pelo sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo-APEOESP⁸, no Brasil, as más condições de trabalho dos professores na educação tradicional apontam problemas tais como: sentimentos de desprestígio pelos maus salários (a falta de reconhecimento social é fonte de mal-estar no trabalho); submissão a jornadas excessivas; falta de perspectivas profissionais; insegurança, ansiedade e angústia provocadas pelos baixos salários e pela instabilidade no cargo; incapacitação provocada pela escassez de recursos didáticos; consequências negativas para o resultado do trabalho que realizam e para sua própria pessoa.

Porém, o pesquisador Mill (2006) relata que o trabalho docente em EaD sofreu alterações com as TICs, possibilitando mudanças no espaço-tempo de descanso desses trabalhadores (e de suas famílias), e se tornando também num espaço-tempo de trabalho para atender uma jornada dupla ou tripla de trabalho. Contudo, percebe-se que esses docentes acabam por não estabelecer limites de tempo de suas atividades de trabalho e não trabalho. Para Sampaio e Marin (2004, p. 1212-1223), a precarização do trabalho⁹ docente é devida às decadentes condições de trabalho, decorrentes dos baixos salários, do tamanho das turmas e da razão entre professor/alunos (as classes encontram-se cada vez mais abarrotadas de alunos,

⁸ Retirado do site: www.apeoesp.org.br, consultado em maio de 2013.

⁹ Dicionário da Educação Profissional em Saúde (2009). Termo usado para designar perdas nos direitos trabalhistas ocorridas no contexto das transformações do mundo do trabalho. Disponível em: <<http://www.epsvjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/pretrasau.html>> acesso em: 10 mar. 2013.

o que dificulta, significativamente, o trabalho do professor), a rotatividade/itinerância dos professores pelas escolas (como o número de professores contratados em caráter temporário ainda é grande, esses professores veem-se obrigados a estar nas escolas nas quais há vagas, migrando de uma para outra, a cada ano, o que, por sua vez, compromete o envolvimento do professor com a escola) e, por fim, as questões relativas aos planos de carreira do magistério (esse, na maioria das vezes, só apresenta benefícios – escassos – aos professores efetivos, deixando de lado os que ainda não o são).

Ainda nesse contexto, deparamo-nos com o profissional docente em EaD sendo inserido em resoluções que determinam, como forma de remuneração, a cessão de bolsa, o que não dá direito a, nem mesmo, uma declaração de trabalho, e, assim, não permite o vínculo empregatício. É nessas condições que Lapa e Pretto (2010, p. 91) consideram a chamada “precarização do trabalho docente”, devido a baixas remunerações, que excluem profissionais qualificados e proporcionam a falta de reconhecimento profissional.

Esse conjunto de situações só vem desencadear ainda mais o processo de precarização da profissão docente, o que é preocupante mediante o crescimento da EaD, conforme destacam Lapa e Pretto (2010, p.90).

Dados apresentados pelo Secretário de Educação a distância do MEC, Carlos Bielschawsky, no seminário preparatório para a 4ª Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação -4ª CNCTI, realizado em Brasília em 14 de Abril de 2010, apontam, que 2010, já são 3 milhões de estudantes em EaD no Brasil, sendo grande a presença no setor privado. No entanto, segundo ele, a UAB hoje conta com mais de 45 Instituições de Ensino Superior-IES integradas, com 557 polos, com um total de 170 mil alunos na graduação e 80 mil em nível de especialização. Com previsão de 60 mil estudantes para 2012.

O enorme crescimento dessa modalidade, no entanto, não pode justificar a sobrecarga do trabalho docente, afinal, a figura do docente-tutor é essencial como mediador, incentivador no processo de construção do conhecimento, mas esse profissional é contratado muitas vezes de forma precária, o que prejudica a sua atuação. Dessa forma, o questionamento acerca de sua saúde é pertinente, pois, do ponto de vista objetivo e subjetivo, pode ser agravada mediante sua exposição a processos como: a formação contínua exigida pela própria modalidade de educação inserida em uma sociedade informacional, a convivência com atividades complexas e impactantes e o acúmulo de responsabilidades. Para compreensão sobre essa vertente, buscou-se apoio nos referenciais teóricos da área de saúde.

2.3 Saúde do trabalhador: questões gerais

A Organização Mundial de Saúde (OMS) defende que a “[...] saúde não é só ausência de doenças, mas um estado de bem-estar físico, espiritual e social e não somente ausência de afecções e enfermidades” (OMS, 1948). Em relação à saúde do trabalhador, pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), em países como Espanha, Itália, França, os serviços antes denominados de Higiene, Segurança, Medicina Ocupacional, Industrial e do Trabalho passaram a ser denominados Serviços de Saúde do Trabalhador ou de Saúde do Trabalho, refletindo uma mudança de enfoque que, na verdade, buscou incluir outros aspectos, notadamente fatores de riscos dos ambientes de trabalho (BANDEIRA, 2007, p 3).

No Brasil, a trajetória de lutas e conquistas relacionadas à saúde do trabalhador, da mesma forma, não é recente, e evoluiu em paralelo às políticas de saúde, de um modo geral, tanto em termos de concepções quanto de nomenclaturas.

Autores como Paim e Travassos *et al.* (2011) apresentam uma evolução histórica nos programas de saúde do Brasil, com perdas e ganhos para a vida do trabalhador brasileiro e o profissional, em especial, da educação, que tem sofrido com a falta de políticas públicas direcionadas a esses trabalhadores. Com base na publicação do Fascículo Saúde no Brasil 1, com o tema, “O sistema de saúde brasileiro: história, avanços e desafios”, percebem-se importantes momentos do sistema de saúde e os principais desafios encontrados desde o período do colonialismo até os tempos atuais.

Constata-se que, a partir do período colonial, se iniciou a preocupação com as políticas públicas de saúde da população no Brasil, com a criação de hospitais em várias capitais do país, mas somente no período da república velha aparece uma atenção aos direitos do trabalhador, dentre eles, o direito a boas condições de trabalho para preservação de sua saúde, durante os anos de 1930. Nesta década, por exemplo, houve o surgimento do Instituto de Aposentadorias e Pensões, visando garantir o direito a ressarcimentos pecuniários em casos de aposentadorias, morte e acidentes de trabalho, órgão que mais tarde viria a se denominar Instituto Nacional de Previdência Social (INPS) e, depois, Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (INAMPS) (DE SETA, 2006). Logo, o sistema de proteção social brasileiro teve sua expansão no período (1930-1945) do governo de Getúlio Vargas e dos governos militares (1964-1984), porém a sociedade não tinha participação nas decisões sobre essas questões.

Em 1981 surgiram as Ações Integradas de Saúde (AIS) com uma proposta de integração e racionalização dos serviços públicos de saúde, mas, somente no ano seguinte, deu-se a criação do Sistema Unificado e Descentralizado de Saúde (SUDS), estabelecendo uma transição para o Sistema Único de Saúde - SUS (DE SETA, 2006).

No Brasil, o direito universal à saúde foi conquistado pelo povo brasileiro em 1988, conforme estabelecido pela Constituição promulgada naquele ano e regulamentada pelas leis nº 8.080/90 e 8.142/90 (BRASIL, 2001). Assim, no que se refere à saúde, em seu aspecto institucional, a Constituição Federal Brasileira de 1988 assim se expressa no Título VIII, da Ordem Social, Capítulo II, da Seguridade Social, Seção II, da Saúde, artigo 196: “A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação” (BRASIL, 1988, p. 30).

Sob essa perspectiva, a saúde passou a envolver não apenas o universo restrito do sujeito, mas todo o seu entorno, compreendendo os diferentes aspectos de sua vida e de seu contexto sociocultural, político e econômico. Em função disso é que a saúde se coloca hoje como um direito fundamental da pessoa humana, independentemente de raça, religião, ideologia política ou condição socioeconômica. Foi essa concepção de saúde que norteou a 8ª Conferência Nacional de Saúde, passando-se ao entendimento de que a saúde:

[...] é resultante das condições de alimentação, habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, emprego, lazer, liberdade, acesso à posse de terra e acesso aos serviços de saúde. É assim, antes de tudo, o resultado das formas de organização social da produção, as quais podem gerar desigualdades aos níveis de vida (BRASIL, 1986).

Nesta direção, a Constituição brasileira de 1988 estabeleceu que o trabalho é um direito social do cidadão, ou seja, o documento garante ao indivíduo direitos fundamentais que proporcionem “liberdade positiva” no trabalho e, em relação ao direito do trabalhador, garante que tenham “redução dos riscos inerentes ao trabalho, por meio de normas de saúde, higiene e segurança” (BRASIL, 1998b, p. 9). Além do que está previsto na Constituição, o Ministério da Saúde editou diversas Normas Regulamentadoras (NRs), a exemplo a NR nº 05 (que trata da prevenção de acidentes de trabalho), nº 06 (que trata da obrigatoriedade dos equipamentos de prevenção individuais – EPI) e nº 17 (que trata dos riscos ergonômicos) (BRASIL, 2007).

Sobre o disposto nos preceitos constitucionais e regulamentações brasileiras relacionadas à saúde, Batistella (2007) afirma que, no Brasil, a saúde, legalmente, é vista como resultante de condições biológicas, sociais e econômicas, cuja responsabilidade maior é atribuição do Sistema Único de Saúde (SUS) e que, portanto, o Estado deve garantir, não apenas serviços públicos de promoção, proteção e recuperação da saúde, mas também deve adotar políticas econômicas e sociais que melhorem as condições de vida da população, evitando-se o risco de os indivíduos serem acometidos por doenças.

Esse modo de conceber a saúde como um fenômeno amplo, que pressupõe o acesso à educação, ao trabalho, ao transporte, à alimentação, ao lazer, entre outros bens, permite, portanto, a superação do modelo biométrico que se impôs até os dias de hoje e a adoção de outros princípios que permitam a reorganização do modelo de saúde brasileiro, ainda hoje muito voltado para as ações curativas e assistenciais (BATISTELLA, 2007 p. 76). Ou seja, falar sobre saúde do trabalhador remete a paradigmas que refletem naturezas epistemológicas diferentes sobre o homem, sobre o trabalho e o mundo.

Embora haja registros, desde a antiguidade, sobre os efeitos do trabalho na saúde dos trabalhadores, foi efetivamente a partir da publicação do Tratado sobre as Doenças dos Trabalhadores, do médico italiano Bernardino Ramazzini (2002), importante referência na área até o século XIX, que esse tema passou a assumir um lugar de destaque no âmbito da Medicina.

O campo da medicina do trabalho desenvolveu-se na Inglaterra, na primeira metade do século XIX, devido aos impactos da Revolução Industrial. Na realidade, a medicina do trabalho, primeiramente, se apresentou como medicina social, tendo em vista a ação do Estado, voltada para a população como um todo, focada em medidas sanitárias específicas para algumas cidades, conforme aconteceu em Paris e, só num outro momento, atentou para os trabalhadores, com a aplicação da “Lei dos Pobres”. Essa lei estabelecia medidas que buscavam proteger o pobre contra as terríveis condições de trabalho que passaram a imperar. Além disso, a preocupação com os riscos de epidemias (que haviam anteriormente dizimado a Europa), fez com que vários governos editassem diversos documentos, visando à regularização e à normatização das condições de trabalho nas grandes cidades que começavam a se formar. Entre essas várias normas merecem destaque a busca da definição de uma idade mínima para que alguém pudesse trabalhar e a limitação da carga horária máxima de trabalho (FAIMAN, 2012). No entanto, a visão de Foucault (2008) é a de que, não obstante serem os pobres a base da força de trabalho na época, esses foram os últimos a receber atenção desta corrente da medicina.

De qualquer modo, tendo em vista a exploração desumana da força de trabalho, de forma acelerada, impôs-se algum tipo de intervenção, sob pena de tornar inviável a sobrevivência e a reprodução do próprio processo de trabalho. Assim, em 1830, na Europa, surgiram os primeiros serviços de medicina do trabalho, que se expandiram para outros países, paralelamente ao processo de industrialização (MENDES, 1991). Constata-se, então, que foi, principalmente, em função da Revolução Industrial que o estudo da saúde do trabalhador, notadamente dos riscos ocupacionais, se desenvolveu (FAIMAN, 2012).

Mediante esse contexto, tornou-se fundamental o surgimento e a organização dos sindicatos e, mais tarde, já em 1919, a criação da Organização Internacional do Trabalho (OIT), colocando-se como agentes essenciais para a proteção dos trabalhadores. Assim, com a edição da Recomendação 97 sobre a “Proteção da Saúde dos Trabalhadores”, a Confederação Internacional do Trabalho convocou todos os membros da OIT a que se empenhassem na formação de médicos do trabalho qualificados e no estudo da organização de Serviços de Medicina do Trabalho (MENDES; DIAS, 1991).

No Brasil, ainda que timidamente, os avanços na compreensão sobre a relação saúde-trabalho, fizeram emergir o modelo da Saúde Ocupacional, que começou a ganhar importância a partir do início da industrialização no país, mais especificamente durante a década de 1930. Durante a fase da história brasileira conhecida como Era Vargas, o fenômeno de migração da massa populacional da zona rural para as zonas urbanas, em busca de trabalho em indústrias nascentes, evidenciou a exposição de operários a situações de perigo, grande carga de trabalho e riscos de acidentes. Foi nesse momento que surgiu a primeira grande lei trabalhista do Brasil, a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), em 1943, e, conseqüentemente, as primeiras leis federais protetivas das atividades de trabalho (COTRIM, 2007).

A saúde ocupacional, em essência, se preocupa em proporcionar condições dignas para a execução das atividades pelos trabalhadores, razões pela qual, nesta abordagem, também devem ser feitas avaliações periódicas para identificar os impactos aos quais os trabalhadores estejam submetidos, sejam esses impactos físicos ou psicológicos.

Todavia, no âmbito conceitual, o entendimento de saúde, foi se modificando, saindo do paradigma flexeneriano de atenção médica (de enfoque curativo) para o de produção social da saúde, com foco nas práticas de prevenção e vigilância sanitária, sobretudo a partir de 1974, com a divulgação do Relatório Lalonde, em Ottawa, Canadá (LALONDE, 1974). A partir desse momento, saúde e doença passam a ser consideradas como processos dinâmicos, estreitamente articulados com os modos de desenvolvimento produtivo da humanidade (BRASIL, 2001 p.7). Portanto, pode-se dizer que trabalhador é toda pessoa que exerça uma atividade de trabalho, independentemente de estar inserido no mercado formal ou informal de trabalho, inclusive na forma de trabalho familiar e/ou doméstico.

Para Mendes e Dias (1991, p. 347), a “[...] saúde do trabalhador é definida como o processo saúde e doença dos grupos humanos, em sua relação com o trabalho”. No Brasil, segundo Minayo-Gomes e Thedim-Costa (1997), essa área vem se construindo, no que diz respeito ao seu marco referencial e ao seu corpo conceitual e metodológico.

Segundo Pereira (1994), hoje a saúde do trabalhador é um campo específico da área da Saúde Pública, que procura atuar a partir de procedimentos próprios, com a finalidade de promover e proteger a saúde das pessoas envolvidas no exercício do trabalho. Portanto, aos poucos, a saúde do trabalhador foi conquistando o interesse de estudiosos de diferentes áreas e, com base no avanço dos conhecimentos acerca do tema, oferecendo argumento que permitiriam aos trabalhadores que reivindicassem melhores condições de trabalho e que, na própria área de saúde, se desenvolvessem projetos específicos para promover uma melhor qualidade de saúde aos trabalhadores (BANDEIRA, 2007).

Uma série de novas leis e regulamentações foi estabelecida, com destaque para a Lei. nº 6.514, de 1977, mais rigorosa no que diz respeito às responsabilidades das empresas e dos empregados com a segurança e os cuidados com a saúde nos ambientes de trabalho. No Brasil, como em outros países mais avançados, os sindicatos tiveram um importante papel na consolidação dos direitos do trabalhador. Entre esses direitos destacam-se o seguro desemprego, os diferentes tipos de licença e adicionais por periculosidade e insalubridade, colaborando para a melhoria das condições gerais de saúde do trabalhador.

Assim, com a Constituição de 1988, o governo passou a oferecer um só sistema de serviços públicos de saúde à população, o Sistema Único de Saúde (SUS), inclusive com o objetivo de atender os trabalhadores a partir de um entendimento mais amplo do processo de saúde-adoecimento nos ambientes de trabalho, visto agora como uma complexa dinâmica de interação das condições gerais de vida, das relações de trabalho, do processo laboral e do controle, pelos próprios trabalhadores, das suas condições de vida e de trabalho.

Neste contexto, o trabalhador passou a ter assegurado o seu direito à saúde também nos ambientes de trabalho, devendo ser amparado no âmbito do SUS, por meio da Lei 8.080/1990, que, em seu Art. 6º, § 3º, entende ser necessário:

[...] um conjunto de atividades que se destina, através das ações de vigilância epidemiológica e vigilância sanitária, à promoção e proteção da saúde dos trabalhadores, assim como visa à recuperação e reabilitação da saúde dos trabalhadores submetidos aos riscos e agravos advindos das condições de trabalho (BRASIL, 2001).

Algumas atividades, no entanto, pedem atenção especial por oferecem mais riscos que outras aos trabalhadores, normalmente devido à exposição contínua a produtos ou materiais tóxicos, a ruídos ou em função de movimentos repetitivos que são executados. Assim, nessas profissões, pode-se afirmar que, ao longo dos anos, os trabalhadores podem sofrer efeitos dos perigos aos quais são expostos e o aparecimento de doenças ocupacionais,

tais como problemas de visão, asma ocupacional, escoliose, perda auditiva e distúrbios mentais.

Sobre essa questão, o relatório final da Comissão Nacional sobre determinantes Sociais da Saúde (CNPSS, 2008) cita os dados do SUS sobre as doenças relacionadas ao trabalho, em que 45% do total de afastamento do trabalho são decorrentes de LER/DORT (MAEMO; CARMO 2008), com maior ocorrência entre as faixas etárias de 30 a 40 anos (CEREST/SP, 2007). Vale destacar que esses dados se referem ao universo de 50,7% do total de trabalhadores com carteira assinada (IBGE, 2012-2013).

Nesse sentido, a atividade do magistério parece constar entre as mais desgastantes, razão pela qual a própria Constituição determina que o tempo de serviço dos professores que comprovem, exclusivamente, tempo de efetivo exercício de magistério na educação infantil, ensino fundamental e médio deve ser reduzido em 5 anos, para efeitos de aposentadoria (BRASIL, 2009).

Para caracterizar as condições gerais de vida e trabalho de docentes, o estudo da UNESCO (2004) “O perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam”, traçou um retrato dos professores brasileiros do ensino fundamental e médio, de escolas públicas e privadas das 27 unidades da Federação. Pesquisou as características sociais, econômicas e profissionais dos docentes, envolvendo aspectos que influenciam na identidade profissional, nas características relacionadas a sexo, faixa etária, família, distribuição geográfica, renda familiar, autoclassificação social, mobilidade, atuação profissional, titulação, habilitação e práticas culturais.

Vários aspectos chamam a atenção, tais como: a predominância da mulher na profissão e a maioria sendo casadas. No entanto, 6,1% apontam para a composição de novos arranjos familiares, com renda familiar superior a 10 salários mínimos – são professores que trabalham em escolas privadas, situadas na região sudeste e região nordeste. Quanto ao acesso ao computador, a renda dos docentes influencia diretamente em ter ou não acesso, já que, de acordo com a pesquisa, somente 3% daqueles que recebem salário mínimo têm computador e mais da metade não utilizavam, à época, correio eletrônico. A maioria desses docentes tem condição de vida e escolaridade melhores que seus pais; quanto à formação profissional, mais da metade concluiu o ensino superior, porém as regiões Norte e Centro-oeste possuem os maiores índices de habilitação profissional inadequada, sem formação pedagógica ou o ensino superior e sem licenciatura. Esses e outros resultados apresentados evidenciam as fortes desigualdades regionais e as diferenças na situação de professores de escolas privadas e públicas do ensino tradicional.

No âmbito da carreira docente no Ensino Superior, constata-se ser esta uma área que tem exigido dos docentes diferentes tipos de esforços, tensões e diferentes relações com o conhecimento, posto que:

O professor de ensino superior trabalha em diferentes tipos de instituições, desenvolve nelas atividades que se qualificam de diferentes formas, enfrenta tensões das mais variadas, seja com os pares da mesma ou de diferentes áreas, é um profissional não necessariamente somente da universidade e mostra diferentes relações com o conhecimento, seja para produzi-lo ou para disseminá-lo (FRANCO, 2001, p. 114).

Da mesma forma, entende-se que o docente-tutor em EaD realiza funções típicas de um docente tradicional, mas, ao mesmo tempo enfrenta exigências próprias da modalidade a distância. Portanto, por se tratar de um profissional que atua no ambiente virtual, se expõe a uma série de questões adversas à rotina do docente tradicional e, dessa forma, está sujeito a comprometimentos de sua saúde, faz-se necessário investigar suas condições de trabalho e as formas de superação das possíveis adversidades.

2.3.1 Saúde do Docente-tutor

O processo de aprendizagem pela via da educação formal desenvolveu-se ao longo da história para atender as necessidades de uma sociedade em constantes mudanças, especialmente em relação à educação para o trabalho, fazendo com que os docentes tivessem que se adaptar a esse processo. A profissão docente tem passado por muitas dificuldades, pois o professor que, anteriormente, era visto como um personagem essencial para a sociedade, hoje é aquele que luta pela sua valorização e pelo seu reconhecimento (MILL, 2008).

A saúde das pessoas deve ser garantida mediante políticas sociais e econômicas, o que implica dizer ser que se trata de um direito amplo e que deve ser exercido nas várias instâncias da vida em sociedade, inclusive no trabalho, principalmente para preservar o trabalhador dos riscos de doenças e outros agravos. O trabalho tem um papel fundamental na inserção do indivíduo no mundo, contribuindo para a formação de sua identidade e permitindo-lhe participar da vida social, sendo, ao mesmo tempo, um elemento essencial para saúde (CAVALCANTE, *et al.*, 2006).

Em estudo apresentado por Lacaz (2007), o autor destaca a abordagem de diferentes formas de trabalho, organização, divisão, valorização, características de cada formação social e seu modo de produção no contexto de caráter histórico e, conseqüentemente, das relações trabalho-saúde e dos processos de adoecimento.

Essa abordagem buscar resgatar os limites humanos que, necessariamente, devem ser considerados nos ambientes de trabalho, “algo que nem sempre ocorre”, ao mesmo tempo em que destaca a importância da atenção a esses limites, como forma de proteger o trabalhador contra uma série de agravos, tais como mal-estar e desgastes, do ponto de vista físico e mental, além dos acidentes e doenças (LACAZ, 2007).

É nessa perspectiva que Mill (2007) aponta os riscos no trabalho que os programas em EaD envolvem, tais como: aumento da carga de trabalho dos docentes, novas exigências impostas pelo uso das tecnologias digitais, o “empobrecimento” da mediação pedagógica por meio da atuação da tutoria, precarização do trabalho em termos de condições de trabalho, entre outros. Tudo isso se deu com o enorme desenvolvimento da EaD, nos últimos tempos, e, por conseguinte, com a criação de novas funções, que, inclusive, ainda não são regulamentadas nas leis trabalhistas, como o caso do docente-. Dessa forma, Mill (2007, p.35) explica o atual estágio da EaD:

Com o desenvolvimento da modalidade de educação a distância (EaD), surgem novas figuras profissionais no trabalho docente. A relação ensino-aprendizagem agora conta, por exemplo, com o docente-tutor — que não é exatamente um professor. Entre as denominações atribuídas a este docente, estão: tutor virtual, tutor eletrônico, tutor presencial, tutor de sala de aula, tutor local, orientador acadêmico, animador e diversas outras.

Assim, em suas pesquisas, Mill *et al.* (2008) identificaram que os docentes-tutores podem vir a apresentar sensações de angústia, ansiedade e solidão e que esses tutores virtuais estão sob riscos de dores e lesões no corpo (coluna, mãos, pescoço, lombalgia, fibromialgia, hérnia etc.) e problemas oftalmológicos ou posturais. Entre as funções desempenhadas no trabalho por esses profissionais, constam: acompanhar, orientar, estimular e provocar a construção do saber do aluno, esclarecer dúvidas referentes a aspectos burocráticos e dedicar-se para operar plenamente o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). Portanto, o docente-tutor exerce tanto atividades características do docente tradicional, quanto novas funções. No trabalho apresentado em relação às repercussões dessas atividades na saúde deste trabalhador, Daniel Mill *et al.* (2008), no trabalho “O desafio de uma interação de qualidade na Educação a distância: o tutor e sua importância nesse processo”, autores apresentaram aspectos da saúde do docente-tutor, tais como:

A alguns males (ou doenças) – que pareciam não acometer o trabalhador docente presencial – são recorrentes entre os teletrabalhadores da EaD (por exemplo, aqueles relacionados à visão, postura física, lesões musculares ou nervosas etc.). Outros sintomas típicos do trabalho docente presencial (como aqueles relacionados à voz) não foram verificados entre os tutores virtuais. (MILL *et al.*, 2008 p. 117).

Ainda nesse trabalho, os autores apresentaram relatos sobre os distúrbios verificados na saúde do trabalhador da educação a distância, relacionados a questões ergonômicas ou de irresponsabilidade/descuido pessoal com a própria saúde. Como forma de impedir doenças influenciadas pelo modo operatório do trabalho, sugere atitudes de prevenção, como exemplo: o alongamento no início da jornada de trabalho, um mobiliário mais adequado junto aos equipamentos de informática. O autor cita que a maioria dos aspectos desagradáveis no trabalho na educação a distância concentra-se na sobrecarga de trabalho, tanto para o excesso de atividades como os elevados números de alunos, ou seja, o tamanho das turmas, baixo valor hora/aula.

Da mesma forma, o estudo de Freitas *et al.* (2010), sobre “Os impactos da tecnologia da informação e comunicação sobre a saúde docente”, relata que o trabalho docente envolve diversas atividades tais como: a redação de apostilas e livros, a elaboração de slides para as aulas, a elaboração, aplicação e correção de provas, entre outras. Contudo, essas atividades requerem tempo e são realizadas mediante a baixa remuneração, com a utilização das TICs, sob condições ergonômicas adversas, levando à incidência de Lesões por Esforço Repetitivo (LER), Doenças Osteo-Musculares e relacionadas ao Trabalho (DORT), estresse e até mesmo a Síndrome de Burnout. Tem-se, também, o cansaço na visão e dores de cabeça crônicas também podem aparecer como resultado de leituras prolongadas diante da tela do computador. Esse estudo constatou que ainda são poucas as atenções dadas à saúde do docente e que são necessárias propostas de mudanças efetivas na realização do trabalho docente como: valorização, jornadas de trabalho que garantam o sustento de família, evitando um desgaste físico generalizado, investimentos em capacitações que habilitem os docentes a utilizarem as TICs de forma saudável, utilização de móveis ergonomicamente corretos, telas anti-reflexos em seus monitores e medidas que venham minimizar os efeitos negativos das tecnologias.

As pesquisas realizadas por Esteve e Codo (1999) também vieram apresentar, à época, a precariedade das condições de trabalhos dos docentes brasileiros, quando comparadas com os europeus e americanos, apontando as principais causas de adoecimento físico e psicológico.

Ainda nesse sentido, Vedonato e Monteiro (2008) apontam que 258 professores de escolas estaduais de São Paulo possuem “vidas precárias”, problemas de saúde como: transtornos músculo-esquelético-DORT, respiratórios e mentais. Constatou-se, ainda nesta pesquisa, que 96,5% dos sujeitos pesquisados consideram o trabalho como estressante, relacionando esse fato ao surgimento de transtornos mentais em 20,9% dos entrevistados, sendo 74,1% os que usavam medicamentos antidepressivos.

Reis *et al* (2006,p.242) corroboram esta questão, afirmando que:

Ensinar é uma atividade altamente estressante no desempenho profissional do docente e na sua saúde física e mental. O pó de giz, por exemplo, provoca irritações e alergias na pele e nas vias respiratórias. A necessidade de falar incessantemente e de alterar o tom de voz repetidas vezes, provoca calosidade das cordas vocais.

É possível pensar, portanto, que o trabalho do docente-tutor envolve aspectos relacionados à organização do trabalho (jornada, ritmo, carga de trabalho, etc.) e às condições do trabalho (ambiente físico, aspectos biológicos, etc.) que repercutem em sua saúde, produzindo adoecimentos, exigindo seu potencial de enfrentamento às situações a que fica exposto. Nesse sentido, recorre-se aqui ao constructo da resiliência para compreensão desse fenômeno junto a esta categoria profissional.

2.4 Teoria da Resiliência

No campo das ciências exatas, chama-se de resiliência a “[...] qualidade de resistência de um material ao choque, à tensão, à pressão que lhe permita voltar, sempre que é forçado ou violentado, à sua forma inicial, por exemplo, um elástico, uma mola etc.” (TAVARES, 2002, p. 45).

Etimologicamente, resiliência deriva do latim *resiliens*, que significa saltar para trás, voltar, recuar, romper. Já de acordo com etimologia inglesa, o termo *resilient* remete à ideia de elasticidade e capacidade de recuperação. No Brasil, de acordo com o Dicionário Houaiss, resiliência é a propriedade de alguma coisa retornar à forma original, após ter sido submetida a uma deformação; ou capacidade de se recobrar ou de se readaptar à má sorte, às mudanças (HOUAIS, *et al.*, 2012).

Percebe-se, portanto, que, no âmbito das ciências naturais e na engenharia, resiliência é definida como a qualidade que os materiais têm de suportar a aplicação de esforços externos sem se romperem (VIANNA, 2008). Antunes (2003, p. 13) reforça essa ideia afirmando que:

Resiliência é uma abordagem teórica e um conceito extraído da física e muito usado pela engenharia e que representa a capacidade de superar o distúrbio imposto por um fenômeno externo e inalterado. Aplicado a vida humana e animal, representa a capacidade de resistência a condições duríssimas e persistentes e, dessa forma, diz respeito à capacidade de pessoas, grupos ou comunidades não só de resistir às adversidades, mas de utilizá-las em seus processos de desenvolvimento pessoal e crescimento social.

Assim, sobre o termo resiliência, advindo do campo da Física e da Engenharia, conforme Thomas Young, o primeiro a tratar desta capacidade de um material de passar por fortes impactos e, posteriormente, voltar ao normal, verifica-se que, na atualidade, pode ser aplicado aos aspectos físicos, biológicos e psíquicos (ANGST; AMORIM, 2011).

A partir das décadas de 1970 e 1980, iniciou-se a investigação dos fenômenos relacionados às pessoas expostas a inúmeras adversidades, mas que, ainda assim, pareciam permanecer saudáveis. Essas pessoas, inicialmente, foram chamadas de invulneráveis e mais tarde, tal fenômeno passou a ser conhecido como resiliência.

Para Yunes (2001), a resiliência é um conjunto de processos de vida que possibilitam a superação de adversidades, o que não significa que o indivíduo saia ileso das crises, como sugeria antigamente o termo precursor de resiliência: a invulnerabilidade.

Desse modo, considerando-se a perspectiva biológica, pode-se considerar que “[...] resiliência seria a capacidade de um sujeito resistir a uma doença, a uma infecção, a uma intervenção, por si próprio ou com a ajuda de medicamentos.” (TAVARES, 2002, p. 45). No contexto psíquico, seria “[...] uma qualidade, uma capacidade de as pessoas pessoalmente ou em grupo resistirem a situações adversas sem perderem o seu equilíbrio inicial, isto é, a capacidade de se acomodarem e reequilibrarem constantemente” (TAVARES, 2002, p. 46).

Então, pode-se dizer que a resiliência se refere ao fato de que o ser humano, nas mais diferentes dimensões de sua vida, pode sempre estar sujeito a condições difíceis, mas que alguns indivíduos podem enfrentar e superar e, em alguns casos, até se aproveitar dessas condições, utilizando-as a seu favor. Mota *et al.*, (2006, p. 58) assim definem esse fenômeno:

A resiliência pode ser definida como uma capacidade universal que possibilita a pessoa, grupo ou comunidade prevenir, minimizar ou superar os efeitos nocivos das adversidades, inclusive saindo dessas situações fortalecida ou até mesmo transformada, porém não ileso.

Portanto, no contexto dessa teoria, encontra-se o instrumental necessário à compreensão dos processos que explicam a superação de crises e adversidades em indivíduos, grupos e organizações (YUNES, 2001).

No Brasil, no fim da década de 1990, as matérias de autoajuda apresentadas pela mídia eram a forma utilizada para a disseminação da resiliência. A Psicologia no Brasil apresentou o conceito de resiliência definindo-o, sobretudo, como a capacidade de o indivíduo ou a família enfrentar as adversidades, e de ser transformado por elas, conseguindo superá-las. Alguns autores entendem a resiliência como um fenômeno presente no desenvolvimento de qualquer ser humano (MASTEN, 2001).

Aldo Melillo *et.al* (2004, p.63-64) apresenta a resiliência como sendo “[...] a ênfase na necessidade do outro como ponto de apoio para a superação da adversidade”, ressaltando ser esta “a capacidade dos seres humanos de superar os efeitos de uma adversidade à qual estão submetidos e, inclusive, de sair fortalecidos da situação”, tendo o suporte afetivo familiar como fundamental ao indivíduo, em termos de segurança psicológica.

Dessa maneira, a resiliência seria um padrão de comportamento que poderia ser aprendido, e esse aprendizado ocorreria durante todo o desenvolvimento humano, independentemente da idade, do status social ou das condições ambientais (ANGST; AMORIM, 2011).

Para Pinheiro (2004, p.70), a observação do comportamento humano, permite as seguintes indagações:

[...] como algumas pessoas conseguem enfrentar situações adversas ao desenvolvimento humano? Por que alguns são mais vulneráveis que outros diante de situações de risco? Por que outros indivíduos apresentam invulnerabilidade e competência para manejar situações estressantes? Como alguns seres humanos podem se recuperar de grandes perdas materiais e/ou emocionais? Quais seriam as variáveis que possibilitam a alguns superar seus infortúnios de forma a estes não interferirem no desenvolvimento emocional posterior?

Percebe-se que grande parte dessas indagações são possíveis pela compreensão do fenômeno da resiliência. Mas, de acordo as considerações dessa autora, pessoas resilientes possuem autoconfiança, expectativa de oportunidade na vida, e, assim, apresentam boas chances quanto ao futuro. Então, as pessoas seriam caracterizadas em dois grupos: os resilientes e os não resilientes. No atual estágio dos estudos, no entanto, esta é uma questão ainda difícil de responder.

Assim, em busca de respostas para essas e tantas outras questões, no I Congresso de Psicologia do Conselho Federal, em São Paulo, Yunes (2001) afirmou que a resiliência é um fenômeno que procura explicar os processos de superação de adversidade, mas que não pode ser confundida com invulnerabilidade, pois não se trata, de modo algum, de resistência absoluta às adversidades. Logo, no âmbito das ciências humanas, percebe-se que a definição de resiliência não pode ser tão precisa quanto, por exemplo, na Física.

Para ilustrar essa questão usou-se uma “[...] metáfora para exemplificar, a relação tensão/pressão com a deformação não permanente do material que corresponderia à relação situação de risco/estresse/experiência adversas com respostas finais de adaptação/ajustamento no indivíduo”, mas que, ainda assim, isso se mostra problemático, haja vista as dificuldades em esclarecer o que é considerado risco e adversidade, bem como a adaptação e o ajustamento (YUNES; SZYMANSKI, 2001, p.16).

Outro importante conceito apontado por essas autoras diz respeito às estratégias utilizadas pelas pessoas frente às adversidades, o *coping*, que são processos correlacionados e condicionados a situações de estresses. Enquanto um foca a maneira, a estratégia utilizada para lidar com a situação, independentemente do resultado obtido, o outro concentra atenção nos resultados das estratégias utilizadas, as adaptações positivas do sujeito diante das adversidades. Conforme Yunes e Szymanski (2001, p.31), “[...] muitas questões vêm sendo feitas ainda sobre o que estaria envolvendo o fenômeno da resiliência no que tange ao *coping* bem sucedido diante das situações de estresse”.

Dessa forma, observa-se que há vários fatores e variáveis importantes nesse campo de estudos, em relação à ideia de que o indivíduo resiliente é aquele que tem habilidades para reconhecer a dor, perceber seu sentido e tolerá-la até resolver os conflitos de forma construtiva (PINHEIRO, 2004). O estudo sobre resiliência tem se intensificado, ao longo dos últimos anos, e já é possível encontrar, na área de Psicologia e de outras ciências humanas, razoável produção, o que permite avançar no campo da investigação deste fenômeno (TABOADA; LEGAL; MACHADO, 2006).

Brofenbrenner (1993), importante estudioso dos ambientes de desenvolvimento, utilizou o conceito de resiliência em relação aos sobreviventes de campos de concentração nazistas que reconstruíram as suas vidas, enquanto outros não conseguiram superar o trauma que haviam passado. De acordo com Pinheiro (2004), nesse sentido foi identificada uma qualidade importante que caracterizaria o indivíduo resiliente: a esperança quanto ao futuro que essas pessoas possuíam quando submetidas ao sofrimento.

Não obstante, entender o processo de superação ou não das adversidades, não é algo fácil ou talvez não seja nem o caso de se identificar se o indivíduo é ou não resiliente (PINHEIRO, 2004 p. 68). Contudo, as pesquisas sobre resiliência envolvendo a forma de perceber o ser humano e sua saúde têm crescido, inclusive no modelo de assistência:

[...] pesquisas em resiliência mudaram a forma como se percebe o ser humano: de um modelo de risco, baseado nas necessidades e na doença, se passou a um modelo de prevenção e promoção, baseado nas potencialidades e recursos que o ser humano tem em si e ao redor (INFANTE, 1997, p. 12).

Logo, percebe-se certa modificação nos marcos conceituais, nas metas, nas estratégias e nas avaliações que envolvem o processo de saúde-adoecimento, nos ambientes de trabalho, fazendo com que a atenção ao indivíduo passe a ter um alcance maior (MASTEN, 2001, p. 34).

Um indivíduo que não mais apenas carece e adocece, mas que é capaz de procurar seus próprios recursos e sair fortalecido da adversidade. O enfoque em resiliência obriga trabalhadores da saúde e profissionais da área social a prestarem atenção ao que chamamos de “ordinary magic”.

A expressão “magia cotidiana”, utilizada por Masten, remete ao indivíduo que é capaz de encontrar recursos e superar as adversidades, sem, no entanto, deixar de compreender esta capacidade, desconsiderando-se toda a ecologia do ambiente que o rodeia. Pois, o contexto na situação de risco se torna extremamente importante, ou seja, não se pode analisar um fato isoladamente sem considerar acontecimentos anteriores e posteriores. Logo, a resiliência surge na proporção em que os riscos estão presentes (YUNES, 2001).

Nessa perspectiva, não se pode falar em resiliência sem mencionar fatos que expressam riscos crescentes ao desenvolvimento. Conforme Yunes (2001), os fatores de risco estão relacionados a eventos negativos da vida, contribuindo com a possibilidade do indivíduo de apresentar comprometimentos com saúde, bem-estar e desempenho social.

Portanto, os fatores de risco podem se apresentar como internos e externos, e podem ocorrer de diferentes maneiras, em fases diferentes do desenvolvimento, podendo, ocorrer impactos que impeçam ou dificultem a capacidade de dar continuidade à vida. Outro fator que merece destaque e está ligado aos impactos de riscos são os fatores de proteção, pois estão diretamente ligados ao desenvolvimento saudável do indivíduo na obtenção de resultados positivos. Yunes (2001) relata que fatores de proteção acontecem quando existe influência que modifica, melhora ou altera respostas pessoais a determinados riscos de desadaptação, ou seja, as influências agem no ambiente, facilitando e incentivando fenômenos resilientes.

Nesse contexto, é patente que na análise desse tipo de fenômeno devem também ser considerados os diferentes aspectos dessa ecologia, tais como a cultura, as tarefas, as condições materiais, os relacionamentos interpessoais (INFANTE 1997).

2.4.1 Resiliência e articulações possíveis com a atuação do docente-tutor

De fato, na sociedade contemporânea, as mudanças têm gerado desafios, exigido um novo perfil do trabalhador e interferindo em várias esferas do ambiente de trabalho, exigindo, entre outros aspectos, atenção nas relações interpessoais, atitudes flexíveis e espírito criativo no enfrentamento das adversidades (POETINI, 2010). Ou seja, implicam em capacidade de resiliência, conforme afirma Tavares (2002, p.7):

No mundo atual, em que desafios e dificuldades se apresentam a cada dia para os seres humanos, em que a competição por espaços profissionais e pessoais se torna mais acirrada, em que as expectativas externas se chocam com as possibilidades reais de realização do sujeito, este precisa ser formado - e se autoformar – para se preservar psicologicamente, para reagir, para ordenar o seu mundo, suas necessidades, suas prioridades, seus desejos e suas ações, de modo a não se deixar sobrepujar por contingências e circunstâncias a que não possa, em dado momento e em determinadas situações, controlar e dar as respostas exigidas. Esta formação, nesse contexto, traduziria sua resiliência.

Nesse contexto, Vicente (1995 apud MONTEIRO *et al.*, 2001, p. 6) afirma ser necessária a aceitação incondicional do indivíduo enquanto pessoa, principalmente pela família, assim como a presença de redes sociais de apoio que permitam o desenvolvimento de condutas resilientes.

Segundo Tavares (2002), isso acontece, primeiramente, porque o novo sempre gera insegurança e incertezas e, ainda, tais mudanças, muitas vezes, se apresentam quase como ameaças, acarretando sensações de angústia, insegurança e ansiedade. Portanto, como o processo de mudança desencadeia novas exigências nos ambiente de trabalho, torna-se necessário que os profissionais desenvolvam sua capacidade de resiliência, posicionando-se de forma positiva frente às circunstâncias inesperadas e adversas (CASTRO, 2002).

Essa perspectiva corrobora o que Masten, Kaplan e Benard (1999) salientam sobre a resiliência ser um processo dinâmico em que as influências do ambiente e do indivíduo interatuam numa relação recíproca, que permite à pessoa se adaptar, apesar da adversidade. Tal perspectiva vai ao encontro também do que Silva *et al.* (2005) afirmam sobre o processo de saúde-doença:

[...] estão associadas a um conjunto de valores que inclui: qualidade de vida, saúde, solidariedade, equidade, democracia, cidadania, desenvolvimento, participação, entre outros. Pois a resiliência é um fenômeno que constrói não somente a partir das características pessoais do sujeito, mas também, do ambiente e das relações que neles e entre eles se desenvolvam.

Portanto, compreender a dimensão do fenômeno da resiliência pode favorecer a construção de ambientes favoráveis à saúde do trabalhador, como no caso do docente-tutor, que, nessa sociedade em rede, é um dos profissionais que precisa estar apto a assimilar as mudanças repentinas da sociedade, mudanças essas que se refletem na educação, e a operacionalizá-las, em suas diversas instâncias, o que, sem dúvida, exige sua resiliência.

No meio educacional, ainda é pouco comum ouvir falar sobre esse tema, mas convém dizer que consiste na habilidade do indivíduo de enfrentar situações de adversidade e sair fortalecidos. Ou seja, livrar-se de “algemas” que impeçam de “seguir adiante”

(MELILLO, *et al.*, 2005). Entende-se que a capacidade de resiliência é importante para que o docente-tutor possa lidar com suas atividades cotidianas.

De acordo com Lopes e Ribeiro (1996), em estudo voltado para as causas do surgimento do mal-estar docente¹⁰, esses autores apontam que o mal-estar ocorre devido às dificuldades de interação social, em situações adversas, tanto em questões individuais ou intergrupais. No entanto, algumas questões intergrupais, quando se mostrarem de forma positiva, tendem a possibilitar situações de resiliência.

Para Yunes (2001), a resiliência ainda é pouco estudada em relação aos docentes, e, para ele, estudos direcionados a essa categoria de profissionais poderiam contribuir para a elaboração dessas questões, não só para esses profissionais, mas por todos os atores responsáveis pela gestão do processo de ensino-aprendizagem. Sendo assim, aumentar o investimento nos estudos voltados aos processos educativos poderia facilitar condições que propiciassem o gerenciamento de conflitos, superações e prevenções de dificuldades, quais sejam elas, e favorecendo o aumento da qualidade de ensino.

De fato, o exercício da docência, seja ele realizado em qualquer modalidade de ensino, não é algo fácil, sobretudo numa fase como a atual, de mudanças constantes de paradigmas¹¹, tempos em que a informação e a evolução das novas tecnologias obrigam o docente a atualizar-se, quase que diariamente, incorporando os novos conhecimentos, as formas de interagir com essas e de operacionalizá-las. Para Pedro e Peixoto (2006), a insatisfação gerada nesses profissionais tende a contribuir para o aumento do mal-estar docente e o surgimento de problemas que afetam sua saúde, sendo importante a promoção, por parte do professor, de estruturas psicológicas que tendem a permitir a construção da resiliência às pessoas e às organizações.

Portanto, é necessário atentar-se para o exercício das atividades desse profissional, no seu dia a dia: como lidam com suas tarefas, suas limitações e dificuldades, no contexto do mundo atual, de inúmeras adversidades sociais que exigem adaptação positiva das pessoas. O conhecimento e o estudo das múltiplas implicações do fenômeno da resiliência podem permitir uma nova abordagem das práticas junto a essa categoria de docentes, reconstruindo-a, e dando-lhes novas percepções de sua realidade.

Neste sentido, acredita-se que estudos nesse campo possam contribuir para o aumento da criatividade, da flexibilidade e da inovação diante das adversidades, possibilitando ao profissional repensar sua preparação, a partir de uma dimensão teórica que

¹⁰ Questões referentes acerca do adoecimento do profissional da educação.

¹¹ Castells (2003) sugere que a internet e as tecnologias digitais propiciaram emergir novos paradigmas, descritos como sociedade da informação ou sociedade em rede, alicerçada no poder da informação e a educação como a possibilidade de aprender em espaços físicos diferentes do local da escola.

possa contribuir, no âmbito da prática, para um bom desempenho das atividades pedagógicas exigidas, e para a saúde física e psicológica do docente-tutor.

3 MÉTODO

Segundo Gil (2010, p. 26), a investigação científica é um “conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos” que pretende atingir os objetivos propostos em uma investigação, cujos métodos empregados são fundamentais. O conjunto de processos ou operações mentais empregados na pesquisa controla a linha de raciocínio adotada no processo de investigação científica, sobretudo para que não se perca o foco do objeto de estudo e para garantir a veracidade e a validade das conclusões.

Logo, o método é um conjunto de atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar os objetivos – conhecimentos válidos e verdadeiros, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando na tomada de decisões do cientista (LAKATOS; MARCONI, 2001).

3.1 Tipo de pesquisa

Para o desenvolvimento do presente estudo, adotou-se uma pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter exploratório, do tipo de estudo de caso, que Gil (2010) descreve como sendo um estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento.

A escolha por essa abordagem proporcionou identificar informações relevantes quanto às relações de trabalho, saúde e resiliência do docente-tutor na educação a distância exercida pelos docentes-tutores que atuam em um determinado Centro de Tecnologia para Educação.

Portanto, a opção por esse tipo de pesquisa permitiu “[...] uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados” (MINAYO, 1993, p. 23).

3.2 Campo de Estudo

A pesquisa foi realizada junto a um Centro de Tecnologia para Educação, de uma Instituição Pública no Estado Maranhão, com experiência de atuação de 12 anos.

3.3 População e Amostra

A escolha do público alvo desta pesquisa teve por base a facilidade ao acesso dos sujeitos, uma vez que a pesquisadora fazia parte do grupo de colaboradores desse Centro de Tecnologias para Educação, cuja população é de aproximadamente 365 docentes-tutores.

Todos foram convidados a participar da pesquisa, por meio de carta enviada *online*, utilizando o *mailing* da instituição. No questionário, buscou-se apresentar questões que permitissem a caracterização das suas condições bio-socio-ocupacionais. Apenas 16 deles manifestaram interesse em participar da pesquisa. No entanto, por livre espontaneidade, apenas 08 (oito) desses docentes-tutores participaram do grupo focal *online* (APÊNDICE B). Para complementar os resultados, utilizou-se uma técnica presencial, convidando, através do AVA, os docentes-tutores com mais tempo de atividade para aplicação de uma entrevista aberta (APÊNDICE C). Por falta de disponibilidade dos participantes, realizou-se somente uma entrevista. Sendo assim, a amostra assumiu a configuração de uma amostra por acessibilidade, que, segundo Kinnear e Taylor (1991), ocorre quando se trata de voluntários ou seleção por facilidade de acesso.

3.4 Instrumentos

Para caracterização dos participantes utilizou-se, inicialmente, um questionário bio-socio-ocupacional (APÊNDICE A), elaborado pela pesquisadora, postado no Ambiente Virtual de Aprendizagem, disponível (Plataforma Moodle) por 07 (sete) dias. Gil (2010) cita que o questionário é um instrumento de coleta de dados que permite uma investigação clara e objetiva do perfil social, inclusive no sentido de obter informações sobre grau de conhecimento, formação, crenças, sentimentos, valores, expectativas, aspirações, temores e comportamento, no presente ou do passado. Dessa forma, o questionário constou de 17(dezessete) perguntas, 16(dezesseis) delas fechadas e 01(uma) aberta, para investigação: 1) das características pessoais dos docentes-tutores 2) caracterização da formação acadêmica e

profissional 3) percepção sobre suas condições de trabalho e de saúde. Embora se tenha trabalhado mais com perguntas fechadas, o intuito maior foi o de identificar o perfil da amostra e menos de quantificar os resultados, tendo em vista a amostra ter sido muito reduzida.

Com a intenção de se obter mais informações para enriquecimento desta pesquisa, utilizou-se a técnica de Grupo Focal *online*, por se tratar de uma técnica qualitativa que, na concepção de Vaughn *et al.*, (1996), pode ser usada sozinha ou associada a outras técnicas qualitativas ou quantitativas, para aprofundar o conhecimento que se deseja. Em face da grande disseminação do uso de computadores, da internet, e por se tratar de educação a distância, optou-se pelo uso dessa técnica na modalidade de grupo focal *online*, que é semelhante ao grupo focal presencial, segundo Schroeder e Klering (2009), se diferindo deste apenas pela utilização de ferramentas virtuais. Entendeu-se que esta técnica *online* seria um atrativo para os participantes, constituindo-se uma ferramenta que seria utilizada pela primeira vez neste ambiente virtual de aprendizagem, com finalidade de pesquisa. Embora todos os 16 (dezesesseis) respondentes do questionário tenham sido convidados a participar, apenas 08 (oito) participantes compareceram à sala virtual.

Para Dias (2000), não é aconselhável a utilização de grupos muito restritos nem muito numerosos, que dificultam a organização de uma discussão utilizando a técnica de grupo focal *online*. Em grupos de menos de seis pessoas, corre-se o risco de restrição do espectro de percepções e dificuldades na interação, além de geração de posturas tímidas e defensivas. Por outro lado, um grupo com mais de dez pessoas torna mais difícil o controle e organização da discussão, comprometendo a qualidade da participação e, inclusive, comprometendo o tempo que cada um dos sujeitos tem para se manifestar.

Para aplicação da técnica do grupo focal *online*, cujo roteiro consta no (APÊNDICE B), foi preciso estar atento a alguns procedimentos fundamentais, como: planejamento para estabelecer com precisão os objetivos e metas a serem alcançados e estabelecimento de um roteiro pré-estabelecido para utilização junto aos participantes pelo moderador, neste caso a própria pesquisadora, que guiou todo o processo, conforme orienta Dias (2000, p.6), pois o grupo focal precisa:

[...] estar relacionado diretamente à definição clara do objetivo da pesquisa; ao planejamento da discussão; à habilidade e independência do moderador; e à escolha de participantes que consigam se expressar bem e que se sintam confortáveis em compartilhar ideias e sentimentos.

Como último instrumento, utilizou-se a entrevista aberta, utilizada geralmente na descrição de casos individuais, na compreensão de especificidades culturais para

determinados grupos e para comparabilidade de diversos casos (MINAYO, 1993), com o intuito de se obter mais informações e de explorar mais amplamente este tema.

Nesta pesquisa, selecionaram-se 02 (dois) entre os 08 (oito) participantes do grupo focal *online*, com maior tempo de atuação em EaD, convidando-os a relatarem suas experiências como docentes-tutores. O objetivo foi conhecer um pouco da trajetória de formação e trabalho dos docentes-tutores, no sentido de identificar as condições e riscos no trabalho com os quais convivem e que recursos possuem como proteção, no sentido da resiliência, para o enfrentamento cotidiano das questões e impactos inerentes à sua atuação no ensino a distância. Dos dois participantes convidados, apenas um deles teve disponibilidade para participação desta entrevista.

3.5 Procedimentos de Coleta de Dados

Após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética de pesquisa da Universidade de Taubaté, sob o processo nº 427/13 (ANEXO A), em 14 de setembro de 2012, foi realizado o contato, por meio de um ofício (APÊNDICE C), com o vice-reitor da Universidade Estadual do Maranhão, solicitando a autorização para a realização desta pesquisa.

Em seguida, a pesquisadora fez os primeiros contatos com os docentes-tutores do Centro de Tecnologias para Educação, para informá-los da pesquisa, através do Ambiente Virtual de Aprendizagem - AVA, apresentando e esclarecendo os objetivos do estudo e convidando-os a participar da pesquisa. Após o aceite dos interessados, formou-se o grupo de amostra, ao qual foi aplicado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (ANEXO C), explicando-lhes sobre os aspectos do estudo, visando ao cumprimento das exigências de caráter ético, necessárias em pesquisas com seres humanos.

O primeiro instrumento ficou disponível para preenchimento durante 07 dias, durante o mês de agosto de 2012. Após o encerramento deste prazo, os docentes-tutores respondentes do questionário foram convidados a participar do grupo focal *online*, com data e horário definido através do AVA. Inicialmente a pesquisadora (moderadora) aplicou o roteiro do Grupo Focal *online* (APÊNDICE B) através do fórum virtual, que teve duração de 40 minutos. As indagações foram sendo direcionadas e instigadas a partir das respostas dos docentes-tutores. Ao final, a moderadora fez o fechamento e agradeceu a todos pela participação. E logo em seguida, 02 (dois) participantes do grupo focal *online* foram

convidados para participarem da entrevista aberta, porém somente 01 teve disponibilidade e comparecer para a entrevista. A entrevista aberta realizou-se com data, horário marcado em comum acordo e de forma natural a participante relatou os fatos pertinentes à pesquisa.

Os registros dos dados coletados no grupo focal *online*, depois de transpostos do fórum para um documento em Word, foram descartados e os dados da entrevista gravados em mídia digital e, após transcrição, foram igualmente deletados. Os nomes dos participantes foram substituídos pela letra T, para preservar o anonimato dos envolvidos no estudo. As informações serão armazenadas pela pesquisadora por um período de cinco anos.

Na análise dos dados, os participantes do questionário bio-socio-ocupacional foram nomeados de T1 a T16, no grupo focal *online*, de G1 à G8, e, na entrevista, aberta de EA1.

3.6 Procedimentos de Análise dos Dados

A sistematização e o tratamento dos dados do questionário foram feitos utilizando-se os recursos da própria plataforma Moodle, na base Excel. Quanto à análise dos dados qualitativos (pergunta aberta do questionário, grupo focal *online*, entrevista aberta), foi utilizado o método de Análise de Conteúdo, conforme proposto por Laurence Bardin.

A escolha desse método se deve ao fato de tratar os dados qualitativos e, ao mesmo tempo, poder conciliar dados qualitativos e quantitativos (BARDIN, 2009). Além disso, a Análise de Conteúdo (AC) pode ser aplicada aos mais diversos tipos de enunciados e aos mais diferentes meios e tipologias textuais (cartas, artigos, entrevistas, textos de ficção, textos de propaganda, dentre outros). Para a autora, a AC propicia o alcance da significação profunda, dos valores simbólicos e da conotação inerentes ao discurso humano, e pode ser definida como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 2009, p. 49).

Para tanto, os relatos do questionário bio-socio-ocupacional foram organizados em tabelas, nos quais os resultados obtidos foram agrupados em variáveis que se relacionam entre si, como:

- Dados sociais;

- Formação acadêmica e profissional;
- Percepção dos investigados acerca de suas condições de trabalho e saúde.

No tratamento dos dados do grupo focal *online*, da entrevista aberta e da pergunta aberta do questionário, adotou-se análise de conteúdo, sendo os relatos dos participantes organizados a partir dos sentidos dos enunciados e apresentados em tabelas, divididos em categorias e subcategorias, de acordo com estado de significância presente ou ausente nos discursos dos docentes-tutores.

Para tanto, a análise de conteúdo, conforme Bardin (2009, p, 121), estabelece três fases, a saber: pré-análise; exploração do material; tratamento dos resultados. A pré-análise é fundamental no sentido de que é a fase em que o pesquisador tem que se embeber de todo o conteúdo apurado, fazendo leituras sucessivas e livres, com objetivo apenas de familiarizar-se o máximo possível com o corpus textual, até que comece a identificar redundâncias, ênfases, sentidos gerais ou ausências expressivas que se manifestem no conjunto de enunciados. Assim, AC é um método essencialmente empírico, que se faz, sobretudo, pela prática:

A análise de conteúdo (seria melhor falar de análises de conteúdo) é um método muito empírico, dependente do tipo de 'fala' a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objetivo. Não existe o pronto-a-vestir em análise de conteúdo, mas somente algumas regras de base, por vezes, dificilmente transponíveis. A técnica de análise de conteúdo adequada ao domínio e ao objetivo pretendidos tem que ser reinventada a cada momento, exceto para usos simples e generalizados, como é o caso do escrutínio próximo da decodificação e de respostas a perguntas abertas de questionários cujo conteúdo é avaliado rapidamente por temas (BARDIN, 2009, p. 57).

Considerando os objetivos da pesquisa, a natureza do problema, os dados obtidos, e o referencial teórico adotado no estudo, foi possível analisar e discuti-los como apresentado a seguir.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos a partir do questionário bio-socio-ocupacional e dos demais instrumentos são apresentados a seguir.

4.1. Resultados do questionário de características bio-sócio-ocupacional

Os dados obtidos por meio do questionário foram agrupados de maneira que conjugassem as variáveis: os dados sociais, os da formação acadêmica e profissional e a percepção que têm docentes-tutores investigados acerca de suas condições de trabalho e de sua saúde.

Tabela 2 – Características pessoais dos docentes-tutores do Centro de Tecnologias para Educação. São Luís-MA. 2013.

Características	N	%
Sexo		
Masculino	9	56,0
Feminino	7	44,0
Faixa Etária		
20-30	2	12,0
31-40	8	50,0
Acima de 40	6	38,0
Estado Civil		
Solteiro	8	50,0
Casado	4	25,0
Companheiro	4	25,0

N= números de respondentes (16)

Fonte: Elaborada pela autora da pesquisa, 2013

No que se refere ao sexo, observa-se, na Tabela 2, que nesta modalidade de ensino, não prevalece a feminização da educação que, segundo (CHAMON, 2003; GATTI, 2009), é um fato conhecido, pois as mulheres já dominam os empregos na docência tradicional há algum tempo.

Porém, esses resultados demonstram que isso ainda não acontece na instituição investigada, pois 56,0% dos tutores são do sexo masculino e 44,0% são do sexo feminino. Na pesquisa “O perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam”, os dados revelam que os 81,5% são mulheres e 18,5% são homens (UNESCO, 2004). Os

resultados da pesquisa de Giannasi (2005) também mostraram que 80% dos tutores eram do sexo feminino. Dessa forma, os dados da presente pesquisa diferem das anteriores, talvez acenando para uma perspectiva de mudança em relação à questão de gênero, ao menos nesta modalidade de docência.

No que tange às questões de idade e estado civil, ainda são poucas as referências em pesquisas sobre esses itens em relação aos docentes-tutores, embora o Censo EAD/BR, realizado em 2011 (INEP, 2011) demonstre que a maioria dos profissionais do país se encontra na faixa etária entre 31 e 40 anos. Neste sentido, os resultados obtidos coincidem com os resultados desse Censo, posto que a maioria dos profissionais se encontra nesta faixa etária, representando 50% do total. Os percentuais de 12% e 38%, respectivamente, se referem às faixas de 20 a 30 e acima de 40 anos. Constata-se que a maior parte dos pesquisados já se encontra na faixa acima dos trinta anos, portanto, se não tiverem os cuidados físicos necessários com a saúde e/ou venham a ter suas condições físicas agravadas por condições de trabalho inadequadas, isso, sem dúvida, vai impactar sua qualidade de vida e, mesmo, sua prática de ensino, aspecto a ser tratado com maior detalhe nas falas dos docentes-tutores, obtidas pela técnica de grupo focal *online*. Na questão estado civil, os resultados apurados demonstram que 50% são solteiro (a)s, 25% casado (a)s e 25% vivem com companheiro(a)s.

Na tabela 3, a seguir, apresentam-se os dados relativos à formação dos docentes-tutores.

Tabela 3 – Caracterização da formação acadêmica e profissional dos docentes-tutores do Centro de Tecnologias para Educação. São Luís-MA. 2013.

Dados da Formação	N	%
Área de Formação acadêmica		
Humanas	14	87,0
Outras	2	13,0
TOTAL	16	100
Atuação anterior como docente-tutor		
Sim	16	100,0
Não	0	00,0
TOTAL	16	100
Tempo de atuação anterior		
Menos de 1 ano	3	19,0
Entre 1 e 3 anos	10	62,0
Entre 3 e 5	2	13,0
Mais de 5 anos	1	6,0
TOTAL	16	100
Exercício de outra atividade profissional		

Sim	14	88,0
Não	1	6,0
Ocasionalmente	1	6,0
TOTAL	16	100
Capacitação para o exercício da tutoria		
Sim	15	94,0
Não	1	6,0
TOTAL	16	100
Jornada de trabalho semanal		
3 a 5 horas	4	25,0
5 a 10 horas	3	19,0
10 a 20 horas	9	56,0
TOTAL	16	100
Existência de vínculo empregatício		
Sim	0	0,0
Não	16	100,0
TOTAL	16	100

N= números de respondentes (16)

Fonte: Elaborada pela autora da pesquisa, 2013

Conforme se observa na Tabela 3, apurou-se que 87% dos docentes-tutores que compuseram a amostra advém das ciências humanas. Trata de um grupo com relativa experiência em termos de tutoria, já que 100,0% já atuaram antes nesta função, sendo que 62,0% possuem um tempo de trabalho entre 1 e 3 anos. Esse resultado vai ao encontro do previsto pelo MEC (BRASIL, 2009), segundo o qual, para o exercício das atividades de tutoria, faz-se necessária a formação *stricto sensu*, a experiência de magistério em instituição do sistema público de ensino e o mínimo de um ano de experiência docente.

Outro aspecto a ser ressaltado é o fato de que 88,0% dos participantes investigados declararam exercer outra atividade profissional, além da tutoria; não obstante 56% cumprirem uma carga horária nesta , que varia entre 10 e 20 horas semanais como docente-tutor. Disso depreende-se que tais pessoas têm uma sobrecarga de trabalho, de fato, grande, o que, em princípio, tende a favorecer o aparecimento de agravos de saúde associados ao trabalho, conforme aponta Mill (2009), no que concerne às atividades de tutoria.

Afora isso, é importante atentar que 100,0% deles não possuem vínculo empregatício, recebem apenas uma bolsa por esse trabalho, de tal modo que a função de docente-tutor funciona como complemento aos demais ganhos desses profissionais, demonstrando a deficiência de políticas públicas voltadas para a valorização do docente, políticas essas que ainda não atendem suas necessidades como educadores (NUNES; BARBOSA, 2005).

Constata-se, portanto, que esses docentes-tutores têm experiência com esse tipo de trabalho, mas que enfrentam longas jornadas, sem vínculos assegurados, tendo que assumir outros trabalhos para assegurar a renda. Esse quadro coincide com o estudo de Mill (2006), que aponta a alta carga horária (a dupla jornada de trabalho) e a realização de atividades da tutoria em horários noturnos ou naqueles em que deveria ser o tempo livre para o descanso como problemas graves, já que essas atividades são vistas, comumente, como um trabalho extra. Notam-se aqui reflexos do que é caracterizado como formas de precarização do trabalho (ESTEVE; CODO, 1999), neste caso, de docentes na função de tutores, agravada pelo fato de não ser ainda uma atividade devidamente regulamentada no país e valorizada pelas próprias instituições que se utilizam desses profissionais.

A seguir são apresentados os resultados da percepção sobre as condições de trabalho e saúde dos docentes-tutores no centro onde atuam.

Tabela 4 – Percepção das condições de trabalho e de saúde dos docentes-tutores do Centro de Tecnologias para Educação. São Luís-MA. 2013.

Indicadores	N	%
Avaliação das condições de trabalho		
Excelente	1	6,0
Ótima	10	62,0
Boa	3	19,0
Regular	2	13,0
Auto-percepção da Saúde		
Excelente	1	6,0
Ótima	2	13,0
Boa	3	19,0
Regular	5	31,0
Ruim	5	31,0
Ocorrência de agravos à saúde		
Uma única vez	2	12,0
Mais de uma vez	2	12,0
Nenhuma	12	76,0
Natureza do agravo		
Físico	3	19,0
Mental	1	6,0
Não se aplica	12	75,0
Influência das condições do trabalho		
Não se aplica	12	75,0
Não	1	6,0
Em parte	3	19,0

Suporte familiar durante doença

Sim	1	6,0
Não contou com apoio	2	13,0
Não se aplica	13	81,0

N= números de respondentes (16)

Fonte: Elaborada pela autora da pesquisa, 2013

Na tabela 4, observa-se que a grande maioria avalia positivamente as suas condições de trabalho, não aparecendo nenhuma avaliação ruim. Assim, 62% dos docentes-tutores consideraram as condições ótimas, 19% boas, 13% regular e 6% excelentes. Nota-se que, não obstante a avaliação positiva, 13% dos participantes consideraram as condições de trabalho apenas regular. De todo modo, observa-se como, em qualquer modalidade educativa, as condições estruturais do ambiente são essenciais para a excelência do serviço educacional oferecido, com destaque para a qualidade e a eficiência da ação dos professores e o rendimento dos discentes. Esse Centro de Tecnologias para Educação configura-se como um dos contextos dessa natureza mais estruturados do município, e isso, sem dúvida, contribuiu para a percepção positiva das condições de trabalho apresentadas pelos participantes.

Sobre a percepção que esses docentes-tutores têm de sua saúde, 6,0% avaliaram-na como excelente, 13,0% como ótima e 19,0% como boa. No entanto, considerando-se aqueles que avaliaram sua saúde apenas como regular (31,0%) e ruim (31,0%), já não se tem um quadro tão equilibrado. Ressalta-se que neste trabalho não foi questionado aos docentes-tutores sobre as condições de saúde anterior a atividade de tutoria. Sendo assim, suscita a seguintes possibilidades: a saúde talvez tenha sido prejudicada por outras razões pessoais, ou que as condições de trabalho não sejam tão boas e que devido ao tempo de atuação como docente-tutor ser relativamente pequeno (1 a 3 anos) ainda não serem percebidas tão claramente.

Porém, o que se percebe é que, seja o professor tradicional, seja o docente-tutor, mesmo considerando as diferenças entre suas formas de atuação, os dois convivem com impactos semelhantes no que tange ao exercício do magistério, pois embora o docente-tutor não seja considerado professor, executa também as tarefas comuns aos mestres tradicionais (BELLONI, 2006).

No que diz respeito à ocorrência de agravos à saúde nos últimos dois anos, a maioria, 76,0%, declarou que nenhuma, enquanto 12,0% relataram uma única ocorrência e outros 12,0% relataram mais de uma. Dos que relataram terem convivido com agravos à sua saúde, 19,0% indicaram que o agravo foi basicamente físico e 6,0% que foi, sobretudo, mental. Observou-se ainda que, desse grupo, apenas 19,0% consideraram que tais agravos à

sua saúde se deveram, pelo menos em parte, às suas atividades como docentes-tutores. Quanto à questão de comprometimento da saúde, 13% responderam não ter o apoio da família no momento da doença.

4.2 Análises de Conteúdo

No sentido de preservar a confidencialidade dos participantes da pesquisa, utilizou-se a designação de (T) Tutor: T1, T2, T3 T4, T5, T6, T7, T8, T9, T10, T11, T12, T13, T14, T15 e T16 para a identificação dos respondentes do questionário bio-socio-ocupacional. Para o Grupo focal *online*, a identificação dos participantes investigados foi G1 a G8 e, para a Entrevista aberta, a identificação utilizada foi EA1.

As categorias estão subdivididas em subcategorias, indicando aspectos a elas relacionados que mais significativamente se mostraram presentes na fala dos docentes-tutores, cabendo, portanto, análise e interpretação. Ressalta-se que a eleição das categorias foi basicamente direcionada pelos temas do grupo focal, sendo abstraídas pela leitura flutuante. Na fase de pré-análise, o texto dos relatos foi sendo recortado em relação ao agrupamento de temas com sentidos comuns, que se apresentavam de forma consensual ou não, mas que se mostravam importantes o suficiente para se constituírem uma categoria temática. Às categorias foram atrelados aspectos, especialmente os de risco e de proteção, aqui interpretados como aqueles que desfavorecem o processo saúde-doença e favorecem ou equilibram e protegem o interjogo que se estabelece entre o trabalho e o trabalhador.

A tabela a seguir apresenta os dados de forma esquemática.

Tabela 5-Distribuição das ocorrências na análise de conteúdo, por categoria e subcategorias

CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	TIPOS
4.2.1 Valor atribuído à EaD	Aspectos favoráveis	Importância da EaD para a sociedade
	Aspectos desfavoráveis	Preconceito quanto à sua efetividade
4.2.2 Valor atribuído à tutoria	Aspectos favoráveis	Atividade gratificante, interessante
	Aspectos desfavoráveis	Desvalorização do trabalho Baixa remuneração
4.2.3 Papel do docente-tutor na EaD	Aspectos Protetores	Satisfação em transmitir conhecimentos, motivação
	Aspectos Riscos	Jornada extensa de trabalho Falta de regulamentação da função, Trabalho de madrugada
4.2.4 Requisitos profissionais do docente-tutor	Conhecimentos técnicos	Rotinas de trabalho de informática básica

	Habilidades nas relações interpessoais	Resolução de conflitos Paciência, interesse, paixão Lidar com diferenças
4.2.5 Saúde do docente-tutor	Aspectos biológicos	Viagens com maior exposição a acidentes Cansaço, dores na coluna, nos olhos
	Aspectos sociais	Futuro incerto, falta de reconhecimento legal da profissão
	Aspectos psicológicos	Estresse, esforço além do limite, cobranças, prazer, gosto pela atividade
4.2.6 Aspectos da Resiliência	Aspectos Protetores	Suporte da família
	Aspectos Riscos	Avanços tecnológicos constantes, pressão do tempo, queixas dos usuários
4.2.7 Estratégias de Enfrentamento e Sugestões de Melhorias	Condições de trabalho	Regulamentação da profissão
	Organização de trabalho	Melhor logística no sistema, cursos EaD

Fonte: Elaborada pela autora da pesquisa

4.2.1 Valor Atribuído à EaD

Toma-se como referência o fato de que foi a partir do surgimento da sociedade em rede que ocorreram modificações significativas em todas as instâncias da vida humana, em relação às tecnologias de informação e comunicação, na configuração das ferramentas que norteiam o desenvolvimento da EaD.

A EaD se beneficiou com o surgimento das TIC's, pois permitiu a autoaprendizagem, ou seja, o ensino-aprendizagem aos alunos, haja vista que a EaD se configura, atualmente, como uma solução inovadora para a área educacional, com capacidade de ultrapassar as barreiras do tempo e do espaço, facilitando o acesso à educação (PETERS, 2009).

Assim, nota-se que os docentes-tutores percebem claramente que a EaD apresenta importantes ferramentas que possibilitam a formação a quem não poderia obtê-la da forma tradicional, encurtando distâncias. Trata-se de uma modalidade essencial no contexto da educação contemporânea, em plena sociedade informacional, conforme Castells (1999).

Essa perspectiva se apresenta nos relatos dos participantes, que identificam a EaD como ótima experiência, enriquecedora e interessante, que permite experiências e oportunidades de aprendizagem. De um modo geral, os docentes-tutores veem a EaD de forma positiva e gostam de trabalhar com essa modalidade de educação. Foram comuns depoimentos afirmando que é “uma ótima experiência trabalhar com a educação a distância”, pois você se sente responsável pela “formação de uma vida profissional”.

Tanto é assim que se destacam, nas falas dos participantes, os exemplos que seguem:

[...] maravilhoso...gosto muito (T9)
[...]é uma ótima experiência trabalhar com educação a distância (T14)
[...] nos dar oportunidade para crescermos enquanto profissionais (T16).

Constata-se que o crescimento da EaD nos últimos anos, principalmente no âmbito do ensino superior, conforme dados do Censo EAD.BR 2012 – Relatório Analítico da Aprendizagem a Distância no Brasil, já responde pelo percentual de 52,5% do total das matrículas na modalidade EaD. Todo esse crescimento reflete a aceitação dessa modalidade de educação, contribuindo para o surgimento de novas oportunidades e competências com a construção do conhecimento necessário para formação profissional e intelectual. Importante frisar sua importância na formação das competências técnicas, profissionais e sociais para o desempenho exigido dos profissionais, além de qualidades e atitudes pessoais necessárias para o docente-tutor como: interesse, paixão, paciência, vontades e convicções.

Apesar dos avanços da EaD nas últimas décadas, foram detectadas, nas falas dos participantes, questões sobre a persistência do preconceito contra a educação a distância, especialmente sobre a base de conhecimentos precária que oferece, a falta de tempo de muitos alunos para interagir melhor no AVA e as dificuldades inerentes ao uso das novas tecnologias por parte deles, além de problemas em sua estrutura e nas formas de acessibilidade. Isso pode ser observado nos testemunhos elencados a seguir:

[...]A EaD ainda sofre preconceitos. É um desafio, pois muitas pessoas ainda encaram a EaD como uma forma mais fácil de conseguir um certificado ou diploma(T4).
[...]É um trabalho desafiador, em especial porque ainda há preconceito e também dificuldades na implantação e uso das tecnologias (T7).
[...]Em parte é desafiador, porque os alunos muitas vezes têm uma formação muito precária e pouco tempo para interagir, além da dificuldade, nas localidades, de acesso à Internet (T12).

Sabe-se que a EaD é mediada por tecnologias e, para que isso seja efetivado, são necessários investimentos: aperfeiçoamento (capacitação de toda equipe), recursos tecnológicos etc. Além disso, há outros fatores, problemas de espaço temporal (distância geográfica de um polo para outro), em que são necessários: transporte, material impresso e internet para os alunos. “[...] é muito perigoso essas viagens e não tem jeito temos que fazê-las [...] (T6)” e “[...] tempo para interagir, além da dificuldade, nas localidades, de acesso à internet” (T12). Portanto, uma grande dificuldade aqui apresentada pelos participantes é o uso da internet, pois sem essa ferramenta, o aprendizado dos alunos fica prejudicado, pois a internet é essencial para a realização da tutoria.

Embora a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, em seu Art. 80, vise garantir aspectos fundamentais para a utilização das TIC's no meio educacional no país (BRASIL, 1996), isso ainda não é uma realidade.

Nesse sentido, considera-se como um aspecto desfavorável para o docente-tutor, o preconceito que existe em relação à modalidade de educação a distância por parte da sociedade, que não confia na EaD assim como confia na modalidade presencial, tendo em vista que a divulgação dessa modalidade é, às vezes, realizada de forma negativa. Esse fato pode ser observado na fala do T4: “A EaD ainda sofre preconceitos. É um desafio, pois muitas pessoas ainda encaram a EaD como uma forma mais fácil de conseguir um certificado ou diploma”. Outro relevante ponto detectado na fala dos docentes-tutores é referente à falta de estrutura para funcionamento da modalidade de EaD de forma eficiente e eficaz no nosso país, cujos problemas recaem muitas vezes sobre o docente-tutor, mas que são, geralmente, de ordem estrutural e conjuntural do sistema de educação nacional. Conforme relatos a seguir:

[...] na verdade o problema é estrutural e acaba recaindo sobre as costas do tutor presencial/à distância [...] (T5).

[...] muitos são os problemas como estrutural [...] (T6).

[...] a estrutura precisa melhorar [...] (T8).

Contudo, por meio do Decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005, no capítulo 2 do art.12, inciso X, descreve-se sobre o detalhamento dos serviços e infraestrutura necessárias para a realização do projeto pedagógico para a EaD:

a)instalação física e infraestrutura tecnológica de suporte e atendimento remoto aos estudantes e professores; b)laboratório científico, quando for o caso; c)polo de apoio presencial é a unidade operacional, no País ou exterior, para o desenvolvimento descentralizado de atividades pedagógicas e administrativas relativas aos cursos e programas ofertados a distância;d)bibliotecas adequadas, inclusive com acervos eletrônicos remoto e acesso por meio de redes de comunicação e sistemas de informação, com regime de funcionamento e atendimento adequado aos estudantes da educação a distância (BRASIL, 2005).

Em relação, então, ao valor atribuído à EaD, constata-se haver uma ambiguidade por parte da sociedade, de acordo com o exposto pelos participantes, no que diz respeito à sua credibilidade enquanto uma modalidade de educação eficaz; sabe-se dos seus aspectos positivos, mas parece haver ainda certa resistência, por parte de vários redutos (acadêmicos, profissionais, sociais e culturais) quanto ao seu valor, o que talvez reflita o fato de ainda não ser uma profissão devidamente regulamentada, e de ser vista ainda como uma atividade extra e exposta a vários riscos que podem comprometer pessoas e instituições.

4.2.2 Valor Atribuído à Tutoria

Pelas transformações no âmbito do conhecimento, da educação e do trabalho, fica claro que o papel do docente-tutor tende a se tornar, dia após dia, mais importante, bastando para isto observar o crescimento da modalidade a distância, conforme vem acontecendo no Brasil (INEP, 2011).

Observa-se, na EaD, uma importante função desse trabalhador, que se assemelha ao professor tradicional, mas que também assume novas responsabilidades, tais como: atuar continuamente e de forma intensa com as novas mídias; estabelecer horários de atendimento a distância junto às coordenações de EaD; representar a instituição em situações de cunho administrativo e entre outras. Portanto, a partir do século XX o docente-tutor assume a responsabilidade de acompanhar e orientar esse aluno nos programa de educação a distância (SÁ,1998). Essa atividade pode ser realizada presencialmente ou a distância. Para Litwin (2001) um bom docente é sinônimo de um bom tutor, posto que deva criar propostas de atividades para reflexão, soluções, alternativas, explicações, ser um facilitador, um guia para permitir a aprendizagem.

Esta função é essencial para a EaD, pois esse profissional representa a IES diante dos alunos, e se torna elemento chave para o sucesso dessa modalidade. Porém, algumas IES não valorizam esses profissionais, conforme demonstra o relato seguinte:

[...]O trabalho de tutoria em EaD é bastante interessante, uma vez que se tem a oportunidade de direcionar o processo de aprendizado, respeitando o momento de assimilação de cada aluno, diferente do ensino presencial.No entanto, algumas instituições não dão à devida importância a figura do tutor, que é a peça fundamental para o sucesso da EaD. Normalmente, quando há treinamento é enfatizado apenas o conteúdo e não a operacionalização da plataforma virtual. Isso resulta em uma subutilização dos recursos da própria plataforma por parte do tutor (T13)

Observa-se, no trecho acima, uma ênfase positiva na atividade da tutoria, a importância do seu reconhecimento ou não pela instituição. Esta consciência de que as práticas desses docentes contribuem para a disseminação dos saberes pode atuar como importante aspecto favorável na relação saúde trabalho deste profissional.

A valorização das práticas da tutoria aparecem nas citações a seguir.

*[...]Gratificante, pois você se sente responsável pela formação da vida profissional dos alunos, almeja de estar crescendo profissionalmente (T6).
 [...]O trabalho de tutoria em EaD é bastante interessante (T12)
 [...]Este trabalho é muito gratificante, nos dá oportunidade para crescermos enquanto profissionais (T14).*

A satisfação profissional por parte desses docentes-tutores se fortalece pelo reconhecimento do significado de ser professor e pelo seu compromisso na realização desse trabalho. Esse comprometimento se reflete, também, no fato de o docente-tutor ser um potencial representante da instituição, como cita este participante (que já assumiu o papel de docente-tutor presencial): “[...] o tutor presencial tem importante papel, pois tem o contato direto com os alunos [...]” (T7).

O que se nota é a relevância da ação pedagógica do docente-tutor ao desenvolver as relações interpessoais com os alunos, pois se tem a oportunidade de perceber no diálogo com os estudantes, suas carências, dificuldades econômicas/ acesso e seus avanços na construção do conhecimento.

Nessa mesma direção dos resultados encontrados nesta categoria, por ocasião da pergunta aberta presente no questionário, quando os participantes foram questionados em relação a **como é trabalhar em educação a distância**, identificaram-se, também, aspectos favoráveis e desfavoráveis nas falas dos participantes:

[...] É um desafio, pois muitas pessoas ainda encaram a EAD como uma forma mais fácil de conseguir um certificado ou diploma (T8)
[...] é engraçado como as coisas mudam já estou a algum tempo atuando como tutora e a cada dia descubro mais coisas, novas ferramentas é gostoso. Meus alunos são ótimos, eles buscam mesmos e sempre estão querendo mais informações. Mais nem tudo são flores, agente encontra muitas dificuldades como: nos pólos a dificuldade de acesso à internet, lugares longe, falta de computadores, estrutura coisa física e o material impresso demora chegar. Essa é a parte chata da EaD mais muita coisa já mudou e melhorou. Mais isso faz parte!(EA1).

O que se pode notar, é que apesar da grande responsabilidade que essa função exige, os docentes-tutores demonstram consciência do seu papel, embora tendam a reproduzir o docente tradicional em sua atuação como mediadores do conhecimento na EaD (CABANA; VILARRINHO, 2007). Faz-se uma reflexão sobre os possíveis impactos que esses comprometimentos (físicos, estruturais, logísticos e tecnológicos) possam vir a acometer em sua atuação como um todo, frente à percepção dos limites e das capacidades de superação que enfrentam diante de uma sociedade em constantes mudanças. Uma sociedade na qual, cada vez mais, são importantes os prazos e a qualidade da produção, de modo que as empresas tenham o foco no cliente com a busca constante na satisfação total do consumidor (DRUCKER, 2000).

Entretanto, percebe-se, na fala do participante EA1: “[...] Mais nem tudo são flores, agente encontra muitas dificuldades como: nos polos a dificuldade de acesso à Internet,

lugares longe, falta de computadores, estrutura coisa física e o material impresso demora chegar. Essa é a parte chata da EaD mais muita coisa já mudou e melhorou. Mais isso faz parte!”, que, apesar das dificuldades explicitadas nas falas dos docentes-tutores, esse profissional se mantém esperançoso quanto às mudanças desse quadro, e a convicção da importância de sua profissão para o crescimento do processo ensino-aprendizagem do país.

4.2.3 Papel do Docente-Tutor na EaD

Considera-se aqui que o docente-tutor possui um papel fundamental, pois permite a inter-relação personalizada com o aluno. Portanto, é um dos atores que contribuem de forma positiva, seja ela presencial ou a distância, para o sucesso dessa modalidade de ensino. Contudo, para exercer o papel de docente-tutor, deve-se possuir certo perfil profissional, com capacidades, habilidades e competências necessárias à função.

Segundo Sá (1998), o tutor passou a ser visto como um orientador da aprendizagem do aluno solitário e isolado que, frequentemente, necessita do docente ou de um orientador para indicar o que mais lhe convém em cada circunstância. Nota-se que a complexidade dessa função é refletida de forma clara nas falas dos docentes-tutores.

[...] desta forma o tutor, não menos importante que o professor, faz-se essencial ao desempenhar o papel de facilitador e multiplicador dos conhecimentos a serem repassados aos alunos [...] (T3).

[...] temos que ter habilidades para motivar constantemente os cursistas a acessar e participar das atividades e fóruns diariamente [...] (T14).

[...] nós tutores temos a responsabilidade de acompanhar as atividades/fóruns/notas dos alunos, além de motivá-los a continuar nesse processo de aprendizagem e para isso muitas vezes precisamos de adaptação com cada aluno e passamos por inúmeras situações que nos engrandecem [...] (T15).

Verifica-se, nos depoimentos, que todos têm clareza do que representa essa função para EaD, tais como ser um “motivador, facilitador, multiplicador e acompanhar as atividades”. Acredita-se, pelos relatos, que muitos se sentem satisfeitos em transmitir conhecimentos e ver a aprendizagem acontecer no decorrer do processo de tutoria, fato que equilibra as tensões vivenciadas neste trabalho, se caracterizando como um aspecto de proteção à sua saúde.

Do ponto de vista dos aspectos de riscos neste trabalho, os depoimentos que seguem ilustram esta questão.

[...] muitas vezes trabalhamos na madrugada, corrigindo atividades, respondendo fórum, dormindo mal, e ainda assim não conseguimos dar atenção que gostaríamos para os alunos [...] (G2).

[...] não temos todos os direitos trabalhistas [...] (G3).

[...] a maioria dos tutores não vivem exclusivamente da EaD tenho que conciliar essa atividade com meu emprego para poder atender aos alunos[...] (G1).

[...] todas as reclamações são passadas para as coordenações [...] (G8).

[...] a EaD ainda maltrata muito seus colaboradores, pois ainda não tem regulamentação, falo das leis trabalhista[...] (EA1).

Esses aspectos de riscos reportados pelos docentes-tutores possivelmente mobilizam todo seu potencial de resiliência, ou seja, precisam encontrar nos aspectos protetores forma de superação dificuldades oriundas no exercício de suas tarefas. Ou seja, por enquanto, questões como sobrecarga de trabalho, faltam de direitos trabalhistas, privação de sono e descanso ainda não impedem esse docente-tutor de cumprir seu papel com responsabilidade e compromisso. Resta saber o quanto os limites de cada um resistirão a esses riscos, se não houver medidas de proteção para equilibrar esse processo, mantendo, assim, o potencial de resiliência de cada um.

Por outro lado, o fato de esta função ainda “não ter leis trabalhistas” e o docente “não viver exclusivamente da EaD”, constitui-se outro fator de risco nas relações saúde-trabalho. Afinal, pela Constituição Brasileira de 1988, o trabalho é direito social do cidadão e, portanto deve garantir aos indivíduos direitos fundamentais que proporcionem liberdade positiva ao trabalhador (BRASIL, 2009).

Constata-se que nos últimos anos houve um crescimento contínuo dessa modalidade e, com isso, percebem-se mudanças nas universidades tradicionais, que transmutam a face do trabalho em educação e da profissão docente. O professor assume nessa nova estrutura o papel de especialista, com a função de produzir conteúdos que serão repassados e orientados por meio da figura do tutor. Segundo Mill (2007), isso permite a precarização do trabalho docente, pois os cursos e projetos são desenvolvidos pela via da prestação de serviços e esses profissionais, geralmente não concursados, não possuem estabilidade no emprego e nem direitos sociais como: seguro desemprego, assistência médica, aposentadoria e outros. Essa questão fica patente nesta fala: “[...] a EaD ainda maltrata muito seus colaboradores”(EA1).

Autores como Lapa e Pretto (2010) caracterizam a precarização do trabalho docente pela baixa remuneração, pela exclusão de profissionais qualificados e pela falta de reconhecimento profissional. Segundo os dados do sindicato dos professores do ensino oficial do estado de São Paulo – APEOESP, no Brasil as más condições de trabalho dos professores tradicional demonstram problemas como: sentimentos de desprestígio pelos maus salários, submissão a jornadas excessivas, falta de perspectivas profissionais, insegurança, ansiedade e

angústia, provocada pelos baixos salários e pela instabilidade na profissão, falta de recursos didáticos, consequências negativas no trabalho e para sua própria pessoa.

Nesse sentido, é interessante salientar que questões como essas influenciam ou inibem o desenvolvimento educacional para uma educação transformadora e que permita a construção do conhecimento mediada pelas tecnologias de comunicação e informação.

4.2.4 Requisitos profissionais do docente-tutor

Nesta categoria, abordaram-se os aspectos técnicos para o exercício dessa atividade e os requisitos profissionais necessários para atuação do docente-tutor. Destaca-se, além das habilidades e conhecimentos necessários para o domínio técnico, que o docente-tutor deve atuar com naturalidade, agilidade e aptidão no ambiente virtual. Tecchio *et al.* (2008) identificam algumas competências técnicas exigidas para que o docente-tutor atue na EaD, tais como; conhecimento das rotinas de trabalho, informática básica, do ambiente virtual, da disciplina, comunicação e trabalho equipe. Ainda nessa perspectiva é que Coll e Monereo (2010) detalham tais competências como: ser mediador, entendido como alguém que proporcione auxílios educacionais ajustados a atividades construtivas do aluno, com ajuda das TICs.

Dentre as ferramentas utilizadas pelos docentes-tutores destaca-se o Ambiente Virtual de Aprendizagem-AVA, vista pelos docentes-tutores de maneira positiva, prazerosa, e essencial para o aluno e como ferramenta mediadora para a construção do conhecimento.

A relevância dessas competências para o sucesso da EaD são corroboradas pelas falas dos docentes-tutores a seguir: “[...] por ser EaD o docente-tutor além de seu conhecimento técnico, tem que ser excelente em relações humanas” . Para tanto, é essencial a capacitação para o exercício da tutoria ou de um curso *online*, ou seja, aprender utilizar ambiente por meio do qual será desenvolvida a tutoria (MAIA, 2002), conforme este depoimento:

[...] iniciamos logo um curso de capacitação e achei um pouco difícil, no início, mais fui me acostumando, conhecendo , descobrindo e gostando das ferramentas, dos materiais, da interação com o aluno [...](E1)

Outra importante subcategoria identificada é o conhecimento sobre as habilidades nas relações interpessoais, ou seja, a capacidade de resolução de problemas, gerenciamento de conflitos, equilíbrio emocional, permitindo, assim, a humanização do processo de EaD, no qual o docente-tutor assume o papel de representante da IES diante do aluno devido a sua

proximidade, ou seja, se torna um elemento chave em meio as “atividades educativas em lugares ou tempos diversos” (BRASIL,1996).

Essa questão é apresentada neste-testemunho:

[...]meu contato é a distância, penso que é interessante pela mediação, pois nos acabamos humanizando um pouco esse processo, digo, em relação ao aluno, pois o tutor de fato é um professor e representante da instituição. Não há como fugir!(G5).

Em suma, as competências técnicas e as habilidades nas relações interpessoais contribuem para o docente-tutor exercer suas atividades com excelência, proporcionando uma formação virtual, por meio da interação do aluno com as ferramentas tecnológicas, para garantir a humanização do processo, fundamentais ao desenvolvimento da aprendizagem e autonomia do aluno.

Mediante a influência de tantas transformações sociais, políticas, econômicas, culturais e tecnológicas que influenciam o modus operandi do trabalho, os impactos psicológicos ou físicos do trabalhador (RINALDI, 2007) estão cada vez mais presentes. Exigem um novo perfil do trabalhador, como é o caso dos docentes-tutores, de mais atenção nas relações interpessoais, atitudes flexíveis e espírito criativo para o enfrentamento das adversidades (POETINI 2010). Essa ideia pode ser vista neste depoimento: “achei um pouco difícil no início, mais fui me acostumando, conhecendo, descobrindo e gostando das ferramentas, dos materiais, da interação com o aluno [...]”.

Nota-se, na fala do docente-tutor que, para atuar nessa função, foi preciso aprender a lidar com essa nova sistemática de trabalho, ou seja, ampliar mais os conhecimentos para estar apto ao enfrentamento desse desafio que, apesar de no primeiro momento ser difícil, há formas de superação, até mesmo de aprender a gostar do que faz. Portanto, todo processo de mudança gera insegurança e incerteza, mas essas novas exigências no ambiente de trabalho também permitem aos profissionais desenvolver suas capacidades e características de superação frente às situações inesperadas e adversas (CASTRO, 2002). Portanto, diante de tantas exigências é que cada vez mais se torna necessária a busca de conhecimentos e habilidades que proporcionem aos indivíduos a chance de estarem inseridos no mercado de trabalho.

4.2.5 Saúde do docente-tutor

Este tema vem ganhando espaço no contexto acadêmico devido a sua complexidade, porém merece, ainda, investigações. Nesta categoria, encontram-se, como

subcategorias, os aspectos biológicos, sociais e psicológicos; uma tentativa de retratar fenômenos que impactam as condições de trabalho e de saúde na EaD.

No que concerne aos aspectos biológicos, o docente-tutor apresenta situações representativas em sua fala a seguir:

[...]muitas das vezes trabalhamos na madrugada, corrigindo atividades, respondendo fórum, dormindo mal, e ainda assim não conseguimos dar atenção que gostaríamos para os alunos [...] (T2).

[...]outra têm-se que trabalhar na madrugada para conseguirmos dar conta de todas as atividades [...] (T3).

[...]concordo é muito perigoso essas viagens e não tem jeito temos que fazê-las [...] (T6).

Verificam-se, nos depoimentos supramencionados, situações relacionadas aos impactos na saúde do trabalhador docente. A respeito de todos esses riscos que afetam diretamente a saúde do ponto de vista biológico, percebe-se a importância atribuída ao trabalho por esses docentes-tutores na realização de suas funções, possivelmente garantida pelo gosto pelo que fazem, mesmo na presença dos riscos que isso lhe impõe. Sobre isso, Gatti (2009) lembra que os professores precisam não somente ter competências para ensinar, mais ter qualidades e atitudes pessoais como: interesse, paixão, paciência, vontades e convicções. “[...] ainda assim não conseguimos dar atenção que gostaríamos para os alunos” (T2).

O docente-tutor ao realizar suas atividades precisa estar atento às oportunidades e desenvolvê-las de forma mais plena possível, como segue: “Gosto muito de ir aos polos uma vez por mês, viajamos para aplicarmos prova, nessa hora temos o contato direto com os alunos” (EA1).

Mediante esse contexto, a questão da resiliência é colocada em evidência, por referir-se a esse processo dinâmico e recíproco de influências entre o ambiente e o indivíduo, o que permite à pessoa se adaptar, apesar das adversidades (MASTEN; KAPLAN; BENARD, 1999). Essa citação faz referência à necessidade desse enfrentamento “[...] uma vez por mês viajamos para aplicarmos prova mesmo nos deparando com o perigo das estradas”.

Na subcategoria aspectos sociais, um relato relevante chamou atenção: “[...] tanto trabalho e o futuro dessa profissão são incertos” (T4), demonstra a importância que o trabalho possui na inserção do indivíduo no mundo e na contribuição para formação da identidade, permitindo a inclusão na vida social e, portanto, elemento essencial para saúde (CAVALCANTE, 2006). Porém, sobre a relação ao futuro incerto dessa profissão, assinala-se aqui como um fator de risco ao qual o docente-tutor está exposto, tendo em vista que isso gera insegurança, ou seja, a falta de um marco legal específico para esse tipo de trabalhador,

conforme referido por (BARROS, 2007; MILL, 2009). Considera-se que o fato pode produzir repercussões sobre a atuação do docente-tutor e trazer impactos sobre sua saúde

Nessa perspectiva, se torna relevante resgatar os limites humanos nos ambientes de trabalho, enfatizando-se a necessidade de atenção ao trabalhador, sua importância e formas de protegê-lo contra uma série de agravos à saúde física e mental. Para isto há amparo em uma gama de dispositivos legais, como a própria CLT que visam proteger trabalhador (COTRIM, 2007). A falta de uma legislação específica fica clara na queixa dos docentes-tutores, quando afirmam que não podem contar com regulamentação trabalhista, “não temos nenhum direito trabalhista (T3), corroborando o alerta de MILL (2008), de que o desenvolvimento da EaD permitiu o surgimento de novas funções, mas que ainda não são regulamentadas, como a do docente-tutor.

Os docentes-tutores citaram também, a importância da profissionalização dessa função, relevante para maioria deles: “[...] um passo importante é a profissionalização” (T6).

O que se vê é o docente-tutor exercendo sua função em novos espaços e sob condições adversas, haja vista que o desenvolvimento da EaD tende a se expandir. Logo, é importante discutir sobre as condições de trabalho e de saúde do docente-tutor, para prevenção dos riscos que podem estar sujeitos, na EaD, tutor e aluno.

Logo, o docente-tutor quando amparado no trabalho pelos recursos necessários pode atuar de forma mais eficaz com a transmissão do conhecimento, como também desfrutar de um ambiente que permita a satisfação, gerando, assim, qualidade no trabalho e na saúde do educador.

Quanto à última subcategoria, aspectos psicológicos, esses docentes-tutores, apesar de não terem pensado até então sobre a saúde do docente-tutor, fazem referência, em suas falas, a atividades que possibilitam mais riscos que outras, por exemplo: o aparecimento de doenças como estresse, Lesões por esforço repetitivo (LER) e frustrações.

[...] estresse total (T5).

[...] pode ser uma LER (T3).

[...] talvez mental, estresse, pois as cobranças são constantes e temos que atender.

[...] Por mais que agente se esforce. (T4).

[...] estresse, pois as cobranças são constantes e temos que atender (G4).

[...] o tutor presencial tem importante papel, pois como ele tem contato direto com

[...] os alunos recebem as reclamações e decepções dos alunos (G7).

[...] isso acontece mesmo e não temos como resolver de imediato. Todas as reclamações são passadas para as coordenações. Ficamos aguardando a resolução, que às vezes não acontece (G8).

[...] mais ainda sim temos dificuldades e cobranças (EA1)

[...]o tutor recebe toda espécie de reclamação do aluno e às vezes não conseguimos dar uma resposta para aquele problema, pois a direção leva tempo pra resolver. Isso é um pouco frustrante. (EA1).

Essas questões dos docentes-tutores são encontradas no que relata o autor Mill (2006), em “Trabalho docente na educação a distância: condições de trabalho e implicações”, quando apresenta os riscos trabalhistas nos programas em EaD, como a falta de regulamentação no qual esses profissionais estão submetidos, que podem vir a apresentar sensações de angústias, ansiedade, solidão, riscos de dores e lesões no corpo, lesões oftalmológicas ou posturais e o próprio estresse pela exigência de estar sempre em contato com os alunos, de cumprir prazos e de responder às demandas de alunos e direção. O relatório final da Comissão Nacional sobre determinantes Sociais da Saúde (CNPSS, 2008) cita os dados do Sistema Único de Saúde (SUS) sobre as doenças relacionadas ao trabalho: 45% do total de afastamento do trabalho são decorrentes de LER/DORT (MAEMO; CARMO 2008). Essas condições permitem relatar que a docência assume o papel de atividade mais desgastante, a exemplo disso que o tempo efetivo de exercício de magistério na educação infantil, ensino fundamental e médio, deve ser reduzido em cinco anos, para efeitos de aposentadoria (BRASIL, 2009).

As palavras dos docentes-tutores entrevistados são consoantes com o que o autor, Freitas *et al.*, (2010) relata na pesquisa sobre “Os impactos da tecnologia da informação e comunicação sobre a saúde docente”, na qual os resultados encontrados não diferem da realidade do docente-tutor em EaD, pois também tiveram de se adaptar às evoluções do mundo do trabalho. Contudo, essas mudanças desencadearam, para o profissional docente, problemas como: incidência de LER (sob as condições ergonômicas adversas, levando), DORT, estresse e a Síndrome de Burnout. Além, de cansaço na visão e de dores de cabeça crônicas, resultados de leituras prolongadas diante da tela do computador.

Ainda para o referido autor, o estudo evidenciou as poucas atenções dadas à saúde do docente e que são necessárias propostas de mudanças efetivas na realização do trabalho docente como: valorização, jornadas de trabalho que garantam o sustento de suas famílias, evitando, assim, altas jornadas de trabalho, desgastes físicos maiores, investimentos em capacitações que habilitem os docentes a utilizarem as TICs de forma saudável, utilização de móveis ergonomicamente corretos, entre outros, ou seja, inserir medidas que venham minimizar os efeitos negativos das tecnologias.

No entanto, tem-se na saúde ocupacional uma aliada na preocupação em proporcionar condições dignas para execução das atividades que serão realizadas no trabalho, e além de realizar avaliações periódicas que minimizem os impactos (físicos, ou psicológicos) aos quais são submetidos no seu cotidiano.

Diante desse contexto é que Pereira (1994) destaca um ponto importante quanto à saúde do trabalhador, por ser um campo específico da área da Saúde Pública, no qual se

procura atuar com procedimentos próprios e que visa promover e proteger a saúde das pessoas envolvidas no exercício do trabalho. Dessa forma, percebe-se a importância acerca da saúde do trabalhador e os avanços necessários nesta área: melhores condições de trabalho, projetos específicos que venham contemplar melhores qualidades de saúde aos trabalhadores.

Sobre a questão da saúde do docente-tutor, os participantes da pesquisa indicam o estresse e frustração gerados por cobranças da direção como impacto à saúde e, da mesma forma, as reclamações dos alunos para o docente-tutor, o que pode ser constatado na fala a seguir:

[...] o tutor recebe toda espécie de reclamação do aluno e às vezes não conseguimos dar uma resposta para aquele problema, pois a direção leva tempo pra resolver. Isso é um pouco frustrante. (EAI).

Logo, embora não seja muito clara a percepção por parte de alguns docentes-tutores dos impactos biológicos, sociais e psicológicos das atividades que desempenham e como podem acometer sua saúde, se mostraram interessados pelo tema da pesquisa, por permitir mais detalhes na compreensão deste fenômeno.

[...]achei muito interessante o tema (saúde do docente), mas até agora eu não soube de alguém ter ficado doente, ou adoeceu. Já estou há 2 anos nessa função e nunca tive nenhum problema(T1).

[...] o que me chamou atenção nessa pesquisa foi o tema, nunca tive ouvido falar sobre isso e achei interessante ser investigado[...] (T8).

Logo, fica claro que existe a percepção, por parte de alguns docentes-tutores, dos impactos biológicos, sociais e psicológicos das atividades que podem acometer impactos à sua saúde. Dessa forma, o que se espera no trabalho é um ambiente favorável que vise satisfação pessoal e profissional para todos. Contudo, esse tema ainda é de pouco conhecimento na área acadêmica, mas os docentes-tutores investigados se mostraram interessados pelo assunto da pesquisa, por permitir mais detalhes e clareza sobre o trabalho, a saúde e a compreensão do fenômeno da resiliência.

4.2.6 Aspectos da Resiliência

Nesta categoria, elencaram-se os aspectos protetores e de riscos encontrados nos depoimentos dos docentes-tutores, tendo em vista, a sociedade contemporânea que exige, constantemente, capacidade de adaptação das pessoas. No caso em que os docentes-tutores precisaram de apoio em momentos difíceis, um dos aspectos protetores que ancoram a

resiliência foi o apoio da família: “[...] nessas horas de dificuldades é que a família faz a diferença e contamos com ela para nos dar apoio” (T7).

Como foi assinalado por Niskier (1999), entre as atividades do docente-tutor constam: comentar os trabalhos realizados pelos alunos, corrigir avaliações, ajudá-los na compreensão, planejar, atualizar informações, dentre outras, e isto, geralmente, subtrai o tempo dedicado à família, de forma que esse profissional, muitas vezes, precisa contar com suas reservas pessoais de enfrentamento de situações difíceis para superá-las.

Nesse sentido, o docente-tutor precisa contar com seu potencial de resiliência e com o apoio de amigos, família, lazer e situação econômica estável. Como cita Vicente (1995, apud MONTEIRO *et al.*, 2001, p. 6) “A aceitação incondicional do indivíduo enquanto pessoa, principalmente pela família, assim com a presença de redes sociais de apoio permitem o desenvolvimento de condutas resilientes.”

Percebe-se que o exercício da docência e suas responsabilidades estão claros para os docentes. “[...] eu já tive algumas dificuldades mais superei todas com ajuda dos meus alunos e amigos de profissão, que sempre tiveram dispostos a ajudar”. Um importante ponto destacado na fala dos docentes-tutores diz respeito ao apoio dos alunos e colegas de profissão para superar adversidades, assim se sentem mais apoiados e solidarizados com todos integrantes do grupo.

Monteiro *et al.* (2001) em seu trabalho “Resiliência e pedagogia da presença: intervenção sócio-pedagógica no contexto escolar” apresentam a importância de pensar no bem-estar do professor, ou seja, de proporcionar ambientes agradáveis, pois um ambiente organizacional bem estruturado tende refletir um sentimento positivo, a promover e proteger a saúde com o desenvolvimento de condições favoráveis ao trabalho.

Além disso, merece destaque, ainda no que diz respeito aos aspectos de risco que envolvem essa atividade, as falas dos docentes-tutores relacionadas às questões das tecnologias, cobranças, pressões, viagens, capacitação ruim, cansaço e baixa remuneração.

[...] as tecnologias deixam muito a desejar, pois um grande problema é a internet nos interiores, até um vídeo simples os alunos conseguem assistir e muito menos baixar um arquivo PDF [...] (G3).

[...] fora que hoje as tecnologias te deixam viciado você a toda hora é vendo email, é no tablet, no celular, no computador agente não tem mais paz [...] (EA1).

Nota-se que a internet e as ferramentas tecnológicas são essenciais para essa atividade, proporcionando o desenvolvimento da EaD e o acesso à educação, inclusive em termos de motivação, uma fonte inesgotável de pesquisas que proporciona o desenvolvimento das práticas de aprendizagem (CALLES; SILVA, 2008).

Contudo, essa interação tende a desenvolver uma dependência apontada na fala do docente-tutor “as tecnologias te deixam viciado” e que “não se tem mais paz,” demonstrando certa insatisfação agregada ao uso das tecnologias. Mais uma vez aqui há que recorrer à resiliência, enquanto capacidade dos seres humanos de superar os efeitos de uma adversidade a qual foram submetidos e saírem fortalecidos da situação (MELILO, 2004).

Entre as dificuldades mais citadas estão as reclamações feitas pelos alunos, e sua falta de resolução, o que é compreensível, pois como relatam os docentes-tutores, é comum uma parte das reclamações ser de cunho burocrático e isto acaba impactando sobre esses profissionais, por não serem devidamente solucionadas em nível de secretaria e direção, representando um encargo aos docentes-tutores que precisam se esforçar na explicação dessas situações adversas, pelo fato de estarem em contato direto com os alunos. Essas questões mal resolvidas afetam esse profissional, porque nem sempre terminam bem e “isso é um pouco frustrante”.

Toda esta realidade imposta aos investigados vai ao encontro do que afirma Franco (2001), de que os docentes-tutores enfrentam tensões as mais variadas, sejam as específicas de sua área, ou de outras afins.

Outro aspecto de risco evidenciado na fala dos docentes-tutores foi quanto aos trabalhos realizados nas capacitações. Conforme depoimento que segue:

*[...]concordo com o colega quando fala sobre a questão da Web,Internet, pois as capacitações de alguns cursos não enviam o material antes da capacitação (G1).
[...] muitas das vezes trabalhamos na madrugada (G2)
[...]tanto trabalho e o futuro dessa profissão são incertos (G4).
[...]se trabalha a noite, na madrugada para dar conta (EA1)
[...]quanto ao futuro ainda temos um grande caminho ainda ser percorridoEA1).*

No que diz respeito à resolução desse problema da capacitação, nota-se que existem dificuldades para o bom desempenho das atividades dos docentes-tutores, como relatado acima. Porém, isso demonstra que os docentes-tutores também reconhecem os problemas e suas limitações ao enfrentá-los. Tudo indica ser necessário repensar a capacitação de forma continuada e estruturada para atender as necessidades desses docentes-tutores, pois, segundo a fala do docente-tutor: “[...] é uma exigência ser capacitado e gabaritado para ser tutor na EaD” (G6). Almeida (2010) corrobora essa questão afirmando ser necessário oferecer aos professores condições para o desenvolvimento do domínio das tecnologias de forma confortável em que suas funcionalidades e operações sejam exploradas na sua totalidade, a fim de contribuir para a ampliação dos conhecimentos dos alunos.

A sobrecarga de trabalho e a jornada de trabalho extensa aparecem quando reportam à necessidade de executar atividades nas “madrugadas”. Percebe-se que esses docentes-tutores estendem o tempo para o trabalho, para dar conta de suas responsabilidades, possivelmente invadindo o espaço de suas outras atividades na vida. Este fato de trabalhar na madrugada para planejar, corrigir avaliações, responder *emails* e acompanhar o desempenho do aluno no próprio ambiente virtual deve-se às exigências que foram impostas por essa função (MAIA, 2002). Mais uma vez aqui o fenômeno da resiliência é colocado em xeque, pois, são exigidas desses docentes características de enfrentamento diante dessas situações adversas (TAVARES, 2002).

Entretanto, é possível perceber que, ao se remeterem ao futuro, assumem uma postura positiva, os docentes-tutores se sentem esperançosos e conscientes dos futuros desafios. De acordo com Pinheiro (2004), o resiliente possui autoconfiança, expectativa de oportunidade na vida, e, assim, apresenta boas chances quanto ao futuro.

Os docentes-tutores apontaram ainda como aspecto de risco a questão das viagens, do cansaço e da renda baixa:

[...] a maior dificuldade que vejo é quando temos que nos deslocar para os polos, por que são muito perigosas dependendo do lugar que você vai (G5).
[...] concordo é muito perigoso essas viagens e não tem jeito temos que fazê-la (G6).
[...] uma vez por mês viajamos talvez pela periculosidade de um acidente (G7).
[...] o pior de tudo é chegar cansada e ter que fazer um terceiro turno (G8).
[...] gosto muito de ir aos pólos uma vez por mês viajamos para aplicarmos prova, mesmo nos deparando com o perigo das estradas (EA1)
[...] não existe salário e sim uma bolsa paga pelo o MEC, uma bolsinha bem magrinha. Muitas pessoas consideram essa atividade como um quebra galho, uma complementação de renda (EA1)
[...] que são muitas responsabilidades se trabalha muito (EA1)

Nota-se aqui a preocupação dos docentes-tutores em realizar tarefas que exigem “viagem”, enquanto compromisso com seu trabalho, pelo fato de se exporem a situações de perigo nas estradas, deixando-os angustiados. A falta de uma legislação específica nesta profissão vem agravar essa situação, pois o trabalhador docente-tutor não possui nenhuma garantia ou suporte, ou seja, não está amparado pela CLT, incorrendo em muitos riscos, alheios a sua vontade, sem nenhuma salvaguarda, como manifesta um deles: “no trabalho de visita ao polo quase uma carreta passou por cima da gente, e ainda tive que ministrar a tutoria, tive que fazer, não tive pra onde correr” (G5). É possível supor, pelos dados, que esses pesquisados são mais preocupados com as questões de agravos físicos à saúde, talvez não percebendo ainda os impactos em outras esferas da vida.

Percebe-se, assim, que esses docentes-tutores sentem a necessidade de serem mais valorizados profissionalmente, por meio de salário, legislação específica, e condições mais

dignas de trabalho (MILL, 2007). Os relatos revelam que esses docentes-tutores têm consciência do seu trabalho e de suas capacidades, o que, de acordo com Yunes (2003), já é uma questão muito positiva, na medida em que a identificação dos problemas pode ser um caminho significativo para enfrentá-los.

4.2.7 Estratégias de Enfrentamento e Sugestões de Melhorias

Nesta última categoria, destacam-se duas importantes subcategorias sobre os aspectos que precisam ser melhorados no que tange às condições e organização do trabalho.

Dentre as falas dos docentes-tutores ao que se refere às condições de trabalho, destacam-se: melhoramentos das tecnologias e segurança na profissão:

[...]o primeiro passo é a profissionalização, a tutoria tem que se tornar uma profissão reconhecida para garantir nossos direitos trabalhistas, pois isso nos causa uma certa insegurança. A qualquer hora podemos ser desligado e não temos direito a nada (G1).

[...]solucionar as reclamações dos alunos, melhorar as condições de trabalho dos tutores, melhorar o tempo das disciplinas, pois o tutor é responsável pela aprendizagem do aluno (G5).

[...]um passo importante é a profissionalização, as tecnologias, a estrutura, reclamações, tudo isso tem que mudar e melhorar (G6).

[...]concordo plenamente com os colegas o ensino EaD é importante e precisa melhorar (G7).

[...]parece até brincadeira mais esses problemas ocorrem e continua acontecendo a Ead e os recursos tecnológicos precisam passar por uma reestruturação e rápido. Todos meus colegas estão relatando dificuldades e problemas que enfrentamos todos os dias. Precisamos de mudanças no atendimento aos nossos alunos, na IES, nos processos, e por fim, oferecer melhor condição de trabalho para nos tutores (G8).

Observam-se, nas falas dos docentes-tutores, as dificuldades encontradas para sua atuação, e a percepção de que esses problemas já são de conhecimentos de todos, isto é, não são mais novidades. Tudo isso nos remete à atenção aos limites desse trabalhador como forma de protegê-lo contra uma série de agravos, mal-estares, desgastes, acidentes e doenças (LACAZ, 2007).

No que se refere à subcategoria Organização do Trabalho, vale destacar o melhoramento dos cursos de EaD, principalmente no que diz respeito às tecnologias, à organização das disciplinas com carga horária adequada que possibilite a discussão e à reflexão dos assuntos discutidos, por fim, melhorar o planejamento dos cursos em EaD. Essas ações de melhoramento podem permitir ao docente-tutor executar suas atividades de maneira agradável, para superar ou amenizar o cansaço e o mal-estar das longas jornadas de trabalho.

O grande crescimento da modalidade de EaD desencadeou alguns impactos ligados à organização do trabalho no ambiente educativo dessa modalidade, como fica evidenciado a seguir:

[...]não podemos esquecer a estrutura como um todo, as tecnologias deixam muito a desejar, pois um grande problema é a Internet nos interiores, até um vídeo simples os alunos conseguem assistir e muito menos baixar um arquivo PDF. Sem falar das entregas dos materiais impressos (G2).

*[...]os alunos do interior sofrem muito pra chegarem aos polos, tem que melhorar a estrutura em geral, e assim melhora também o nosso trabalho. Tudo isso melhora nossa condição de saúde, as viagens, inseguranças no trabalho (G3).
tem que melhorar as organizações do curso são inúmeras as reclamações dos alunos (G4).*

[...]temos uma grande equipe que dar suporte pedagógico, tecnológico e logístico, mais ainda sim temos dificuldades(G1).

Sabe-se que os avanços tecnológicos inseridos na educação tendem a possibilitar a formação de cidadãos cada vez mais conectados e informatizados, capazes de atender à demanda da sociedade contemporânea. Porém, no Brasil, esse processo não ocorre da mesma forma, especialmente de modo igualitário para todos e em todos os lugares, como se nota nas falas dos docentes-tutores ao relatarem problemas tecnológicos, logísticos e outros. Portanto, o que se espera, em meios a tantas mudanças, é que a educação, juntamente com as TICs, possibilite a todos ensino e aprendizagem com projetos pedagógicos adequados e eficazes, que permitam ambientes, no caso virtual, dinâmicos, desafiadores, criativos que venham a estimular os alunos a aproveitarem todos os recursos e ferramentas, colaborando, dessa forma, com a construção do conhecimento e o desenvolvimento humano de todos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O avanço das TICs, em todos os âmbitos sociais, no mundo contemporâneo tem proporcionado o desenvolvimento de ferramentas, como as educacionais. Porém, para o sucesso do seu uso, é necessário que os profissionais da educação estejam atentos às condições dos contextos de trabalho aos quais se submetem, sob pena de agravos à própria saúde.

Nessa direção, o itinerário percorrido nesta pesquisa visou à investigação das relações entre saúde, trabalho e resiliência, no contexto das atividades do profissional docente-tutor do contexto educacional denominado de educação a distância. O quadro de reflexões considerou o fato de a sociedade viver crescentemente sob uma enorme influência das novas tecnologias da informação e comunicação, que veem o conhecimento como mola propulsora de todo e qualquer desenvolvimento das atividades humanas e da própria sociedade.

Não se pode deixar de concordar, em alguma medida, conforme defende Castells (1999), que nos encontramos numa sociedade em rede, na qual muitos paradigmas se modificaram. Entre os mais importantes, encontram-se as noções de tempo e de espaço. Logo, tais características deste atual modo de vida e produção implicaram em impactos que repercutem nas mais diferentes áreas, entre elas, a do trabalho na educação.

A correlação entre essas duas áreas e o incremento das tecnologias permitiu a emergência da modalidade de educação a distância, cujos benefícios são cada vez maiores, encurtando-se as distâncias e diferenças de tempo e espaço (algo que sempre foi característico dessa modalidade), permitindo o crescimento, quase que exponencial, do número de docentes-tutores que nela atuam.

Sem dúvida, esse profissional da educação a distância pode ser referenciado como “operário do conhecimento”, para usar o termo de Drucker (2000), com o qual designa uma série de novas funções surgidas em decorrência da sociedade em rede. Não obstante, o profissional docente-tutor a distância não ser uma categoria profissional recente, as imensas modificações ocorridas na EaD aumentaram sua importância no contexto da educação como um todo e trouxeram a exigência de uma série de novas competências e atribuições para essa classe de profissionais.

Tudo indica que a EaD vive um novo momento, mas o novo nem sempre pode ser visto, inocentemente, apenas pelo que traz de positivo, já que pressupõe uma série de questões

que se colocam e para as quais não se tem soluções, posto não estarem ainda bem evidenciadas e investigadas, como o caso da saúde do docente-tutor.

Considerando-se o âmbito específico da educação a distância e do trabalho dos docentes-tutores, esta pesquisa pretendeu refletir sobre esta questão, especialmente sobre os impactos das novas exigências à saúde desses profissionais, conhecendo, com detalhes, os agravos aos quais estão sujeitos, bem como a forma como lidam com seus limites e suas possibilidades, ou seja, seus potenciais de resiliência.

Nesse contexto, os dados coletados possibilitaram contribuições relevantes para responder aos objetivos aqui propostos. Identificou-se que os docentes-tutores que compuseram a amostra eram da área das ciências humanas, com prevalência do sexo masculino, entre a faixa etária de 31 a 40 anos, com experiência na docência, e a maioria com capacitação para atuar como docente-tutor. Esses sujeitos relataram não ter vínculo empregatício com a IES para realizar essa atividade de trabalho, portanto, precisam de outras atividades para complementação da renda.

No que concerne à formação dos docentes-tutores, esses se apresentaram com experiência para o exercício dessa atividade, cumprindo as prerrogativas exigidas pelo MEC para um docente-tutor. Verificou-se, ainda, a importância da capacitação para os tutores, inicialmente percebida como muito difícil. Porém, quando questionados sobre o papel do docente-tutor, destacaram a importância da inter-relação entre o docente-tutor e o aluno e a satisfação na transmissão dos conhecimentos.

Dentre as ferramentas utilizadas pelos docentes-tutores, evidenciaram o interesse pelo AVA, visto pelos docentes-tutores de maneira positiva, prazerosa e essencial ao aluno, ou seja, uma importante ferramenta mediadora que possibilita a construção do conhecimento. Identificou-se, também, que os docentes-tutores consideram as condições de trabalho ótimas e evidenciou-se que há um consenso, dentre os pesquisados, sobre a importância dessa modalidade para o crescimento da educação no contexto contemporâneo. De um modo geral, os docentes-tutores atribuem um valor positivo à EaD, bem como a entendem com uma oportunidade para o crescimento profissional. Sobre as relações de saúde do docente-tutor, relataram a importância da família como apoio em situações como: estresses, LER, frustrações, pressões e cobranças advindas do trabalho em constante mudança, exigindo desses profissionais cada vez mais competências e habilidades como: expertise no uso das tecnologias, a capacidade de lidar com conflitos na relação interpessoal, especialmente com os usuários da EaD, equilíbrio emocional, boa comunicação e capacidade de trabalhar em equipe, para estarem aptos a superar as adversidades do cotidiano.

Percebeu-se, também, a partir dos relatos dos docentes-tutores que, em casos de dificuldade, um aspecto favorável importante continua sendo o apoio da família e, quanto à presença de aspectos desfavoráveis, relataram o preconceito da sociedade e das pessoas na utilização dessa modalidade, a base precária de conhecimentos dos alunos, a falta de tempo dos docentes-tutores para interagir no AVA, as dificuldades inerentes às novas tecnologias por parte dos alunos, a falta de estrutura da instituição, a falta de regulamentação trabalhista e a acessibilidade relacionada às questões das tecnologias, e, ainda: as cobranças, as pressões, as viagens de trabalho, a capacitação ruim, o cansaço e a baixa remuneração. Entretanto, quanto ao futuro dessa profissão, assumiram uma postura positiva, sentem-se esperançosos e conscientes quanto à melhoria das condições e da importância de suas responsabilidades na contribuição, como educadores, para o crescimento intelectual e profissional dos alunos.

Percebeu-se que o número de participantes que compôs a amostra desta pesquisa foi pequeno diante do universo apresentado de docentes-tutores da IES, permitindo a esta pesquisadora fazer os seguintes questionamentos: os docente-tutores tiveram algum receio de participarem, ou seja, tiveram medo de futuras represaria advinda da IES, ou talvez por falta de consciência do tema da pesquisa. Portanto, isso pode ter colaborado para justificar o número pequeno de participantes. Outro ponto relevante é que os docentes-tutores enfatizaram a importância da regulamentação trabalhista para essa atividade, mas o que se percebe é que isso por si só não garante a valorização da categoria, uma vez que não foi identificado nenhum manifesto em mudar essa situação pelos docentes-tutores. Porém, é possível que essa temática já tenha sido discutida no universo micro dos docentes-tutores, mas como meramente limitando-se a queixas, insatisfações relatadas como desabafos entre eles. Contudo, o que tudo indica é que esses docente-tutores estão sendo motivadas pelo prestígio de serem docente-tutor diante da sociedade, já que não relatam como principal reclamação a remuneração.

Dessa forma, embora o tema desta pesquisa seja ainda relativamente novo, entende-se que se podem explorar algumas de suas facetas, portanto, numa tentativa de aproximação investigativa junto a um determinado grupo profissional. Considera-se que entre esses docentes-tutores, ainda há pouco conhecimento sobre os agravos que possam advir desta modalidade de trabalho à sua saúde; são inúmeras as situações às quais se submetem e que lhe exigem enfrentamento e superação de dificuldades nas suas rotinas. Todavia, houve indicativos de que apresenta potencial de resiliência, expresso por meio de características tais como: adaptação diante das mudanças e manutenção da postura positiva e esperançosa quanto ao futuro.

Acredita-se que a EaD possa vir a se constituir um sistema pedagógico por meio de amplo debate, visando encurtar distâncias entre centros reconhecidos de produção de saberes, para aproximar cidadãos comuns ao conhecimento. Contudo, os resultados levam a crer a necessidade de mais investigações por parte da comunidade acadêmica, em contextos similares, públicos e privados e com características diferenciadas, para aprofundamento desse contexto de trabalho na sociedade atual, marcada pelo conhecimento, pela tecnologia e pela educação continuada, posto ser esperado um crescimento exponencial dos profissionais que nele atuam.

Sugere-se que haja investimentos na saúde desse profissional educador, tais como: na formação continuada de qualidade, no apoio psicológico, nas atividades de promoção de saúde e prevenção de doenças no trabalho, no apoio de diferentes atores sociais, como o governo, nas instituições de saúde, de pesquisa, nas políticas públicas, nos sindicatos, entre outros. Caso este profissional receba o apoio necessário, por parte das Instituições governamentais e políticas públicas mais direcionadas a essa modalidade de educação, terá motivação para o trabalho, gerando uma educação de qualidade e transformando a realidade social do país. A essa transformação pode se dar o nome de desenvolvimento humano.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (ABED). **História da educação a distância**. 2011. Disponível em: < <http://www.abed.org.br/site/pt/>>. Acesso em: 14 out. 2012.

ALMEIDA, M. E. B. Transformações no trabalho e na formação docente na educação a distância on-line, **Em aberto**, Brasília, v.23 n.84, p.67-77, nov.2010.

_____. **Educação a Distância e Tecnologia**: contribuições dos ambientes virtuais de aprendizado. São Paulo: PUC, 2007.

_____. Educação a distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, FE/USP, v.29, n.2, jul./dez.2003.

ALVES, L.; NOVA, C. **Educação a Distância**: Uma Nova Concepção de Aprendizagem e Interatividade. São Paulo, Futura, 2003.

ANTUNES, C. **Resiliência – A construção de uma nova pedagogia para uma escola pública de qualidade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

ANGST, R.; A., C. AMORIM. A. Resiliência em acadêmicos de Pedagogia. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE E I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, SUBJETIVIDADE DE EDUCAÇÃO - SIRSSE, 10., 2011, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2011. p. 1-12.

AQUINO, C. A. B.; MARTINS, J. C. O. Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**. v. VII, n. 2, set.2007.

BRASIL. **Ministério de Educação e Cultura**. <Disponível no site:<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/dec/_5622.pdf.pdf>. Acesso em: 10 de jan. de 2011.

BRASIL. Conselho Nacional de Secretários de Saúde. Sistema Único de Saúde / Conselho Nacional de Secretários de Saúde. **Sistema Único de Saúde** (Coleção Para Entender a Gestão do SUS 2011,1) – Brasília: CONASS, 2011. Disponível em <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/para_entender_gestao_sus_v.1.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2013.

BRASIL. **Decreto nº 5.622 de 19 de dezembro de 2005**. Da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes de base da educação nacional.

BRASIL. **Decreto-Lei nº1917 de 1996**. Aprova a Secretária de Educação a Distância-SEED/MEC.2009 .Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/portaria10_seed.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2013

BRASIL. **Pesquisa mensal de emprego**, Brasília.DF: IBGE,20012-2003 (Evolução do Emprego com carteira de trabalho assinada).

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF, 1996.

BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

_____. , **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988. Brasília: Senado Federal, 2009.

BRASIL, **Ministério da Saúde**. Portaria nº3.120 de 07/07/1998. Aprova a Instrução Normativa de Vigilância em Saúde do Trabalhador no SUS. 1998b. Brasília; Ministério da Saúde.

BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil e regulamentada pela Lei nº 8.080/90 e 8.142/90** (BRASIL, 2001).

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **NR – Normas regulamentadoras**. Capítulo V, Título II, da Consolidação das Leis do Trabalho, relativas à Segurança e Medicina do Trabalho. Disponível em: < <http://portal.mte.gov.br/> >. Acesso em: 10 mar. 2013

BRASIL. **Resolução/CD/FNDE nº 26, de junho de 2009**. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/fnde/legislacao/resolucoes/item/3320>> acesso em: 25/12/13

BRASIL. Portal Saúde. **8a. Conferência Nacional de Saúde**, 1986. Disponível em :< <http://portal.saude.gov.br/portal/saude/cidadao/area.cfm>. Acesso em: 29 out. 2012.

BARBOSA, R.M. (Org.). **Ambientes virtuais de aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Edição revista e atualizada. Lisboa. Edições 70, 2009.

BARROS, V.A. **O trabalho do docente virtual: análise jurídica das condições de trabalho decorrentes do sistema de educação a distância**. Manaus: Anais do Conpedi, p.3275 2007

BANDEIRA, M. G.C. **Enfermagem do Trabalhador**. Fundação Gianna Berreta. Maranhão, 2007. Disponível em: <http://www.ebah.com.br/> acesso em: 10 mar. 2013.

BATISTELLA, C. **Saúde, Doença e Cuidado: complexidade teórica e necessidade histórica**. Fonseca, Angélica Ferreira (Org). **O território e o processo**. Angélica Ferreira Fonseca e Ana Maria D' Andrea Corbo. Rio de Janeiro: EPSJV/Fiocruz, 2007.

BELLONI, M.L. **Educação a distância**. 4ªed. Campinas: Autores Associados. 2006.

BRAUDEL, F.. **Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII**. Lisboa: Martins Fontes, 1996.

BERNARD, B. Applications of resilience: Possibilities and promise. En Glantz, M. e J. Johnson (eds.), **Resilience and development: positive life adaptations**, New York, Plenum Publishers, p.269-277, 1999.

BERNARDO, V. **Educação a distância: fundamentos**. Universidade Federal de São Paulo. UNIFESP. Disponível em: <http://www.virtual.epm.br/material/tis/enf/apostila.htm> > acesso em: 10 mai. 2013.

BRIGGS, A. BURKE, P. **Uma história social da mídia:** de Gutemberg à Internet. Tradução de: Maria Camelita Pádua Dias. 2ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 2006.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano:** Experimentos naturais e planejados (M. A. V. Veronese, Trad.). Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1993 (Original publicado em 1979).

BURCH.S **Sociedade do Conhecimento/Sociedade de Informação.** Disponível no site: <<http://vecam.org/article519.html>> Acesso em: 15 de mar. de 2012.

CALLE D., G.A.; Da SILVA, E.L. Inovação no contexto da sociedade do conhecimento, **Revista TEXTOS de la CiberSociedad**, n. 8, 2008. Temática Variada. Disponível em <<http://www.cibersociedad.net>>. Acesso em: 12 ago. 2012.

CAVALCANTE, C.A.A.; ENDERS, B.C.; MENEZES, R.M.P.; MEDEIROS, S.M. Riscos ocupacionais do trabalho em enfermagem: uma análise contextual. **Revista Ciência, Cuidado e Saúde.** Maringá, v. 5, n. 1, p. 88-97/ abr.2006.

CHAMON, E. M. Q. de O. **Formação e (re) construção identitária:** estudo das memórias de professores do ensino básico inscritos em um programa de formação continuada. Campinas, SP, 2003.

CASTELLS, M.A. **Galáxia da Internet:** Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2003

_____. **A Era da Informação:** economia, sociedade e cultura. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian 2002.v.1.

_____. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, M; CARDOSO, G. **A Sociedade em Rede/** Do Conhecimento à Ação Política. Conferência Promovida pelo Presidente da República. Centro cultural de Belém. mar. 2005.

CASTRO, M.A.C.D. Revelando o sentido e o significados da resiliência na preparação de professores para atuar e conviver num mundo em transformação, In: TAVARES, J.(Org.). **Resiliência e educação.** 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

CABANAS, M.I.C; VILARINHO, L.R.G. Educação a distância: tutor, professor ou tutor-presencial? In: **ENCONTRO DE EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO**, 5., 2007, RJ. UES. p.18, 2007.

CEREST/SP. **Relatório de atividades apresentado em reunião técnico-administrativo,** setembro, 2007.

CODO, W. **Educação: carinho e trabalho.** Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

CHIAVENATO, I. **Administração:** teoria, processo e prática. São Paulo: Makron Books, 1994.

COLL, C.; MONEREO, C. (Orgs.). **Psicologia da educação virtual** – Aprender e Ensinar com as Tecnologias da Informação e da Comunicação. Porto Alegre: Artmed,

2010.

COTRIM, G. **História global: Brasil e geral**. 8. ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

DEMO, P. **Questões para teleducação**. Petrópolis, Rj: Vozes, 1998.

DRUCKER, P. O futuro já chegou". In: **Revista Exame**. São Paulo, 710, p.112-126, março, 2000.

_____. **Sociedade pós-capitalista**. 6.ed. São Paulo : Pioneira, 1993.

DE SETA, M. H. (Org.). **Gestão e vigilância sanitária: modos atuais do pensar e fazer**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

DELORS, J. . Os quatro pilares da educação. In: _____. **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez. p. 89-102. 1999.

EMERENCIANO, M.S.J.; SOUSA, C.A.L.; FREITAS, L.G., Ser Presença como Educador, Professor e Tutor. **Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED)**, 2007.
Disponível em: <http://www.abed.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm>>. Acesso em: 24/10/2013.

ESTEVE, J.M. **Mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores**. São Paulo: Edusc, 1999.

FAIMAN, C.J.S. **Saúde do Trabalhador: possibilidade e desafios da psicoterapia ambulatorial**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2012.

FAZENDA, I. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. 4.ed. Campinas: Papirus, 1999.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 25 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2008.

FRANCO, M.E.D.P. Comunidade de conhecimento, pesquisa e formação do professor do ensino superior. In: MOROSINI, M. Costa (Org.). **Professor do ensino superior: identidade, docência e formação**. Brasília. Plano Editora, 2001

FREIRA, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes, necessários à política educativa**. 31ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FREITAS, C. et al. **Os impactos da tecnologia da informação e comunicação sobre a saúde docente**. 2010. Disponível em: <http://www.excelenciaemgestao.org/Portals/2/> acesso em: 10 de maio de 2013.

GATTI, B. A. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Editora Plano, 2009.

GIANASSI-KAIMEN, M. J. et al. **A prática pedagógica do tutor no ensino a distância**, 2005.

GIL, A., C. **Métodos e técnicas de pesquisa social** 6.ed. reimpr. São Paulo: Atlas, 2010.

HOBBSAWM, E. **A era dos extremos: o breve século XX, 1914-1991**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. São Paulo: Prentice Hall, 2007.

HOUAISS, A. et al., **Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

INFANTE, F.: **Acciones específicas que los jovenes y los agentes de salud toman para promover la resiliencia en los primeros**, tesis para postular al título de psicóloga de la Universidad Diego Portales, Santiago, Chile, 1997.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas educacionais - INEP. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/>> acesso em: 10 jan.2013.

JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e Patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

KAPLAN, H.: Toward an understanding of resilience: A critical review of definitions and models, en Glantz, M.; Johnson, J. (eds), **Resilience and development: positive life adaptations**. New York, Plenum Publishers, p. 17-84.1999.

KINNER, T. C.; TAYLOR, J. R. **Marketing Research: An Application Approach**. Singapore: McGraw-Hill, 1991.

LACAZ, F.A.C. O campo saúde do trabalhador: resgatando conhecimento e práticas sobre as relações trabalho-saúde. **Cad. Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v.23, nº4, 2007.

LAKATOS, E.M.; MARCONI, M.A. **Fundamentos de metodologia científica**. 4.ed.São Paulo: Editora Atla, 2001.

LALONDE, M. Novas perspectivas de saúde dos canadenses. Ottawa. **Rev. Saúde e Bem-Estar Social**, 1974.

LAPA, A.; PRETTO, N.L. Educação a distância e precarização do trabalho docente. **Em aberto**, Brasília, v.23, n.84, p.79-97. nov.2010.

LEVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1999.

LITWIN, E. (Org.). **Educação a Distância: Temas para Debate de uma Nova**, 2001.

LOPES, A.; RIBEIRO, A. A Construção de Identidade Profissionais Docentes: começa tu ou começo eu? In: _____. ESTRELA Albano et. al. **Formação, saberes profissionais e situações de trabalho**. Lisboa; AFIRSE Portuguesa/ FPCE-UB, 1996, v.I.

MAENO, M.; CARMO, J. C. do. **Saúde do Trabalhador no SUS**. São Paulo: Hucitec, 2008.

MAURI, T.; ONRUBIA, J. O Professor em ambientes virtuais: perfil, condições e competência: In: MONEREO, C.; COLL, C. (Org.). **Psicologia da educação virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação**. Porto Alegre. Artmed, 2010, p.118-135.

MARTINS, O B. **Teoria prática tutorial em educação a distância**. Curitiba: IBEP, 2002.

MAIA, C.; MATTAR, J. **ABC da Educação a Distância**: a educação a distância. São Paulo: Prentice Hall, 2007.

MAIA, R. Redes cívicas e internet: do ambiente informativo denso às condições da deliberação pública. In: EISENBEG, J.; CEPIK, M. (Org.). **Internet e política**: teoria e prática da democracia eletrônica. Belo Horizonte: UFMG, 2002. p. 46-72.

MASI, D. de. **O ócio criativo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

MASTEN, A. “Resilience comes of age: Reflections on the past and outlooks for the next generation of researchers”, en Glantz, M.; Johnson, J. (eds.), **Resilience and development**: positive. 1999.

life adaptations, New York, Plenum Publishers, p. 281-296
MELILLO, A.; SUÁREZ OJEDA, E. N.; RODRÍGUEZ D.(Comp.). **Resiliencia y subjetividad**. Los ciclos de la vida. Buenos Aires: Paidós, et al., 2004.

MELILLO, A. ESTAMATTI, M. CUESTAS, A.. Alguns fundamentos psicológicos do conceito de resiliência. In: MELILLO, A.; OJEDA, E. N. S. (Org.). **Resiliência**: descobrindo as próprias fortalezas, Porto Alegre: Artmed, 2005, p.59-72.

MENDES, R. **Patologia do trabalho**. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2003.

MENDES, R. e DIAS, E. C. **Da Medicina do Trabalho à Saúde do Trabalhador**. Artigo de Revisão. Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 1991. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v25n5/03.pdf>> Acesso em: 21 mai. 2012.

MILL, D. et. al O desafio de uma interação de qualidade na educação a distância: o tutor e sua importância nesse processo. São Carlos: SP, 2008. **Cadernos da Pedagogia**, Ano 02 Volume 02 Número 04 agosto/dezembro 2008

_____. Trabalho docente na educação a distância: condições de trabalho e implicações trabalhistas. **Revista extra-classe**. n.1, v.1, Fevereiro 2007. Disponível em: ><http://www.sinprominas.org.br/imagensDin/arquivos/341.pdf>.

_____. **Educação a distância e trabalho docente virtual**: sobre tecnologia, espaços, tempos, coletividade e relações sociais de sexo na Idade Mídia. 2006. 322f. Tese (Doutorado em Educação)—Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais (FAE/UFMG), Belo Horizonte, 2006.

MINAYO, M. C. S.(Org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: vozes, 1993.

MINAYO-GOMEZ C., THEDIM-COSTA, S.M.F. **A Construção do Campo de Saúde do Trabalhador: percurso e dilemas**. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/csp/v13s2/1361.pdf>> .Acesso em: 12 out. 2012.

MOODLE . Disponível no site:<http://docs.moodle.org/23/em/About_Moodle>. Acesso em: 12 jan. 2013.

MOORE, M. G; KEARSLEY, G. **Educação a distância**: uma visão integrada. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

MORAN, J. M. **Como utilizar a Internet na educação**. São Paulo. Ciências da Informação.v.26 n.2, mai-ago.2006.

_____. Como utilizar a Internet na educação. São Paulo, **Ciências da Informação**, v. 26, n. 2, maio-ago 1998; p. 146-153.

MORIN, E. **Os Setes saberes necessários à Educação do Futuro**. 2. ed.São Paulo: Cortez, 2000.

_____.**A cabeça bem feita. Teoria Cognitivas da Aprendizagem**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil Ltda, 2002.

MOREIRA, A. **O segredo não é mais a alma do negócio**: comunicação empresarial e as novas tecnologias da informação. Universidade Católica de Pernambuco, 2007.

MOTA, D. C. G. d'A.BENEVIDES-PEREIRA, A.M. T.GOMES, Mônica Lúcia.; ARAÚJO, Silvana Marques et al. Estresse e resiliência em doença de chagas. **Aletheia**. v. 24, p. 57-68, 2006.

MONTEIRO,D.S.;PEREIRA,L.F.;SARMENTO,M.R.;MERCIER,T.M.**Resiliência e pedagogia da presença**:intervenção sócio-pedagógica no contexto escolar.Trabalho de conclusão de curso,. Faculdade Integrada de São Pedro II, Vitória, 2001.

NISKIER, A. **Educação a Distância**: A Tecnologia da Esperança. São Paulo, Loyola, 1999.Paulo: Cengage Learning, 2007.

NUNES, I, B. A história da EAD no mundo. In: LITTO, Fredric Michael; FORMIGA, Manuel Barros Maciel (Org). **A educação a distancia**: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

Organização Mundial de Saúde-OSM. Documentos básicos. 26 ed. Genebra: OSM,1976.

PAIM, J.;TRAVASSOS,C. et al.O sistema de saúde brasileiro: histórias, avanços e desafios. In: BRASIL. **Saúde no Brasil**, v. 1. n. 9, mai. 2011.

PEDRO, N;PEIXOTO,F.Satisfação profissional e auto-estima em professores do 2º e 3º ciclos do Ensino Básico. **Análise Psicológica**, 2 (XXIV),247-262,2006.

PETERS, O. **Didática do ensino a distância**: experiências e estágios da discussão numa visão internacional. Rio Grande do Sul: Unisinos, 2009.

PEREIRA, J. C. **Medicina, saúde e sociedade**. Estudos de Saúde Coletiva, v.4 p.29-37,1994.

PINHEIRO, D.P.N.A Resiliência em Discussão.**Psicologia em estudo**,Maringá,v.9,n.1,p.67-75,2004.

POETINI, N.C.A.**Estratégias Resilientes no Contexto Educacional**: uma contribuição ao exercício da profissão docente.2010.Disponível em:<http://revistaeletronicas.pucr.br/> Acesso em: 15 mai. 2012.

POZO, J. **Aquisição de conhecimento**: quando a carne se faz verbo. Tradução de Antonio Feltrin. Porto Alegre: Artmed, 2004.

- PRADO, C. et al. Espaço virtual de um grupo de pesquisa: o olhar dos tutores. Ver. **Esc.enferm.USP** [online].2012, v.46,n.1,P.246-251.ISSN0080-6234.
- PRETTI,O.**Fundamento e políticos em educação a distância**. Curitiba: IBPEX,2002.
- PRETTO, N. de L.Colaboração em Ambientes Virtuais de Aprendizagem:uma experiência na UFBA,I **Colóquio Internacional sobre Ensino Superior**(<http://www.uesf.br/cies/>),Feira de Santana. out.2010.
- RAMAZZINI, B.**As doenças dos trabalhadores**. São Paulo: Fundacentro.2002.
- REIS, J. F. et al. Docência e exaustão emocional. **Educ. Soc.** [online], v. 27, n.94, p. 229-253,2006.
- RINALDI, A. **OMS - coloca o estresse ocupacional como um fator social**. Fundacentro. . Disponível em: <<http://www.fetecsp.org.br/index.php>>. Acesso em: 22 jan.2013.
- RODRIGUES, R. S. **Modelo de avaliação para cursos no ensino a distância: estrutura, aplicação e avaliação**. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998. Disponível em: <<http://www.eps.ufsc.br/disserta98/roser/index.htm>>. Acesso em: 10 ago. 2012.
- SÁ, I. M. A. **Educação a Distância: Processo Contínuo de Inclusão Social**. Fortaleza, C.E.C., 1998.
- SALIM, C. A. Doenças do trabalho: exclusão, segregação e relações de gênero. **São Paulo em Perspectiva**, v. 17, n. 1, p. 11-24, 2003.
- SAMPAIO, M. M. F.; MARIN, A. J. **Precarização do Trabalho Docente e seus Efeitos sobre as Práticas Curriculares**. In: Educação & Sociedade: Revista Quadrimestral de Ciência da Educação. Número Especial: Inclui 2ª parte do dossiê “Globalização e Educação: Precarização do Trabalho Docente”. Campinas: CEDES, Nº 89, volume 25, set-dez, 2004.
- SARAIVA, T. Educação a Distância no Brasil: lições da história. **Em Aberto**, Brasília, ano 16, n. 70, abr./jun. p. 17-27, 2006.
- SCHLEMMER, E. Metodologias para Educação a Distância no Contexto da Formação de Comunicades Virtuais de Aprendizagem. In: BARBOSA, R.M. (Org.). **Ambientes Virtuais de Aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed ,2005.p.35.
- SERNA, C. **Transformações do Mundo do Trabalho**. 2009. Disponível em: <<http://revistaforum.com.br/blog/tag/carlos-serna/>>Acesso em: 15 abr. 2012.
- SCHRÖEDER, C. S. (Discente-Autor/Doutorado); KLERING, L. R. (Docente), 2009. On-line focus group: uma possibilidade para a pesquisa qualitativa em administração. **Cadernos EBAPE.BR** (FGV), v. 7, , p.333-348, ISSN: 1679-3951.
- SILVA, M. R.S. da et al. Resiliência e Promoção da Saúde **Contexto Texto - enferm**. Florianópolis, v.14, n.sp, 2005. Disponível a partir do <<http://www.scielo.br/scielo>> acesso em: 26 jul. 2013.

TABOADA N.G.; LEGAL E. J.; MACHADO N. Resiliência:em busca de um conceito. **Rev. Bras Crescimento Desenv. Hum.** v.16, n.3,p.104-113,2006.

TAFNER, E. P. **Metodologia do trabalho acadêmico**/Elisabeth Penzlien Tafner e Everaldo da Silva. Indaial: UNIASSELVI, 240 p.:Il.2012.

TAVARES, J. (Org.). **Resiliência e educação**. São Paulo: Cortez, 2002.

TECCHIO, E.L. et.al,. **Competências Fundamentais ao Tutores de Ensino a Distância**.2008 Disponível em: <<http://WWW.abed.org.br/congresso>>.Acesso em: 15 jan.2013.

TOFFLER, A. **A empresa flexível**. Rio de Janeiro: Record, 1995.

TOURAINÉ, A. **Um novo paradigma**: para compreender o mundo de hoje. Petrópolis: Vozes, 2006.

UEMA. **Universidade Estadual do Maranhão**. Disponível no site:<<http://www.uemanet.uema.br/portal/index.php/desenho-pedagogico>> Acessado em: 10 de outubro de 2013.

UNESCO. **O Perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam**. UNESCO, 224 p, 2004. Disponível em:< <http://unesdoc.unesco.org/images>> acesso em: 10 de maio de 2013.

VASCONCELOS,C.S.**Construção do conhecimento em sala de aula**. 6ª ed. São Paulo: Liberdade, 1997.

VEDOTO, T.G;MONTEIRO,M.I.Perfil sociodemográfico e condições de saúde e trabalho dos professores de nove escolas estaduais paulistas.**Rev.Esc.Enfer**.USP [online], v.42,n2;pp291-297,2008.

VIANNA, Andrea. M. **Traços de personalidade e fatores de resiliência relacionados ao desenvolvimento de transtorno de estresse pós-traumático subclínico em policiais militares**. 2008. Disponível em:<<http://www.fcmscsp.edu.br/posgraduacao/cursos/down.php>> Acesso em: 16 fev.2012.

YUNES, M. A. M. Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. **Psicologia em estudo**, Maringá, v.8, n. Esp,p.75-84, 2001.

YUNES, M. A. M.; SZYMANSKI, H. Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. In: Tavares J. (Org.). **Resiliência e Educação**. São Paulo: Cortez, 2001.p.13-42.

APENDICE A –ROTEIRO DE ENTREVISTA QUESTIONÁRIO BIO-SOCIO-OCUPACIONAL

Por favor, marque com um X a alternativa que melhor se aplica a você:

1- Gênero: () Feminino () Masculino () Não registrado

2- Idade:

() entre 20 e 25 anos ()entre 30 e 31 anos ()entre 35 e 36 anos () entre 40 e 41anos
() entre 45 e acima de 45 anos

3-Estado Civil

Solteira/o () Casada/o () Companheira/o () Separada/o ou Divorciada/o () Viúva/o ()

4- Área de formação acadêmica:

() Saúde
() Exatas
() Humanas
() Outra: _____

5-Atuou anteriormente como docente-tutor?

() Sim () Não

6-Em caso positivo, por quanto tempo?

() Menos que um ano
() entre 1 e 3 anos
() entre 3 e 5 anos
() entre 5 e 8 anos
() Mais que 8 anos
() Não se aplica

7- Exerce outra atividade profissional além da tutoria?

() Sim () Não () Ocasionalmente

8-Teve capacitação para exercer o trabalho enquanto tutor?

() Sim () Não () Em parte

9- Jornada de trabalho semanal no Ambiente Virtual de Aprendizagem-AVA:

() até 3 horas
() entre 3 e 5 horas
() entre 5 e 10 horas
() entre 10 e 20 horas

10- Possui vínculo empregatício?

() Sim Qual(is)? _____ () Não

11-Avalia que suas condições de trabalho enquanto tutor são:

() Excelentes () Ótimas () Boas () Regulares () Ruins

12-Considera que sua saúde neste momento é:

Ruim Regular Boa Ótima Excelente

13- Ao executar suas atividades de tutoria já sentiu algum mal estar ?

Uma Única vez Mais de uma vez Sempre Nunca

14-Em caso positivo, este mal estar mais relacionado:

A aspectos físicos Qual(is)?_____ A aspectos mentais Qual(is)?_____

Não se aplica

15-Avalia que esse mal estar estaria associado ao trabalho que realiza enquanto tutor?

Sim Não Em parte

16-No caso de comprometimento de sua saúde, contou com apoio de que natureza para enfrentamento das dificuldades: (Até três opções)

Família Cônjuge Colegas de trabalho Apoio da própria instituição Pessoas de fora Não contou com apoio não se aplica

17- Como é trabalhar como docente-tutor na educação a distancia?

Obrigada pela colaboração!

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA DAS DIRETRIZES DO GRUPO FOCAL *ONLINE*

1. Introdução (aproximadamente 5 minutos)

O Moderador apresenta a técnica os objetivos da discussão. Os participantes apresentam-se através do ambiente virtual.

2. Técnica de aquecimento (aproximadamente 5 minutos)

Para iniciar a discussão e a relação entre o grupo o moderador inicia com a frase: “Minha atuação no Ambiente Virtual de Aprendizagem...”

3. Discussão Profunda (20 – 30 minutos)

O moderador digita perguntas relacionadas aos temas a serem investigados incentivando a discussão através do fórum que revele os pensamentos e opiniões dos participantes. É nesta etapa que a informação mais importante é recolhida.

Temas de investigação:

- Como é trabalhar como tutor em EaD?
- O que pensa sobre a questão da Saúde do docente-tutor?
- Já passaram por dificuldades nesse trabalho, quais e como superou essas dificuldades?
- Como a questão da saúde do tutor em relação ao seu trabalho pode ser melhorada?

4. Conclusão (aproximadamente 10 minutos)

O moderador resume a informação ou conclusões discutidas e os participantes esclarecem ou confirmam a informação. O moderador responde a qualquer pergunta, agradece aos participantes e indica os próximos passos.

APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA ABERTA

Me conte sobre como se tornou docente-tutor.

ANEXO A – DECLARAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Universidade de Taubaté
Autarquia Municipal de Regime Especial
Reconhecida pelo Dec. Fed. nº 78.924/78
Recredenciada pela Portaria CEE/SP nº 30/03
CNPJ 45.176.153/0001-22

Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação
Comitê de Ética em Pesquisa
Endereço: Rua Visconde do Rio Branco, 210
Cidade: Taubaté – SP – CEP 12020-040
Telefones: 3625-4143 3635-1233
cep@unitau.br

DECLARAÇÃO Nº 388/12

Protocolo CEP/UNITAU nº 427/12 (Esse número de registro deverá ser citado pelo pesquisador nas correspondências referentes a este projeto)

Projeto de Pesquisa: *Relações saúde e trabalho do docente/ tutor no ensino à distância: ênfase no desenvolvimento humano*

Pesquisador(a) Responsável: Flor de Liz Pereira Leão

O Comitê de Ética em Pesquisa, em reunião de **14/09/2012**, e no uso das competências definidas na Resolução CNS/MS 196/96, considerou o Projeto acima **Aprovado**.

Taubaté, 14 de setembro de 2012

Prof.ª Dr.ª Maria Divores Aves Cocco

Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté

ANEXO B– OFÍCIO À INSTITUIÇÃO

Taubaté, _____ de _____ de 2013.

Prezado Senhor (a),

Solicito a V.S^a permissão de realização de pesquisa da Aluna Flor de Liz Pereira Leão do Curso de Mestrado em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté, a ser desenvolvida nos meses de julho de 2011 a junho de 2013, intitulada “**RELAÇÕES SAÚDE, TRABALHO E RESILIÊNCIA DO DOCENTE-TUTOR NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**”. O estudo será realizado com funcionários (docentes-tutores) do Núcleo de Tecnologias para a Educação - UEMANET, sob a orientação da Prof^a. Dra. Marluce A.Borges Glaus Leão e tem como objetivo investigar as inter-relações saúde-trabalho e resiliência do docente-tutor que atua no contexto da EaD e suas repercussões em termos de desenvolvimento humano.

Para tal, serão convidados por meio do ambiente virtual (Plataforma Moodle) os docentes-tutores dos cursos oferecidos por esse núcleo, após serão reunidos em dois grupos de 8 pessoas cada para aplicação da técnica do grupo focal *online*, que inclui a aplicação de questionário, participação de fórum e uma entrevista, em locais e dias previamente agendados. Para efeito de devido resguardo da Instituição, a pesquisadora se responsabilizará pela guarda do material coletado na base de dados, registrado na forma escrita, e não ficará disponível ao domínio público.

Ressalto que este projeto de pesquisa passou por análise e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté, sendo aprovado sob o CEP/UNITAU n°427 (ANEXO A).

Flor de Liz Pereira Leão

Ilmo(a). Sr(a): _____

Diretor(a): _____

ANEXO C – AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

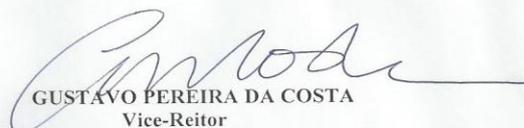
Termo de Autorização da Instituição

De acordo com as informações contidas no ofício em anexo, sobre a natureza da pesquisa intitulada **RELAÇÕES SAÚDE, TRABALHO E RESILIÊNCIA DO DOCENTE/TUTOR NO ENSINO À DISTÂNCIA**, da aluna abaixo relacionada, como exigência do curso de Mestrado em Desenvolvimento Humano Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté, os objetivos apresentados e a submissão do projeto ao Comitê de Ética da UNITAU, a Instituição que represento autoriza o acesso da pesquisadora a dados públicos e o convite a sujeitos de pesquisa que integrem esta IES, desde que se comprometa a manter o anonimato dos profissionais e da Instituição, pois será usado para essa pesquisa um nome fictício.

Nome da Aluna: **Flor de Liz Pereira Leão.**

Nome da Instituição: **UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO**

CNPJ da Instituição: **06.352.421/0001-68**


GUSTAVO PEREIRA DA COSTA
Vice-Reitor

ANEXO D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável. Em caso de recusa você não será penalizado (a) de forma alguma.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto **RELAÇÕES SAÚDE, TRABALHO E RESILIÊNCIA DO DOCENTE-TUTOR NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA.**

Pesquisadora Responsável: Profa. Dra . Marluce A.Borges Glaus Leão

Pesquisadora participante: Flor de Liz Pereira Leão.

Telefones para contato: (98) 9995-1213

- A pesquisa tem como objetivo principal, investigar as inter-relações saúde-trabalho e os aspectos de resiliência do docente- tutor que atua no contexto da Educação a Distância.
- Não haverá riscos e nem prejuízos às pessoas entrevistadas, pois seus dados pessoais não serão revelados durante a pesquisa e não haverá desconforto por qualquer tipo de situação.
- Os benefícios decorrentes da participação do sujeito na pesquisa serão a possibilidade de refletir sobre a relação saúde, trabalho e resiliência do docente-tutor na EaD.
- A pesquisa terá duração de vinte e quatro meses, com garantia de sigilo de dados pessoais dos entrevistados. O entrevistado terá total direito de retirar, em qualquer tempo, seu termo de consentimento da pesquisa sem qualquer penalidade.

Nome e Assinatura da pesquisadora:

Profa. Dra. Marluce A.Borges Glaus Leão

**ANEXO E – CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO
SUJEITO**

Eu, _____, RG _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo (**RELAÇÕES SAÚDE, TRABALHO E RESILIÊNCIA DO DOCENTE-TUTOR NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**), como sujeito. Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador Flor de Liz Pereira Leão sobre os objetivos da pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Local e data _____ . ____/____/____.

Nome: _____

Assinatura do sujeito ou responsável: _____

**TRANSCRIÇÃO DAS RESPOSTAS DA PERGUNTA ABERTA DO
QUESTIONÁRIO BIO-SOCIO-OCUPACIONAL**

Como é trabalhar como docente-tutor na educação a distancia?

Participante T1- Desafiador e extremamente gratificante

Participante T2- Uma experiência gratificante, pois o tutor é um docente que acima de tudo orienta o aluno mostrando-o o melhor caminho. Por ser EAD o tutor além de seu conhecimento técnico, tem que ser excelente em relações humanas, pois trata com uma modalidade que ainda sofre preconceitos.

Participante T3- Trabalhar com a educação no momento em que vivemos, é sempre algo de grande expectativa e entusiasmo, uma vez que ajudar a desenvolver novos formadores de opinião é muito importante e cada vez mais necessário no cenário atual, mundialmente falando. Desta forma o tutor, não menos importante que o professor, faz-se essencial ao desempenhar o papel de facilitador e multiplicador dos conhecimentos a serem repassados aos alunos. Portanto, trabalhar como tutor é algo muito gratificante na concepção atual da educação, uma vez que este agrega valores e se dedica na capacitação de pessoas que no futuro poderão dar continuidade à este legado.

Participante T4 - A EaD sofre preconceitos. É um desafio, pois muitas pessoas ainda encaram a EAD como uma forma mais fácil de conseguir um certificado ou diploma. Contudo, também observo que várias pessoas valorizam o fato de poder fazer um curso que de forma presencial seria difícil de conseguir. Assim, acredito que a EAD contribui para a melhoria educacional em nosso país.

Participante T5- Tem sido uma experiência gratificante, uma vez que, enquanto tutora procuro desenvolver da melhor forma possível o papel a mim atribuído.

Participante T6- Gratificante, pois você se sente responsável pela formação da vida profissional dos alunos, almeja de estar crescendo profissionalmente.

Participante T7- Uma experiência satisfatória posto que nos permitam compartilhar conhecimentos e aprender junto aos alunos de diferentes realidades, a EAD encurta distâncias e assegura aprendizagem com autonomia de seus sujeitos. É um trabalho desafiador, em especial porque ainda há preconceito e também dificuldades na implantação e uso das tecnologias.

Participante T8 - É um desafio, pois muitas pessoas ainda encaram a EAD como uma forma mais fácil de conseguir um certificado ou diploma. Contudo, também observo que várias pessoas valorizam o fato de poder fazer um curso que de forma presencial seria difícil de conseguir. Assim, acredito que a EAD contribui para a melhoria educacional.

Participante T9- Maravilhoso.... gosto muito!!

Participante T10- De forma geral positiva!

Participante T11- Muito complexo, posto as dificuldades enfrentadas pelos cursistas, o que se reflete diretamente no trabalho do tutor/docente. Principalmente no que diz respeito à produção, no caso específico de orientação de TCC, área em que atuo.

Participante T12- Em parte é desafiador porque os alunos muitas vezes têm uma formação muito precária e pouco tempo para interagir, além da dificuldade nas localidades de acesso à internet.

Participante T13- O trabalho de tutoria em EaD é bastante interessante, uma vez que se tem a oportunidade de direcionar o processo de aprendizado, respeitando o momento de assimilação de cada aluno, diferente do ensino presencial.

No entanto, algumas instituições não dão à devida importância a figura do tutor, que é a peça fundamental para o sucesso da Ead.

Normalmente quando há treinamento é enfatizado apenas o conteúdo e não a operacionalização da plataforma virtual. Isso resulta em uma subutilização dos recursos da própria plataforma por parte do tutor.

Participante T14- Embora os desafios sejam muitos, pois temos que ter habilidades para motivar constantemente os cursistas a acessar e participar das atividades e fóruns diariamente; É uma ótima experiência trabalhar com o ensino a distância.

Participante T15-É de suma importância para meu aprimoramento pessoal e profissional, que além de ser tutora, sou aluna de alguns cursos de Ead. Nós tutores temos a responsabilidade de acompanhar as atividades/fóruns/notas dos alunos, além de motivá-los a continuar nesse processo de aprendizagem e para isso muitas vezes precisamos de adaptação com cada aluno e passamos por inúmeras situações que nos engrandecem. Sou muita satisfeita com o trabalho e acredito no ensino à distância, muito gratificante.

Participante T16-Este trabalho é muito gratificante, nos dar oportunidade para crescermos enquanto profissionais. Já atuo a três anos nesta área e posso dizer que até o momento pretendo continuar desenvolvendo um trabalho de qualidade e assim poder contribuir com as pessoas independentes do lugar onde estejam.

TRANSCRIÇÃO DO GRUPO FOCAL *ONLINE*

PERGUNTA 1 – “Minha atuação no Ambiente Virtual de Aprendizagem...”

Participante G1- Eu sou tutora presencial e o meu contato com os alunos é mais nos encontros presenciais e aos sábados. Mas é trabalho prazeroso.

Participante G2- Eu também sou tutora presencial e acho essencial o trabalho de tutoria, pois ainda tem um grande número de alunos com deficiência no uso das ferramentas.

Participante G3- O trabalho de tutoria presencial para os alunos que encontram dificuldades é no sentido de ampará-lo e nossa contribuição é no sentido de ajudá-lo mesmo, sendo essencial.

Participante G4- Eu já só tutora a distância e uso diretamente o Ava, mais uma vez por mês temos encontros com os educando nos polos, pois somos responsáveis pela aplicação de prova e às vezes ministramos aulas também. Mais no geral é bom.

Participante G5- Meu contato é a distância, penso que é interessante pela mediação, pois nos acabamos humanizando um pouco esse processo, digo, em relação ao aluno, pois o tutor de fato é um professor e representante da instituição. Não há como fugir!

Participante G6- Meu contato é no Ava... sou tutor e faço papel de professor. Meu trabalho é de docência. Podem até usar outras nomenclaturas para diferenciar a forma de pagamento, ou seja, fazer que saia mais barato esse serviço. No entanto, é um trabalho de mediação da aprendizagem e essencial pra ao aluno.

Participante G 7- Penso que a tutoria é importante pelo fato da mediação com o aluno, e melhora o aprendizado e é essencial.

Participante G8 – Também sou tutora a distância, e minha função é de acompanhar o aluno, sugiro materiais, tenho papel de mediadora e incentivadora, pois muitos querem desistir do curso.

PERGUNTA 2 - Como é trabalhar como tutor em EaD?

Participante G1- A maioria dos tutores não vivem exclusivamente da EaD tenho que conciliar essa atividade com meu emprego para poder atender aos alunos.

Participante G2- Muitas das vezes trabalhamos na madrugada, corrigindo atividades, respondendo fórum, dormindo mal, e ainda assim não conseguimos dar atenção que gostaríamos para os alunos. Isso é o papel do tutor na Ead.

Participante G3- Apesar das responsabilidades de acompanhar, motivar, e ser mediador na EaD, também não temos nenhum direito trabalhistas.

Participante G4- O interessante é que a própria CAPES faz exigência como fazer parte da rede municipal, estadual, federal ou ser vinculado a uma pós graduação ou programa stricto sensu.

Participante G5- Para ser tutor a CAPES não aceita a experiência da docência, não há um reconhecimento.

Participante G6- Existe uma exigência como ser capacitado e gabaritado para ser tutor na Ead.

Participante G7- O tutor presencial tem importante papel, pois como ele tem contato direto com os alunos recebem as reclamações e decepções dos alunos.

Participante G8- Isso acontece mesmo e não temos como resolver de imediato. Todas as reclamações são passadas para as coordenações. Ficamos aguardando a resolução, que as vezes não acontece. Sem falar na quantidades de alunos. A estrutura precisa melhorar.

PERGUNTA 3 - O que pensa sobre a questão da Saúde do docente/tutor?

Participante G1 - Achei muito interessante o tema, mas até agora eu não soube de alguém ter ficado doente, ou adoeceu. Já estou há 2 anos nessa função e nunca tive nenhum problema.

Participante G 2 – Ainda não tenho conhecimento de doenças causado por essa função.

Participante G3 – Pode ser uma LER.

Participante G4- Talvez mental, estresse, pois as cobranças são constantes e temos que atender. Por mais que agente se esforce.

Participante G5 – Na verdade o problema é estrutural e acaba recaindo sobre as costas do tutor presencial/a distância. Inúmeras vezes temos formação e as reclamações são mesmas (desistências de alunos, trabalhos péssimos), estresse total.

Participante G6 – Muitos são os problemas como estrutural, internet, web tudo isso gera estresse.

Participante G7 – Uma vez por mês viajamos talvez pela periculosidade de um acidente.

Participante G8 – Nesse trabalho existem muitas cobranças. O que me chamou atenção nessa pesquisa foi o tema, nunca tive ouvido falar sobre isso e achei interessante ser investigado.

PERGUNTA 4 - Já passaram por dificuldades nesse trabalho, quais e como superou essas dificuldades?

Participante G1 - Concordo com o colega quando fala sobre a questão da Web, internet, pois as capacitações de alguns cursos não enviam o material antes da capacitação. Essa é uma dificuldade de gestão dos cursos.

Participante G2 – O trabalho de tutor envolve várias funções e você acaba assumindo outros papéis, fora a pressão e cobranças. Mais a tutoria acontece.

Participante G3- Outra têm-se que trabalhar na madrugada para conseguirmos dar conta de todas as atividades. Também as capacitações precisam melhorar.

Participante G4 – Tanto trabalho e o futuro dessa profissão são incertos.

Participante G5- A maior dificuldade que vejo é quando temos que nos deslocar para os polos, por que são muito perigosas dependendo do lugar que você vai. No trabalho de visita ao polo quase uma carreta quase passou por cima da gente, ainda tive que ministrar a tutoria tive que fazer, não tive para onde correr.

Participante G6- Concordo é muito perigoso essas viagens e não tem jeito temos que fazê-las. Fora a quantidade de atividades para corrigir.

Participante G7 - Nessas horas de dificuldades é que a família faz a diferença e contamos com ela para nos dar apoio.

Participante G8 – O pior de tudo é chegar cansada e ter que fazer um terceiro turno corrigindo atividades, mas a bolsa ainda ajuda na renda.

PERGUNTA 5 - Como a questão da saúde do tutor em relação ao seu trabalho pode ser melhorada?

Participante G1- o primeiro passo é a profissionalização, a tutoria tem que se tornar uma profissão reconhecida para garantir nossos direitos trabalhistas, pois isso nos causa uma certa insegurança. A qualquer hora podemos ser desligado e não temos direito a nada...

Participante G2 – não podemos esquecer a estrutura como um todo, as tecnologias deixa muito a desejar, pois um grande problema é a internet nos interiores, até um vídeo simples os alunos conseguem assistir e muito menos baixar um arquivo PDF. Sem falar das entregas dos materiais impressos.

Participante G3 – os alunos do interior sofrem muito pra chegarem aos polos, tem que melhorar a estrutura em geral, e assim melhora também o nosso trabalho. Tudo isso melhora nossa condição de saúde, as viagens, inseguranças no trabalho.

Participante G4 – tem que melhorar as organizações do curso são inúmeras as reclamações dos alunos.

Participante G5 – solucionar as reclamações dos alunos, melhorar as condições de trabalho dos tutores, melhorar o tempo das disciplinas, pois o tutor é responsável pela aprendizagem do aluno.

Participante G6 – um passo importante é a profissionalização, as tecnologias, a estrutura, reclamações, tudo isso tem que mudar e melhorar.

Participante G7 - concordo plenamente com os colegas o ensino EaD é importante e precisa melhorar.

Participante G8 – parece até brincadeira mais esses problemas ocorrem e continua acontecendo a Ead e os recursos tecnológicos precisam passar por uma reestruturação e rápido. Todos meus colegas estão relatando dificuldades e problemas que enfrentamos todos os dias. Precisamos de mudanças no atendimento aos nossos alunos, na IES, nos processos, e por fim, oferecer melhor condição de trabalho para nos tutores.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA ABERTA- EA1

A minha história como tutor começou a partir de um convite da coordenação, no começo não acreditávamos nesse negócio de educação a distancia, ainda tenho colegas que não concordam e relutam mesmo. Iniciamos um curso de capacitação e achei um pouco difícil no início mais fui me acostumando, conhecendo e descobrindo e gostando das ferramentas, dos materiais, da interação com o aluno, hoje estou viciada na net. É engraçado como as coisas mudam já estou a algum tempo atuando como tutora e a cada dia descubro mais coisas, novas ferramentas é gostoso. Meus alunos são ótimos, eles buscam mesmos e sempre estão querendo mais informações. Mais nem tudo são flores, agente encontra muitas dificuldades como: nos pólos a dificuldade de acesso a internet, lugares longe, falta de computadores, estrutura coisa física e o material impresso demora chegar. Essa é a parte chata da Ead mais muita coisa já mudou e melhorou. Mais isso faz parte! Gosto muito de ir aos pólos uma vez por mês viajamos para aplicarmos prova, mesmo nos deparando com o perigo das estradas, nessa hora temos o contato direto com os alunos para ouvi-los, o tutor recebe toda espécie de reclamação do aluno e às vezes não conseguimos dar uma resposta para aquele problema, pois a direção leva tempo pra resolver. Isso é um pouco frustrante.

Outro dia viajei para um pólo para aplicação de provas e me deparei com uma situação que tenho certeza que acontece não só lá, um aluno viajou quase 8 horas para fazer uma avaliação, ele contou que foi de cavalo, caminhão para poder chegar. É muita força de vontade para estudar. Ah são tantas histórias... São essas coisas que nos deixa orgulhosos de ser professor. Amo minha profissão, muitas das vezes chego a ficar até tarde porque não vivo só da tutoria, se vivesse passaria fome, eu já tive algumas dificuldades mais superei todas com ajuda dos meus alunos e amigos de profissão, que sempre tiveram dispostos a ajudar, você sabia que não existe a profissão de tutor. É verdade, as pessoas confundem ainda com o termo jurídico de guarda, não existe salário e sim uma bolsa paga pelo o Mec, uma bolsinha bem magrinha. Muitas pessoas consideram essa atividade como um quebra galho, uma complementação de renda, fora que são muitas responsabilidades se trabalha muito e as atividades exigem mesmo dos alunos, ou estuda e constrói alguma coisa ou está fora do processo.

Já peguei uma sala com 35 alunos e olha não é fácil você orientar e dar feedback para todos, quase fiquei doente de tanta preocupação. Se trabalha a noite, na madrugada para dar conta. Acho que o ideal seria ter uns 25 alunos por sala. Fora que hoje as tecnologias te deixa viciado você a toda hora é vendo email, é no tablet, no celular, no computador agente não tem mais paz. Tudo isso faz parte do processo se você quiser continuar trabalhando com EaD. No curso que sou tutor nos temos uma grande equipe que dar suporte pedagógico, tecnológico e

logístico, mais ainda sim temos dificuldades e cobranças. Teve um período que muitos alunos evadiram o curso e a coordenação cobrou dos tutores a responsabilidade, acho que em parte eles estão certos mais também é responsabilidade da coordenação. Quanto ao futuro ainda temos um grande caminho ainda ser percorrido. Eu já tive algumas dificuldades mais superei todas com ajuda dos meus alunos e colegas de profissão que sempre tiveram dispostos a ajudar, principalmente com o atraso dos fascículos, sempre dei sugestão de material pra eles e as tutorias eram mesmo para tirar duvidas, mais nem todos compareciam. Como eu disse ainda temos um longo caminho a percorrer.